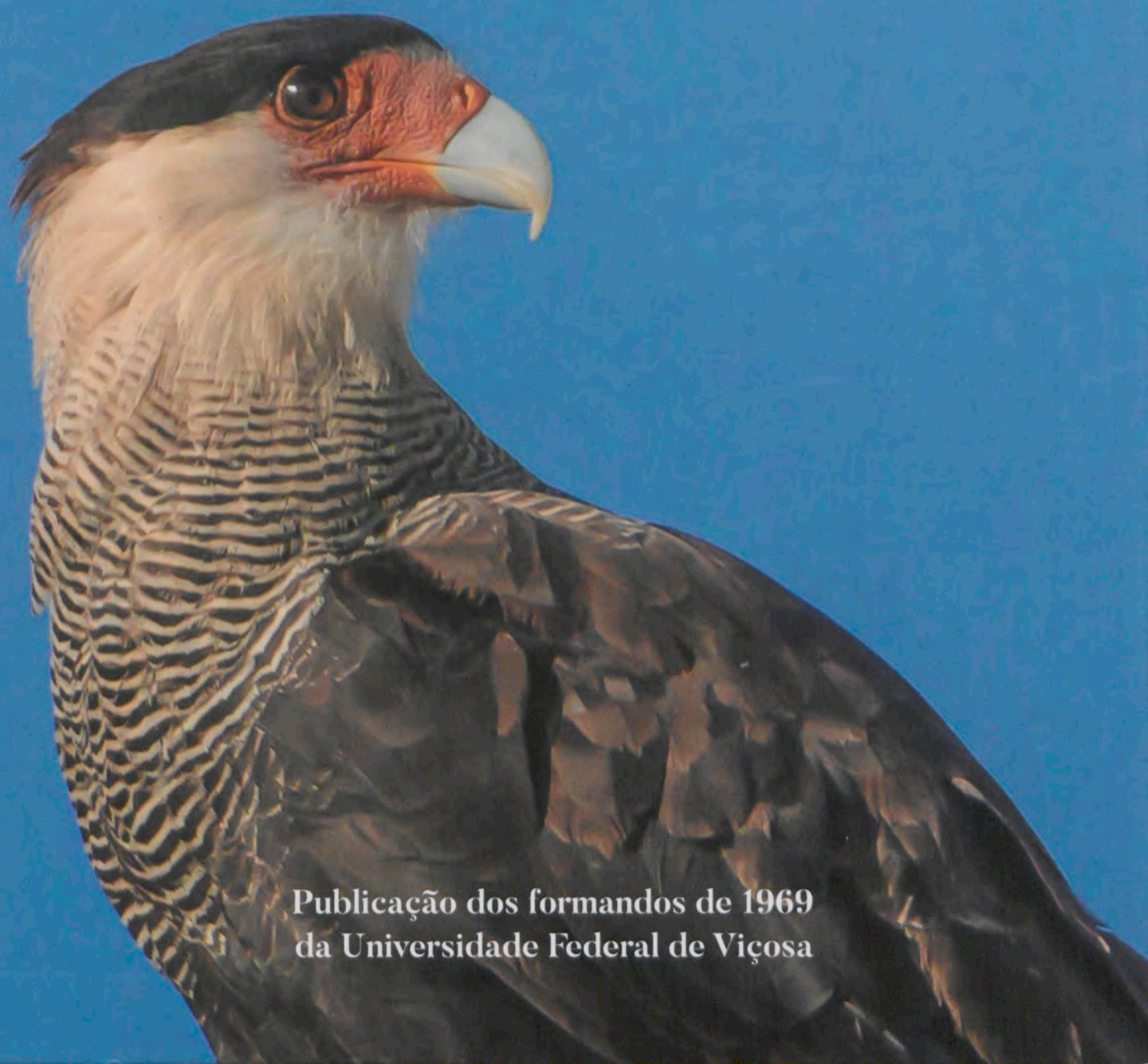


CARCARÁ 50 ANOS

A história de uma amizade



Publicação dos formandos de 1969
da Universidade Federal de Viçosa



CARCARÁ 50 ANOS

A história de uma amizade

Prelácio

Dedicatória

Este livro é dedicado a todos os nossos pais, filhos, esposas, maridos, professores e demais amigos que, de alguma forma, contribuíram e participaram da trajetória da turma do Carcará.

Prefácio

A ideia do livro da turma *Carcará 50 anos* teve como desafio o registro do *modus operandi* vivenciado pelos seus integrantes em sua formação profissional e humana. Esse trabalho foi desenvolvido com carinho, espírito de companheirismo e solidariedade que sempre estiveram presentes em nossas vidas universitária e profissional. De formatação leve, acessível, ele registra o nosso “berço acadêmico” e a narrativa dos fatos em autobiografias.

A decisão da edição do livro foi tomada em agosto de 2017. Os trabalhos tiveram início em encontros de colegas em bares e botequins em Belo Horizonte. Criou-se, então, um Comitê Editorial para traçar as diretrizes, estabelecer estratégias de edição e o cronograma das ações necessárias à elaboração da obra.

O grande desafio que tínhamos a vencer era o de arrebanhar, no mínimo, 50 colegas para financiar os trabalhos. Em seguida, definir a linha editorial do livro, procurando fugir da visão saudosista, já abordada em obras anteriores. O trabalho de edição deveria estar focado na contribuição que a turma do Carcará proporcionou ao desenvolvimento de Minas, do Brasil e do Mundo.

Vencidas com galhardia essas etapas, o Comitê Editorial deu início à contratação de uma empresa especializada, PIQUINI Comunicação Estratégica, que se propôs a dar forma e conteúdo aos nossos propósitos.

Encerrados os trabalhos, o Comitê Editorial, com muita alegria no coração, parabeniza e agradece a todos que contribuíram para a construção deste livro *Carcará 50 anos* que, sem dúvida, é uma obra-prima que poderá inspirar novos colegas.

Como planejado, a sua entrega será na festa de nossas comemorações de

Apresentação

50 anos de formatura em dezembro de 2019. A solenidade acontecerá na UFV, Viçosa, Minas Gerais, onde certamente ecoará um grande GRITO, refrão de todos os acontecimentos e eventos de nossa vida universitária.

Grito de guerra dos 176 integrantes da turma do Carcará 1969:

“A turma, avança,
Enquanto o bicho berra,
É Deus, no céu,
Carcará aqui na terra,
50 anos, 50 anos, 50 anos.....BRASIL!!!”

Comitê Editorial

Ana Maria Gama Chaves (Ana Maria)

Antônio Carlos Tarré Carvalho de Oliveira (Pilastrinha)

Antonio Carlos Ribeiro (Dudu)

Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho (Bahia)

Antônio Luiz de Lima (Espeto)

Carlos Antônio Landi Pereira (Totonho)

Célio Gomes Floriani (Catarina)

José Alberto de Ávila Pires (Xapecó) - Secretário-geral do Comitê

José Corrêa Antunes (Xilô)

James Gomes Pitt Simpson (Margaridinha)

Marcelo Franco (Marcelo)

Apresentação

Colegas carcareanos,

50 anos se passaram desde que recebemos nossos diplomas das mãos dos saudosos mestres da Universidade Federal de Viçosa, em dezembro de 1969. Além das conquistas individuais de cada um de nós, o maior legado da Turma do Carcará foi a amizade iniciada dentro dos limites da universidade. Se por um lado as condições geográficas e estruturais da cidade favoreceram o nascimento desta verdadeira irmandade, por outro, o passar do tempo não foi capaz de apagar esse sentimento, que é tão forte até os dias de hoje.

Tal como a terra, que precisa ser adubada, regada e muito bem trabalhada para que se garanta sua produtividade e possa, assim, produzir bons frutos, a amizade também precisa ser estimulada e alimentada continuamente para que os laços já construídos não se dissolvam. Neste sentido, sempre estivemos juntos. Nos encontramos nas várias festas dos ex-alunos, mas também estivemos juntos no mercado de trabalho, pesquisando e ampliando as fronteiras agrícolas do país.

Essas e outras histórias poderão ser conferidas aqui. Este livro retrata um pouco da nossa caminhada pela UREMG/UFV e traz um resumo do que foi nossa vida fora da universidade: o trabalho, a busca pelo aperfeiçoamento profissional, os êxitos conquistados em cada área, a construção de nossas famílias e, acima de tudo, a história de uma grande amizade, hoje 50 anos mais forte.

Boa leitura!

Apresentação

Colégios carcerários

50 anos se passaram desde que tivemos nos Estados Unidos os primeiros estudos feitos de maneira sistemática sobre a eficácia dos programas de intervenção em liberdade condicional. Desde então, os pesquisadores têm se dedicado a avaliar os resultados de programas de intervenção em liberdade condicional em termos de reincidência, emprego, saúde mental e bem-estar. Apesar de não haver um consenso sobre a eficácia desses programas, há uma tendência clara de que os programas de intervenção em liberdade condicional possam ser eficazes em reduzir a reincidência e melhorar o bem-estar dos indivíduos em liberdade condicional.

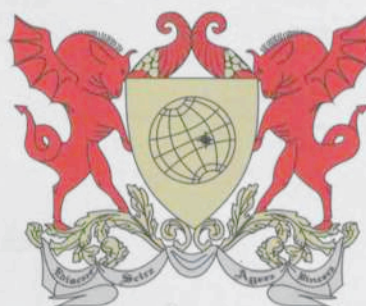
— Tal como se sabe, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente caro e complexo. Além disso, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente complexo e caro. Além disso, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente complexo e caro. Além disso, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente complexo e caro.

Esses e outros fatores podem ser considerados como sendo parte de um conjunto de fatores que contribuem para a alta taxa de reincidência em liberdade condicional. Além disso, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente complexo e caro. Além disso, o sistema de justiça criminal nos Estados Unidos é extremamente complexo e caro.



< Modelo

O brasão da UFV (abaixo) serviu de modelo para o brasão da turma do Carcará, no qual se lê, em latim, a frase “Pega, mata e come”.



O brasão Carcará

O brasão oficial da Universidade Federal de Viçosa (UFV), idealizado por José Marcondes Borges e desenhado por Alfred Beck Andersen, ex-professores da Instituição, foi aprovado pelo Conselho Universitário em 1952, para caracterizar a então Escola Superior de Agricultura e Veterinária (Esav). O símbolo foi mantido quando a UFV foi criada. Em sua divisa se lê: Ediscere, Scire, Agere, Vincere, que correspondem a “Aprender, Saber, Agir e Vencer”, atitudes esperadas dos alunos da universidade.

Ele é a inspiração do brasão oficial do Carcará, no qual essas palavras foram substituídas por Capit, Necat et Manducat, que é a tradução em latim de “Pega, Mata e Come”.

A ideia de criar o brasão partiu de Mônica Bernardes Peixoto Pitt Simpson, esposa do carcareano James Simpson, durante os preparativos para a festa de 40 anos de formatura, em 2009. Ela desenvolveu o projeto, procurou firma especializada e contratou a confecção.



Logo of the University of Valencia (UV) featuring a crown, a shield with a book and a sun, and a banner below.



O Prasso Carcari

O Prasso Carcari é um projeto de extensão da Universidade Federal de Viçosa (UFV) desenvolvido por José Manoel Borges e orientado por André Beck André. Este projeto de extensão tem como objetivo promover a interação entre os professores de História da UFV e os alunos da UFV, visando à formação de um grupo de trabalho em História da UFV. O projeto foi criado em 2005, com o objetivo de promover a interação entre os professores de História da UFV e os alunos da UFV, visando à formação de um grupo de trabalho em História da UFV. O projeto foi criado em 2005, com o objetivo de promover a interação entre os professores de História da UFV e os alunos da UFV, visando à formação de um grupo de trabalho em História da UFV.

Índice

Dedicatória	05
Prefácio	06
Apresentação	09
O brasão Carcará	11
Capítulo I: O levedo fermenta a massa	18
Capítulo II: Admirável mundo novo	30
Capítulo III: A conquista do Cerrado	48
Capítulo IV: Onde estamos, 50 anos depois (biografias)	62
Afonso Peixoto Magalhães, Protocolo	64
Agostinho Martins da Cunha Miranda, Boi	65
Alcina Madalena de Almeida Montenegro, Alcina	66
Ana Maria Gama Chaves, Faísca	67
Anna Mariani, Protesto	69
Antônio Carlos de Magalhães Giovanini, Tatu	69
Antonio Carlos Ribeiro, Dudu	70
Antônio Carlos Tarré Carvalho de Oliveira, Pilastrinha	73
Antônio Dércio Varoni, Paulista	74
Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho, Bahia	76
Antônio Luiz de Lima, Espeto	78
Antônio Paulo Pinto Cerquiera, Cantagalo	80
Antônio Massao Hiramã, Shashisha	81
Berlina Miguel de Souza Bordoni, Berla	82
Carlos Antônio Landi Pereira, Totonho	83
Carmen Lúcia Gonçalves Missiaggia, Carmen	86
Cassandra Dias Castro, Cassandra	87
Célia Lúcia Fortes Ferreira, Célia	88
Célio Gomes Floriani, Catarina	90
Chateaubriand Lustosa Buteri, Salário	92
Cleia Maria Fernandes, Creia	93
Concheta Almenara Scarton, Concheta	94
Darci Clementino Lopes, Gambá	95
Dárcio Calais, Calais	97
Diana Maria Coelho de Miranda, Narizinho	99
Eliete Mortimer Jordão, Braza	100
Elmina Tizuco Shimizu, Elmina	103
Fernando Antônio da Silva, Tico-Tico	105

Fernando Carvalho da Silva, Menino	106
Florisdalva Varjão de Andrade, Dalvinha	109
Geraldo Aparecido de Aquino Guedes, Guedes	110
Gilson Villaça Exel Pitta, Graxeira	111
Helena Maria Moreira, Helena	113
Helenira Fontenelle, Mira	114
Hermando Ferreira de Noronha, Acelerado	115
Humberto Resende, Acarino	116
Ivo Francisco de Andrade, Ivo	118
James Gomes Pitt Simpson, Margaridinha	119
João Bosco Diniz Pereira, Quase Lindo	122
João Eustáquio de Lima, Dorinha	124
Jorge da Costa Vicente, Nugget	126
José Alberto de Ávila Pires, Xapecó	127
José Anilton Dias Vieira, Cotia	128
José Arnaldo Cardoso Penna, Pinico	129
José Carlos Campello de Castro, Meiose	131
José Corrêa Antunes, Xilô	132
José da Cruz Machado, Machadinho	133
José Diniz de Araújo, Brasinha	135
José Ladeira da Costa, Joseres	137
José Lucindio de Oliveira, Buzuntão	139
José Luiz Veloso Maia, Anelado	141
José Mansur Nacif, Judeu	142
Juarez de Souza e Silva, Contrapino	143
Laura Lúcia Braga, Lалу	145
Ludovico José Maso, Maso	146
Luiz Augusto de Lima Freitas, Gugu	149
Marcelo Franco, Marcelo	150
Maria Angélica Paiva dos Santos Spinelli, Catita	152
Maria Lídia Gomide, Lídia	154
Marinet Merçon, Net	155
Mário D'Amato Martins Costa, D'Amato	156
Marlôve Santos Quadros, Lôve	157
Maurício Orivaldo da Silveira, Maurício Bambu	159
Maurício Roberto Fernandes, Perereca	161
Morel Ferreira Filho, Morel	161
Mozart Benatti, Pinóquio	163
Neuza Maria da Silva, Neuza	165

Oliveiro de Almeida Soares, Azeitona	166
Onildo Santiago, Onildo	167
Oswaldo Henrique Paiva Ribeiro, Varginha	168
Oswaldir Martins, Obladi	169
Paulo Cesar Fernandes Lima, Paulinho	170
Rômulo Augusto Labbate Marques, Rômulo	173
Sebastião Nogueira Júnior, Nogueirinha	174
Sílvio José Martins Batista, Sílvio	176
Tsuyoshi Kuwajima, Chochô	177
Valdenice Moreira Simões, Val	178
Vilson Cohen Persiano, Paçoca	179
Wellington Abranches de Oliveira Barros, Mamão	181
Wilson Denículi, Taboa	182
Em memória	184
Uma amizade que merece registro	185
A árvore do Carcará	187
Todos os carcereanos	188
Nota dos editores	191
Expediente	193





< A Cidade

A 225 km de Belo Horizonte, Viçosa desenvolveu-se econômica e socialmente em torno da universidade.

O levedo
fermenta a massa

O Brasil é conhecido como celeiro do mundo devido ao uso extensivo de partes de seu grande potencial agrícola. A ampla diversidade das condições climáticas presentes no país, a fertilidade de seu solo, o clima tropical, a grande incidência de luz solar e a abundância de água e chuva são fatores que permitiram o crescimento da produção.

Entretanto, o salto que o país deu, passando de importador para exportador de alimentos, só foi possível graças à formação de profissionais especializados e aos avanços dos investimentos em pesquisas e inovação. Ao longo dos últimos 50 anos, o agronegócio brasileiro cresceu e se transformou de maneira expressiva. A incorporação de terras do bioma Cerrado ao processo produtivo nacional, em especial a partir do início da década de 1970, certamente foi o maior marco dessa transformação.

E essa não foi uma transformação gerada por forças espontâneas. Foi na verdade uma construção lenta, gradual, mas sólida. Começa lá atrás, nos anos de 1920, com a criação das primeiras faculdades de agronomia no país, trazendo o conhecimento, sistematizando o ensino e formando gerações de profissionais que fizeram do potencial agrícola brasileiro uma realidade. Passa pela criação de programas de estímulo à ação no campo, tocados adiante por instituições públicas e privadas de pesquisa e assistência técnica e extensão rural, permitindo a disseminação e incorporação de técnicas e saber para empresários e famílias dedicados à produção. Este processo ganha aceleração com o desenvolvimento da tecnologia e inovação para a agricultura tropical, principalmente com a criação do sistema nacional integrado de pesquisa, nos anos de 1970.

Esse processo, notável e vitorioso, foi construído por pessoas que sempre acreditaram no potencial da agricultura brasileira. Uma confiança que, tal qual o levedo fermenta a massa, foi a força motriz que fez do agronegócio brasileiro uma das mais vistosas demonstrações da capacidade empreendedora do Brasil. Essa é uma vitória coletiva, construída por milhares de pessoas, ao longo de muitas décadas de trabalho e dedicação. Entre esses desbravadores vitoriosos, está a Turma do Carcará. Ao conquistarem seus diplomas, esses jovens profissionais, homens e mulheres, derrubaram preconceitos, criaram tecnologia, partiram para o campo e venceram desafios considerados impossíveis de serem vencidos. Hoje a agricultura responde por cerca de 25% do PIB brasileiro, é competitiva internacionalmente e o país lidera a produção de muitas commodities agrícolas e da proteína animal.

Uma história que tem raízes distantes. E que merece ser contada.

A formação das escolas

No ano de 1920, Arthur Bernardes, presidente do Estado de Minas Gerais (governador), assinou a lei que permitiria a construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária na cidade de Viçosa. Devido ao avanço destas áreas

“ Com a colaboração da universidade de Purdue, a partir de 1958, surgiu o primeiro curso de pós-graduação em Ciências Agrárias do país. ”

nos Estados Unidos, a ESAV foi idealizada segundo características americanas, contrariando a tradição da época de seguir modelos europeus. Por este motivo, através dos departamentos de Estado e da Agricultura americanos, foi indicado o Dr. Peter Henry Rolfs, diretor do Florida Agricultural College of University of Florida,

para dirigir a nova escola.

Em um primeiro esboço apresentado, o Dr. Rolfs propôs como base curricular as cadeiras Veterinária, Agronomia, Horticultura, Moléstias das Plantas e Insetos, Solos, Mecânica Agrícola, Química, Silvicultura, Língua Portuguesa,



Monteiro Lobato publica a primeira edição do livro *A Menina do Narizinho Arrebitado*, o primeiro livro infantil brasileiro.

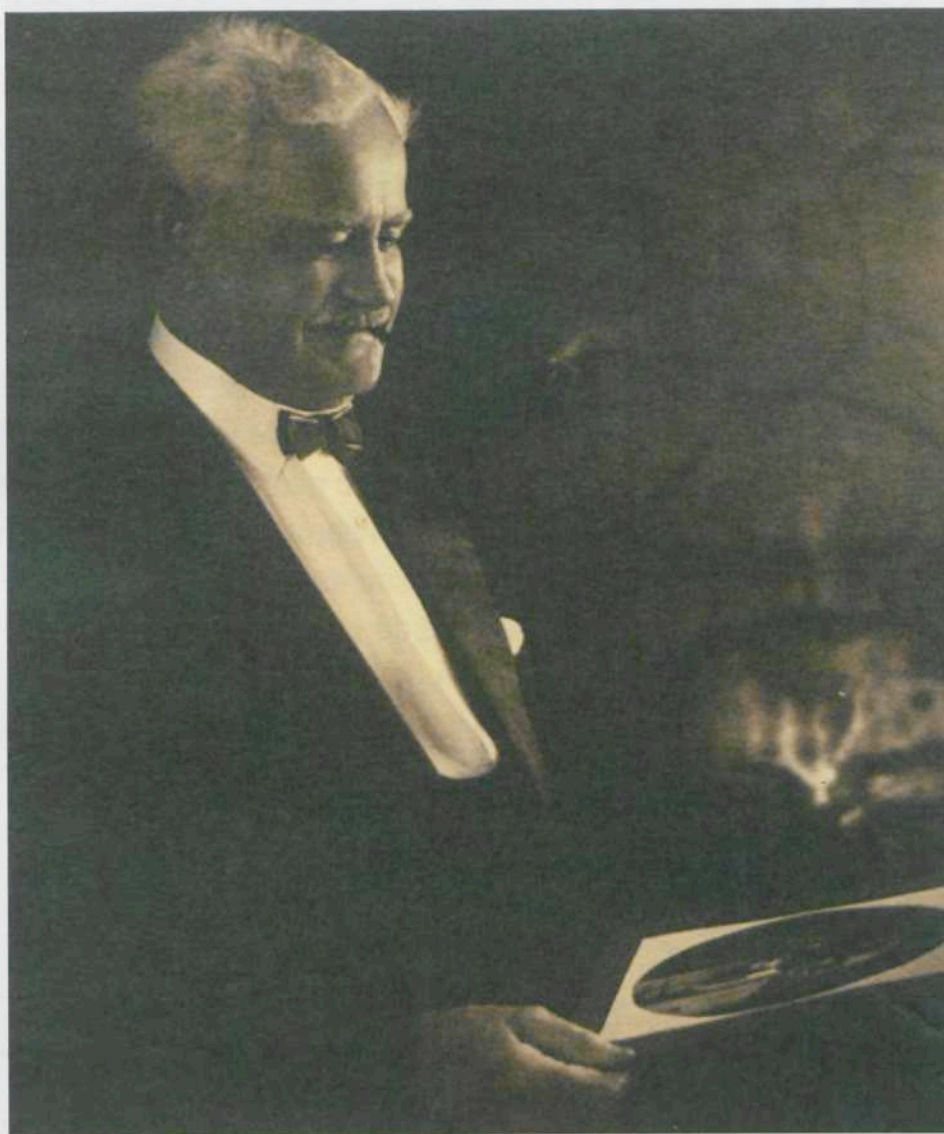


Acontece no Teatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna, que viria a mudar o mundo das artes brasileiras.

Charles Lindbergh cruza sozinho o Atlântico a bordo do monomotor Spirit of St. Louis e deu asas à imaginação quanto ao uso dos aviões.

História do Brasil e Matemática. Foi dele também a proposta de se formatar um curso de Engenharia Agrícola com 4 anos de duração.

Fundada em 1926, a ESAV começou a funcionar efetivamente em 1º de agosto de 1927. Por influência do diretor, a instituição adotou, então, o modelo dos Land Grant Colleges, baseando sua metodologia em três áreas: ensino, pesquisa e extensão, extremamente inovador para a época. Foi ele também quem implementou o curso de Engenharia com uma duração maior, afirmando que se o aluno não passasse quatro anos na faculdade, não poderia ser considerado um



< Dr. Peter Henry Rolfs

Diretor do Florida Agricultural College of University of Florida, convidado a criar e dirigir a ESAV, atual UFV.



Henry Ford investe na Fordlândia, para produzir borracha em 1 milhão de hectares no Pará. A experiência foi um fracasso.

1928



Com a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, o mundo assiste ao começo da Grande Depressão que marcaria o início dos anos 30.

1929



Com a chamada Revolução de 1930, o gaúcho Getúlio Vargas assume a Presidência e põe fim à alternância de paulistas e mineiros no poder no Brasil.

1930

engenheiro. O americano ocupou a direção da ESAV até 1929, sendo substituído pelo Dr. João Carlos Bello Lisboa, que deu continuidade ao trabalho de Rolfs na implantação de um novo modelo educacional pioneiro no Brasil. Se antes as universidades eram essencialmente acadêmicas e valorizavam a teoria em

1926 >

Linha do trem em frente à casa onde hoje é a sede da reitoria, dentro do campus, construída para recepcionar o presidente Arthur Bernardes.



detrimento da prática, a ESAV seguia novos padrões: “Ciência e Prática”, “Aprender Fazendo” e “Estudar, Saber, Agir e Vencer”. O objetivo não era desmerecer o ensino teórico, mas sim valorizar o trabalho e aplicar o conhecimento adquirido em sala no campo. Como consequência da evolução da escola e de seu modelo de ensino, bem como a vontade de seus ex-alunos de ver a sua transformação em universidade, em 1948 foi assinada a lei que criou a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). A nova instituição passaria a incorporar a Escola Superior de Agricultura, a Escola Superior de Veterinária, a Escola Superior de Ciências Domésticas, Escola de Especialização, Serviço de Experimentação e Pesquisa e Serviço de Extensão.

Um fato marcante na história da instituição foi a colaboração da Universidade de Purdue, a partir de 1958, que só foi possível graças à política exterior do presidente americano Henry S. Truman. De acordo com um dos pontos do programa, os Estados Unidos deveriam compartilhar conhecimento com



Gilberto Freyre publica *Casa Grande e Senzala*, lançando um novo olhar para a formação étnica do Brasil.



Com o quadro *O Café*, o pintor brasileiro Cândido Portinari ganha reconhecimento e projeta-se internacionalmente.



O dirigível Hindenburg, com 96 passageiros, explode durante manobra de pouso em New Jersey (EUA). 36 pessoas morreram.

os países em desenvolvimento. Dessa parceria, surgiu o primeiro curso de pós-graduação em Ciências Agrárias da América Latina no estilo americano.

Durante todo este tempo, a instituição conquistou ainda mais prestígio e reconhecimento nacionais, uma das razões que levou o governo federal a tomar esta decisão, criando então a Universidade Federal de Viçosa em 15 de julho de 1969. Voltada inicialmente para as Ciências Agrárias, ao longo de quase um século de existência, a Universidade Federal de Viçosa ampliou não apenas o número de cursos oferecidos, como também sua abrangência geográfica. Hoje a universidade conta 69 cursos de graduação nas modalidades bacharelado, licenciatura e superior de tecnologia, divididos em três campi: Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba.

Nesse cenário, nos anos 1960, quem ingressava na universidade optava por três cursos, Escola Superior de Agricultura, Escola Superior de Florestas e Escola Superior de Ciências Domésticas. Com duração de 4 anos, cumpriam uma rotina pesada de estudos de segunda a sábado, com aulas teóricas na parte da manhã e aulas práticas no período da tarde. Era uma formação completa, de alto nível.

“ A ESAV seguia uma nova metodologia acadêmica, combinando ciência e prática: aprender fazendo, valorizando o trabalho. ”

Recibo de Salário														
NOME DO EMPREGADO	Nº DE CÔNDA	SALÁRIO	ADICIONAIS	RETRASOS	PRECATÓRIOS	INSS	INSS	INSS	INSS	INSS	INSS	INSS	INSS	INSS
JOSÉ ROBERTO DE AVELA PERES	17110000													

< Primeiro Salário

Contracheque de um carcereano em seu primeiro mês de trabalho na Acar.



Tropas do exército alemão invadem a Polônia e dão início à II Guerra Mundial, um pesadelo liderado por Adolf Hitler.

1939



Carmen Miranda faz sua estreia em Hollywood com o filme *Seresta Tropical*. Naquele ano, ela foi considerada a artista mais bem paga dos EUA.

1940



Estreia no rádio brasileiro o programa *Repórter Esso*, com um slogan que o tornaria famoso: “Testemunha Ocular da História”.

1941

Com o país ainda se firmando economicamente e enfrentando um período de grande movimentação política, a formação era mais que uma conquista pessoal. O diploma naquela época significava a independência da família. O formando deixava a faculdade recebendo um salário duas vezes maior do que o de um professor. Nesse sentido, pode-se dizer que a turma do Carcará, formada em 1969, tinha a formação profissional certa, estava no lugar certo e no momento certo.

Isso porque havia, na época, um movimento de transformação da atividade agrícola brasileira que teve início nos primeiros anos da década de 1970, coincidentemente, logo após a formatura da turma do Carcará em Viçosa. Vale destacar que aparecem na época feitos importantes: a criação da Embrapa em 1972, o fortalecimento do sistema de extensão rural, o incentivo às cooperativas e o surgimento de programas especiais de incentivo, como Polo Centro, dentre outros.

“ A turma do Carcará se destacou porque ajudou a tornar realidade essa força que é o agronegócio brasileiro. ”

E, justamente aí, reside a importância da Universidade de Viçosa, que ofereceu uma formação não apenas técnica, mas também humanística aos alunos, principalmente no que diz respeito à atitude de enfrentar desafios. A seriedade dos professores e mestres, através do exemplo, fez com que estes profissionais se destacassem e fossem para o mercado com uma vontade de fazer algo diferente para o país, com trabalho e comprometimento.

A turma do Carcará se destacou porque, juntamente com outros colegas de outras turmas e de outras universidades, promoveu uma verdadeira transformação na realidade econômica do país, ajudando a tornar realidade essa pujança, que é o agronegócio brasileiro.

O Extensionismo Rural

Não existe uma data precisa para a chegada do Extensionismo no Brasil, mas a criação da Associação de Crédito e Assistência Rural (Acar), em 1948, e da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (Abcar), em 1956,



Os irmãos Villas-Bôas integram a expedição Roncador-Xingu e iniciam sua saga como indianistas.



A bomba atômica lançada sobre Hiroshima marca o fim da II Guerra Mundial, que deixou um total de 70 milhões de mortos.



O médico e diplomata mineiro Guimarães Rosa estreia na literatura com o livro *Sagarana*, inovando a linguagem.

foi decisiva para implantar com êxito a cultura extensionista no país. Essas instituições, sem fins lucrativos, elaboravam projetos técnicos para produtores e comunidades agrícolas, visando a obtenção de recursos junto a agentes financeiros.

Para o contato direto com as comunidades, era designada uma equipe, que logo ficou conhecida pelo slogan “um moço, uma moça e um Jeep”. O grupo era formado por um supervisor, que cuidava de questões técnicas do campo e relacionadas às comunidades, como a construção de estradas de acesso e postos de



< Extensão Rural

Supervisor orientando o produtor em visita a uma propriedade.

saúde, por exemplo. Junto dele vinha sempre uma supervisora, responsável pela parte social destas comunidades, trabalhada em conjunto com o supervisor. Era de responsabilidade da supervisora os aspectos relacionados à administração do lar, à saúde dos moradores, como a vacinação e o combate à verminose, manipulação, preparo e produção de alimentos, a organização de uma horta para a família, além de treinamentos de corte e costura, para a produção de peças básicas e pequenos reparos, e dicas de educação e melhorias da habitação rural.

Ao chegar em um determinado município, era realizado um estudo de realidade rural. Só a partir daí eram formados os grupos de produtores, senhoras



Os laboratórios Bell, dos Estados Unidos, apresentam o transistor e dão início à era da eletrônica.

1947

O Estado de Israel foi proclamado oficialmente no dia 14 de maio.

1948



Com o lançamento do caminhão FNM D-7 300, a Fábrica Nacional de Motores (Fenemê) inicia sua história automotiva.

1949

e jovens. No entanto, o primeiro contato com essas comunidades nem sempre era muito fácil. Os extensionistas, muitas vezes, encontravam as portas fechadas quando chegavam a alguma destas localidades.

Treinados para lidar com esta situação, a saída era fazer um contato inicial com os líderes destas comunidades para então conquistar a confiança de todos. Tempos depois, a equipe era considerada como parte da família, sendo recebida pela porta da cozinha, tamanho o entrosamento. Uma das preocupações nessa abordagem aos moradores destas comunidades agrícolas era tentar, ao máximo, se aproximar ou mesmo falar a mesma língua que aqueles produtores e ter o cuidado de, mesmo apresentando novas tecnologias, não descartar ou bater

de frente com o conhecimento empírico e as práticas comuns na região. A solução encontrada era inserir esse conhecimento empírico às técnicas que estavam sendo apresentadas. Mas uma das atividades mais difíceis desempenhadas pelos extensionistas era oferecer o crédito rural aos produtores atendidos. Esse crédito

“ Os extensionistas elaboravam projetos técnicos para produtores e comunidades agrícolas para obter recursos junto a agentes financeiros. ”

poderia ser aplicado tanto na reforma e ampliação das casas, como na compra de equipamentos para serem utilizados no campo. Muitas vezes, gastava-se mais de 70% do tempo, mediante metodologias extensionistas apropriadas, convencendo o produtor e sua família a aceitarem o crédito para a aquisição de animais, sementes e mudas de melhor genética para melhorias dos rebanhos e lavouras, e ainda na melhoria do lar. O restante do tempo gastava-se elaborando o planejamento para apresentar ao banco. O crédito rural supervisionado, à época, era uma atividade inovadora no meio rural e uma ferramenta fundamental para a implantação de novas tecnologias e melhoras da qualidade de vida e renda das famílias rurais.



Na inauguração do Maracanã, o Brasil perde por 2x1 do Uruguai e vê o sonho da primeira Copa do Mundo ir embora.



Ademar Ferreira da Silva bate recorde mundial de salto triplo nos jogos Olímpicos de Helsinque e fica com medalha de ouro.



Com apenas 27 anos, Elizabeth II é coroada rainha da Inglaterra.

1950

1952

1953

Uma recomendação de trabalho às equipes era que não poderia haver envolvimento amoroso entre o supervisor e a supervisora. Inclusive, caso ficasse noiva, ou se casasse, a supervisora já deveria se preparar para pedir demissão. Por esta razão, alguns casais que se formaram na época tiveram que esconder o namoro.



O médico americano Jonas Salk desenvolve a vacina contra a poliomielite, o problema de saúde pública mais assustador do pós-guerra.



Tem início a corrida espacial. A URSS anuncia o lançamento do Sputnik, o primeiro satélite artificial do mundo.



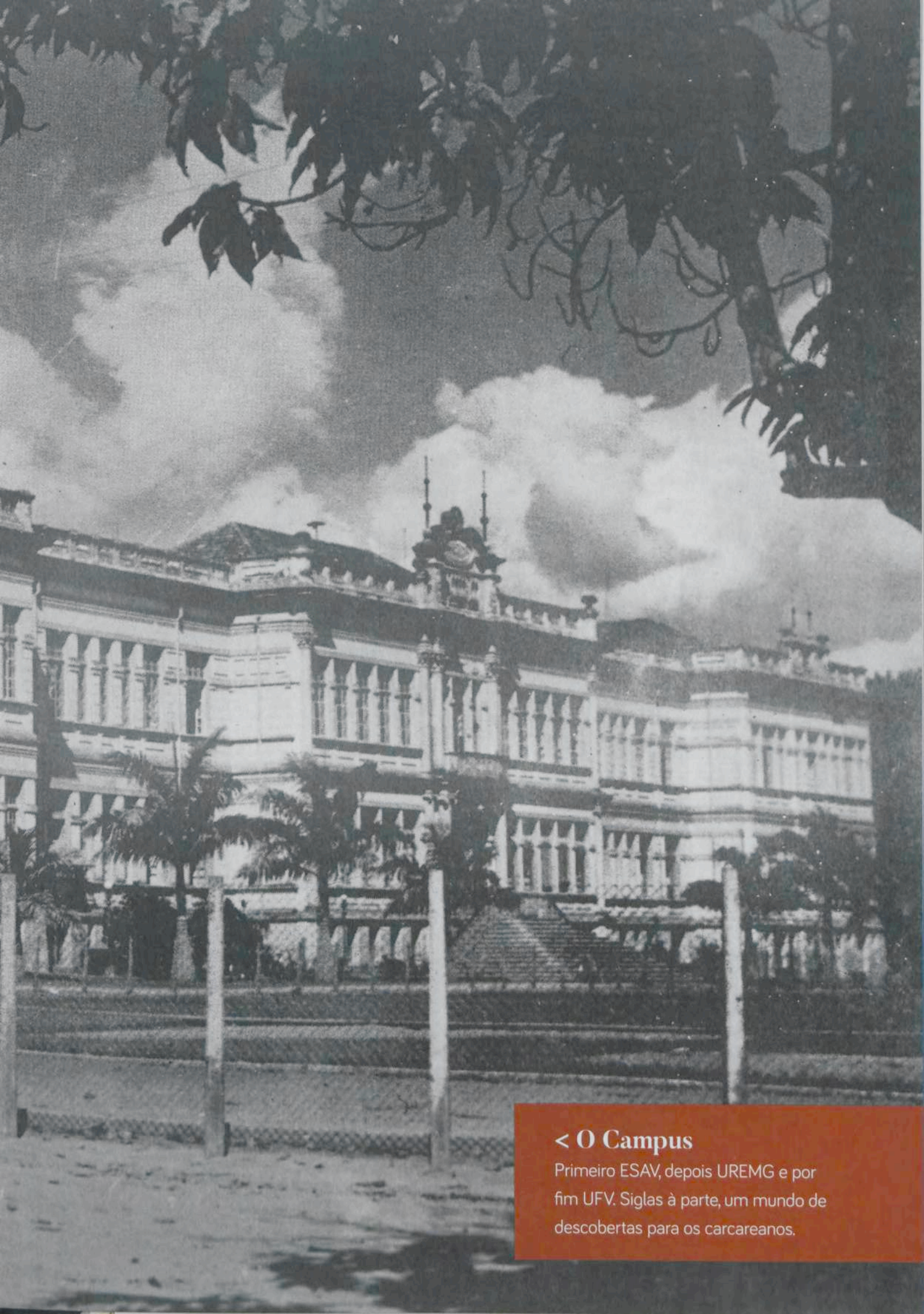
Com Pelé, Didi e Garrincha, o Brasil conquista sua primeira Copa do Mundo na Suécia.

1955

1957

1958





< O Campus

Primeiro ESAV, depois UREMG e por fim UFV. Siglas à parte, um mundo de descobertas para os carcareanos.

**Admirável
mundo novo**

O ano de 1969 marca o fim de um período que os carcareanos guardam com muito carinho e boas lembranças, um ciclo de estudos e aprimoramento, coroado com a formatura da turma do Carcará – durante muitos anos a maior turma em número de alunos e a primeira a se formar pela Universidade Federal de Viçosa, uma vez que a instituição só foi federalizada em 15 de julho de 1969. Essa história, no entanto, começa muito antes da colação de grau, mais especificamente em 1966, ano de entrada dos alunos na antiga UREMG, a Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

O mundo vivia, na época, um período bastante movimentado. Era o auge da Guerra Fria, que dividiu o planeta em dois blocos. A corrida espacial, com os soviéticos obtendo melhores resultados que os americanos, assustava muita gente. A Guerra do Vietnã estava em seu começo e era o exemplo dessa divisão. No Brasil, não era diferente: vivíamos por aqui os primeiros anos do Regime Militar, iniciado em 1964.

A cidade de Viçosa, naqueles tempos, ainda era uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, a cerca de 230 km de Belo Horizonte, com limitações urbanísticas e de infraestrutura. Todo o seu desenvolvimento girava em torno da universidade. Os estudantes vinham para Viçosa de todos os recantos do Brasil, mas a viagem não era fácil. Havia inúmeras dificuldades de acesso. As estradas que levavam à cidade ainda eram de terra, sem pavimentação. O trecho entre Viçosa e Ponte Nova, por exemplo, só recebeu asfalto após a formatura da turma do Carcará. Em períodos de chuva só era possível chegar à cidade de trem. Quem vinha de longe tinha de pegar ônibus, trem, carona de caminhão.

Além da falta de infraestrutura viária, os meios de comunicação eram também muito precários. Existia uma central telefônica na cidade, mas na década de 1960 o ato de fazer uma simples ligação era mais trabalhoso e demorado do que se pode imaginar. As chamadas telefônicas podiam demorar horas até serem completadas, isso quando elas não caíam no meio do processo, obrigando a telefonista a iniciar uma outra tentativa, que poderia levar quase um dia novamente, sem garantia de sucesso. As filas na central telefônica eram bem grandes e os estudantes, saudosos da família e outros entes queridos, eram obrigados a enfrentá-las com paciência e resignação.

A universidade, apesar de já ser referência nacional em Ciências Agrárias, também era muito diferente dos dias atuais. O número de alunos era bastante inferior aos índices registrados hoje. Quando os carcareanos iniciaram a vida acadêmica, a UREMG recebia, em média, menos de 200 alunos por ano, muito menos que os quase vinte mil calouros que nela ingressam anualmente hoje. O número de cursos também era menor, Agronomia, Engenharia Florestal e Ciências Domésticas. Hoje são 69 cursos. Todas essas características faziam de Viçosa um mundo paralelo, restrito, isolado, especialmente para quem vinha de fora. Por isso, a universidade era o centro da vida de seus alunos. Era um ambiente fechado, acadêmico, propício ao aprendizado. Mas era também a casa dos estudantes, que ali viviam juntos todos os seus momentos: estudavam na biblioteca,

dormiam nos alojamentos (separados, homens e mulheres), comiam no refeitório, circulavam por suas alamedas e bosques. Era uma vida em comunidade – mais uma influência do modelo americano adotado na instituição.

A vida social, a intelectual e a desportiva eram passadas dentro dos domínios da universidade, com algumas escapadas até o centro de Viçosa. Os alunos passavam 24 horas em contato direto com os colegas. Esse é



Relíquia >
Carteirinhas dos carcareanos dos anos 1966 e 1969.



Com a inauguração de Brasília, o Brasil ganha um novo espírito de desenvolvimento e o Cerrado se abre como uma fronteira de expansão.

É erguido o Muro de Berlin, dando uma forma concreta à expressão "Guerra Fria" entre o capitalismo e o comunismo.



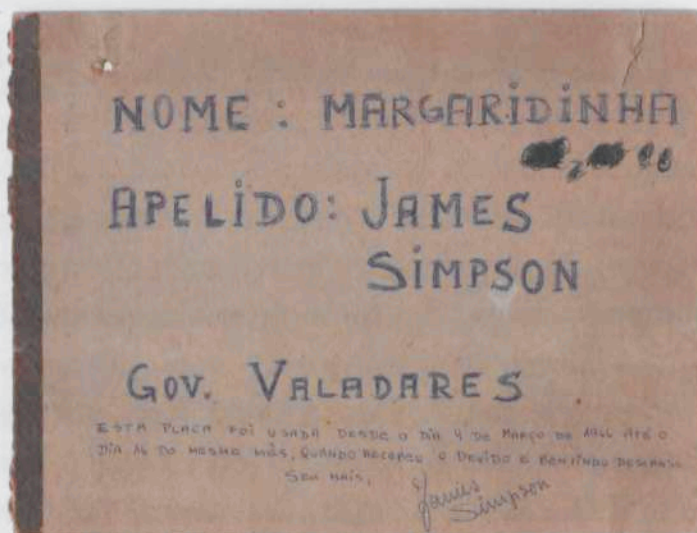
Os Beatles lançam *Love Me Do* e agitam a juventude mundial na onda do rock and roll.

um ponto que explica o porquê da turma do Carcará ter formado essa grande irmandade. As cinco décadas que se passaram desde a formatura não foram suficientes para desmanchar os laços de companheirismo que foram construídos ao longo dos quatro anos do curso entre os carcereanos. A amizade permanece sólida até os dias de hoje, 50 anos depois da formatura.

Viçosa já era, na época, uma universidade muito disputada. Muitos alunos chegavam à cidade antes, para participar dos cursinhos preparatórios para o vestibular, ministrado por alunos veteranos e professores da faculdade. Quando conquistaram o sonho e ingressaram na faculdade, cheios de esperanças e planos, os futuros carcereanos eram jovens que davam seus primeiros passos para se tornarem profissionais. Alguns com mais, outros com menos recursos, mas todos decididos a enfrentar os desafios que se abriam à sua frente.

Apelidos para a vida toda

Entrar para a universidade na década de 1960 não era algo tão comum entre as famílias brasileiras, como se observa nos dias de hoje. Havia poucas opções e as pessoas não tinham o hábito de abandonar suas regiões e partir para outras cidades com o objetivo cursar uma universidade. Os homens ainda realizavam esse movimento com mais frequência, mas as mulheres eram um grupo bem menor, não saíam de casa. Nem todas as famílias, principalmente no interior, incentivavam seus filhos a abandonarem o trabalho para estudar.



< Batismo

Os carcereanos usavam placas com os novos apelidos que recebiam ao entrar para a universidade.



Os militares assumem o poder no Brasil em um período de grande conturbação política.



Estreia na TV americana o seriado *Jornada nas Estrelas*.

O médico Christian Barnard realiza o primeiro transplante de coração bem-sucedido em um ser humano.

1964

1966

1967

Para aquelas famílias que enviavam seus filhos para as universidades, passar no vestibular não era apenas uma vitória pessoal do aluno, e sim uma conquista para todos comemorarem. O ingresso em uma instituição de ensino superior era a certeza de que os filhos estariam encaminhados para um futuro mais próspero e com oportunidades que muitos de seus pais não tiveram.

Passada a pressão do vestibular e com o resultado positivo do exame, os calouros tinham que enfrentar o período de trotes dos veteranos. Esses trotes duravam cerca de 40 dias, mais ou menos. Logo na chegada à



Trote >

As carcareanas
Diana e Ana

universidade, além da já tradicional raspagem de cabelo, os novos alunos recebiam os apelidos dos “augustíssimos”, maneira como deveriam se referir aos veteranos. Uma obrigação dos calouros era andar com uma placa pendurada no pescoço com o apelido recebido. O objetivo era fazer este apelido se popularizar entre os colegas.

Esses apelidos eram aleatórios e inventados na hora, não existia um padrão para todos ou mesmo algo único que definia o nome. Cada aluno recebia o apelido de acordo com alguma característica observada na hora. O que valia era a criatividade, a inspiração, o inusitado, a gozação.

Contrapino, Tamborete, Salário, Quase Lindo, Trombada, a Brasa e a Brisa (duas irmãs gêmeas), Anelado e Cacheado (dois irmãos), Perguntinha, Taboa, Charrete, Tangente, Zebu, Mamão, Bambu, Sanatório, Kimono, Meiose... a lista é

É assassinado o líder negro americano Martin Luther King. Ele foi baleado na varanda de um hotel em Memphis (Tennessee).



Neil Armstrong pisa na Lua. “Um pequeno passo para o homem, um grande salto para a humanidade.”



Liderado por Pelé, Tostão, Gerson, Jairzinho e Rivellino, o Brasil conquista o Tri e a taça Jules Rimet, no México.

uma demonstração da inventividade daqueles rapazes e moças.

Os trotes dos veteranos só acabavam próximo à Semana Santa, com a Marcha Nico Lopes, em que os calouros desfilavam pela universidade e pelas ruas da cidade de Viçosa fantasiados e carregando placas e cartazes com críticas (impostas pelos veteranos) à própria instituição, reclamação de professores, além de sátiras e acontecimentos políticos do Brasil e do mundo.

Mesmo que durante o ano se falasse pouco em política (primeiro por uma característica da própria turma, que estava muito focada nos estudos, e pela repressão que havia no país), durante a Marcha Nico Lopes as



< Marcha Nico Lopes

Discurso do carcereano Ceará: "Meus caros augustíssimos, povo de Viçosa e irmãos burros..."

críticas ao governo também eram uma constante. Esse era o momento de emancipação dos calouros, que a partir de então passavam a ser tratados de forma igual aos veteranos.

Logo após a Marcha Nico Lopes, era a vez dos calouros "irem à forra" e se vingarem dos veteranos, impondo-lhes as mesmas brincadeiras, castigos e trotes pelos quais passaram, como o banho na cadeira hidráulica, por exemplo. Os veteranos tinham que correr porque senão eram pegos pelos calouros, que se organizavam em grupos para surpreendê-los.



Bobby Fisher vence Boris Spassky e torna-se o primeiro americano campeão mundial de xadrez.

1972



É Inaugurada a Ponte Rio-Niterói, a maior ponte do Hemisfério Sul.

1974



Montréal 1976

Nadia Comaneci fez história nas Olimpíadas de Montreal ao receber sete notas 10 e três medalhas de ouro na ginástica.

1976

“Pega, mata e come”

Na semana seguinte, todos os alunos já começavam a se organizar. Uma das tradições era o nome da turma. Coisa sagrada. Bafo de Onça, Pinguim, Berimbau, Cavanhaque de Urubu, Gato Preto, Trabuco, Picareta, Alambique, Furacão, Escorpião, esses eram alguns exemplos de nomes de turmas. Havia uma turma chamada Égua Branca e, diz a lenda, seus integrantes andavam à noite a cavalo com grandes capas brancas. Era preciso criar um nome forte, chamativo e de personalidade para a turma e o clube que começava. As reuniões para a tomada dessas decisões eram realizadas no prédio principal da instituição, em uma sala cedida pela universidade.

Fenômeno >
Capa do compacto simples gravado por Maria Bethânia com a música *Carcará*.



A música popular brasileira vivia, na época, um de seus momentos mais criativos e influentes e, por isso, uma das primeiras sugestões que surgiu foi *Disparada*, uma alusão à música que Jair Rodrigues defendeu no Festival da TV Record de 1966. Quando os veteranos souberam do nome escolhido, criticaram a escolha, por parecer muito

semelhante ao Alvorada, um outro clube que já tinha existido em anos passados. Então foi feita outra reunião e decidiu-se pelo nome de Carcará, com o slogan “pega, mata e come”, inspirado em outra música de grande sucesso à época e que foi tema de um show histórico no Teatro Opinião, em São Paulo, estrelado inicialmente por Nara Leão e logo depois por Maria Bethânia, que imortalizou a canção. Era um nome forte. Pegou.

Uma rotina rígida

Apelidados e com nome de turma escolhido, chegara a hora dos estudos dentro da universidade. Era uma rotina muito rígida e bastante puxada. As regras eram claras: programas, horas, minutos, tudo era escrito e não podia ser desrespeitado. Os alunos acordavam cedo. Antes das 7h já estavam todos no



Nasce na Inglaterra Louise Brown, o primeiro bebê concebido fora do útero.

Liderados pelo aiatolá Khomeini, radicais derrubam o Xá Reza Pahlavi. O Irã torna-se um estado islâmico.



Revista científica americana *Morbidity and Mortality Report* publica artigo sobre o que viria a ser conhecido como o vírus da AIDS.

refeitório, onde enfrentavam grandes filas para pegar o bandeirão do café da manhã. Logo em seguida, iam para as aulas teóricas no período da manhã. À tarde, logo após o almoço, os alunos iam a campo para as aulas práticas: eles deveriam saber fazer qualquer coisa dentro de uma fazenda, como descornar e castrar bezerros, mexer com o arado, tirar leite, dentre outras atividades. As aulas aconteciam até aos sábados, destinados à disciplina de Moral e Cívica. Nessas reuniões, além de aulas, ocorriam palestras sobre diversos assuntos de interesse para a sociedade da época. Muitos carcereanos ainda completavam sua rotina ministrando aulas de reforço em escolas da região, além de darem expediente na cooperativa da universidade. As noites, principalmente durante as semanas de provas, ou “Semana do Cachorro”, como eram chamadas, eram dedicadas a mais estudos, a fim de rever o conteúdo para os exames nos dias seguintes. Nessa semana não havia muito tempo para descanso ou qualquer distração. O foco estava nas provas.

“ As noites, principalmente durante as semanas de prova, eram dedicadas a mais estudos, a fim de rever o conteúdo para os exames nos dias seguintes. ”



< Aulas práticas

À tarde, os carcereanos iam para o campo, onde aprendiam a executar serviços como arar a terra, por exemplo.

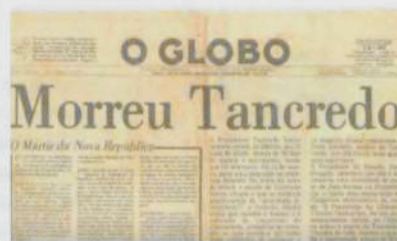


É inaugurada a Usina de Itaipu, à época a maior hidrelétrica do mundo.

1982

O navegador brasileiro Amir Klink atravessa o Oceano Atlântico, da África ao Brasil, em um barco a remo.

1984



Tancredo Neves, o primeiro civil eleito para a Presidência da República desde 1960, morre sem ter assumido.

1985

O compromisso dos carcareanos com os estudos era muito sério. Um exemplo: não era admitida a prática da “cola” por parte dos alunos durante as provas. O posicionamento dos carcareanos era tão forte com relação a esse assunto que deu origem a uma filosofia comum na turma durante todo

“ **Muitos professores, já conhecendo o comportamento dos alunos, aplicavam os exames e saíam da sala, ou mesmo iam embora.** ”

o curso: a “política do não cola”. O mais significativo é que esta medida não era uma imposição dos professores, ao contrário, era uma questão de honra para os próprios estudantes da universidade. Os próprios alunos fiscalizavam os colegas que porventura tentassem fazer qualquer coisa contra essa regra não escrita.

Muitos professores, já conhecendo o comportamento dos alunos, aplicavam os exames e saíam da sala, ou mesmo iam embora, incumbindo o último a terminar, que recolhesse todas as provas e as entregasse posteriormente em seus gabinetes. Esse comprometimento fez com que surgisse uma relação de confiança nos professores, que tinham a certeza de que não haveria nenhum tipo de trapaça por parte dos alunos. Havia, porém, a recompensa: quem tirava nota superior a 7 não pagava comida no restaurante universitário.

Vida cultural agitada

Apesar desse cotidiano pesado de estudos e trabalho, existia uma vida cultural bastante agitada na cidade. Passada a “Semana do Cachorro”, por exemplo, vinha “Semana do Gambá”, em que os alunos tentavam relaxar da pressão passada dias antes com todas as provas, com brincadeiras, festas e, porque não, uma cervejinha ou umas cachacinhas, porque ninguém é de ferro. Nessa semana, grande parte dos alunos se permitia acordar mais tarde, sem muita preocupação ou compromissos. À noite faziam serenatas para as colegas no alojamento feminino, as “pica-couve” da Escola Superior de Ciências Domésticas. Os alunos da Escola Superior de Agricultura, por sua vez, eram



É anunciado o Plano Cruzado, primeiro de uma série de planos para tentar debelar a inflação.

Morre o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.



Cai o Muro de Berlin e com ele desmorona de vez o bloco de países europeus alinhados à União Soviética.

chamados de “pica-fumo” e os alunos da Escola Superior de Florestas eram chamados de “pica-pau”.

Depois da última aula da semana, os carcereanos se reuniam para almoçar o PF do bar do Tião Milagres. Aos finais de semana iam sempre ao Braseiro, ou bar Night and Day. Às vezes, também, assistiam a algum filme que estivesse em cartaz no cinema.



< Rainha da UREM

A carcereana Ana passando a faixa para sua colega Marlôve.

Uma data comemorada religiosamente pelos carcereanos, todos os anos, era o Dia do Soldado, em que os alunos faziam uma serenata para as colegas “pica-couves”. No dia 25 de agosto, os homens se dirigiam para a frente do alojamento feminino. Aqueles que tocavam levavam seus instrumentos musicais, levavam também a farda do Tiro de Guerra. Além de cantarem o hino das “pica-couves”, faziam um discurso, no qual eles anunciavam as promoções de patente daquele ano – quem era “soldado”, passava a “cabo”, quem era “cabo” passava a “sargento” e assim por diante.



O presidente Collor confisca a poupança da população 24 horas depois de ser empossado no cargo.



É dissolvida a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).



Rio de Janeiro sedia a Eco-92, um marco no movimento pela sustentabilidade do planeta.

1990

1991

1992

A comemoração era uma grande brincadeira realizada com as estudantes, que tinham uma postura séria e rígida diante dos colegas, pelos costumes da época (algumas só conseguiram autorização de suas famílias para estudar porque o alojamento feminino era dirigido e vigiado por três freiras). Além disso, eram poucas: havia uma grande disparidade entre o número de homens e mulheres na universidade (no curso de agronomia, só tinha uma colega, Lalu). Elas eram sérias mesmo. Muitos “pica-paus” e “pica-fumos” foram recebidos por elas com sacolas cheias de água. Mas, havia os momentos de confraternização, como os bailes, onde a “disputa” pelas mulheres para dançar era intensa. As “pica-couves” ainda lembram de que, na época, tinham que se esconder no banheiro porque os pés doíam muito e os rapazes queriam continuar a dançar. Hoje, mais de 50% do alunato da UFV é do sexo feminino.

Os carcareanos se destacaram nas Olimpíadas Estudantis, que eram realizadas dentro da universidade, com todas as turmas competindo entre si. Com exceção do primeiro ano, 1966, o Carcará venceu todas as edições seguintes das quais participou, 1967, 1968 e 1969. O torneio era composto por competições de futebol, futebol de salão, atletismo, natação, pingue-pongue, polo aquático, vôlei e basquete. O time de futebol de Viçosa, que formou uma das melhores equipes da região, contou com muitos atletas do Carcará, tamanha a qualidade dos jogadores. O sucesso do clube nos esportes também foi responsável para firmar o nome do Carcará dentro da universidade, e angariar o respeito e a credibilidade diante dos colegas de outras turmas.

Futebol >

O Carcará forneceu muitos atletas para o time de Viçosa, formando uma das melhores equipes da região.



Em plebiscito histórico, brasileiros optam pela República e pelo presidencialismo.



Na presidência de Itamar Franco é lançado o Plano Real, que pôs fim a décadas de inflação descontrolada no país.



Em acidente de carro em Paris, morre a Princesa de Gales, Diana Spencer, a Lady Di.



< Os “menos bons”

Existia ainda a competição entre as equipes dos chamados “menos bons”.

As notícias eram garantidas pelo jornal informativo do Clube Carcará, *O Carcarêta*, datilografado e impresso em mimeógrafo. Além de trazer notícias sobre a universidade e a própria turma, trazia ainda muitas fotos, crônicas, poemas e algumas “fofoquinhas” do dia a dia do Carcará dentro da UREMG. A 10ª edição, de 6 de setembro de 1968, por exemplo, trouxe uma cobertura extensa da excursão realizada pelos alunos a Patos de Minas, além do bicampeonato nas Olimpíadas Internas e uma rifa de um Fusca para levantar fundos para uma excursão da turma.



< O Carcarêta

O cotidiano dos carcareanos era retratado no jornal da turma.



Filme *Titanic* fatura 11 Oscars e se iguala ao recorde de outro filme histórico: *Ben Hur*.

1998



A ameaça do Bug do Milênio não aconteceu: os computadores continuaram a funcionar normalmente.

2000



Em ação suicida de terroristas árabes, dois aviões colidem com os edifícios do World Trade Center, em Nova York.

2001

O romantismo das cartas

Como naquela época era muito difícil viajar, muitos alunos se limitavam a visitar a família uma ou duas vezes por ano. E dada a dificuldade de se comunicar por telefone, o recurso mais utilizado pelos alunos era a comunicação por cartas. Muitas cartas, carregadas de novidades, informações, relatos, confidências, amores e saudades.

A Estação Ferroviária de Viçosa, inaugurada em 1914 e que ficava dentro

da universidade (cujo prédio abriga hoje a Estação Cultural), ficava lotada quando as correspondências chegavam. Os próprios alunos pegavam o bolo de cartas e começavam a distribuir para os colegas.

Durante a entrega das cartas, eles não eram chamados pelos nomes, mas sim pelos apelidos

recebidos quando entraram para a universidade. Muitas cartas vinham com o apelido escrito, para identificação do destinatário.

Um fato engraçado é que tinha aluno que recebia até cinco cartas por dia, em determinada época, mas, por outro lado, tinha aquele que todos os dias ia à estação, mas nunca recebia nenhuma correspondência. Isso, sem dúvida, era motivo para diversas brincadeiras dos demais colegas que diziam: “Não foi lembrado!”

Um personagem importante nessa história, rememorado ainda hoje com muito carinho pelos carcareanos, é o Sr. Zé do Correio, que era carteiro na cidade. Todos os dias ele percorria aproximadamente 2km, que separavam a sede dos Correios da universidade, de bicicleta.

Os alunos, quando o viam pelas ruas, quase subiam na bicicleta, atrás de alguma correspondência. Ele tinha uma maneira curiosa de pedalar, com os pés para fora do pedal. Outra característica dele era que mesmo de bicicleta, estava sempre vestido com terno azul de casimira.

“ Um fato engraçado é que tinha aluno que recebia até cinco cartas por dia, mas tinha aquele que ia à estação, mas nunca recebia nenhuma carta. ”



A Seleção Brasileira de Futebol conquista a Copa do Mundo, sagrando-se pentacampeã mundial.



Um tsunami no Oceano Índico devasta a costa de diversos países e mata milhares de pessoas.



Depois de lenta agonia, morre o papa mais popular da história, João Paulo II, nascido Karol Józef Wojtyła, na Polônia.

“Pica-couves”: ousadas e pioneiras

Nos idos de 1966, em uma época em que estudar em faculdade era algo raro, mesmo entre os homens, jovens mulheres de vários estados do Brasil (e algumas do exterior, como Equador, Colômbia, Estados Unidos) deixaram suas cidades e partiram em direção à universidade de Viçosa, em busca de conhecimento e capacitação. Elas desafiaram as barreiras do preconceito e, uma vez formadas, lançaram-se ao mercado de trabalho, onde contribuíram de forma significativa com o milagre agrícola brasileiro.

Elas se matricularam no primeiro curso de Economia Doméstica do Brasil, nascido da crença de que o saber agrônômico produzido nas universidades (aplicado ao campo pelos produtores rurais) deveria ser complementado por



< Formandas

Grupo de formandas do curso de Ciências Domésticas de 1969.

conhecimentos necessários para um desenvolvimento saudável e estruturado da vida familiar dos agricultores. Essa filosofia derivava dos conceitos trazidos da Universidade de Purdue (de Illinois, Estados Unidos), com a qual a universidade de Viçosa possuía convênio de colaboração.

Sob o olhar contemporâneo, o curso Economia Doméstica soa curioso, talvez descabido. No entanto, era um curso com estrutura curricular séria e



O tenente-coronel Marcos Pontes torna-se o primeiro astronauta brasileiro a viajar pelo espaço.

2006



A Apple lança o iPhone, que provocaria uma mudança na forma como o mundo consome informação.

2007



Morre Michael Jackson, o maior fenômeno da música pop mundial.

2009

pesada. Entre as disciplinas básicas estavam Química, Biologia, Bioquímica, Psicologia, Sociologia e Estatística. Além disso, as jovens ainda estudavam Nutrição e Alimentos, Administração Familiar, Têxteis e Vestuário, Saúde, Organização do Espaço Familiar, Desenvolvimento Humano e Metodologia.

Tais conhecimentos eram de grande aplicabilidade em uma época em que o

Brasil era bastante diferente do que é hoje. A população, especialmente a da área rural, carecia de muita educação e orientação. Já havia iniciativas nesse sentido desde a década de 1930, nascidas no Plano Nacional de Educação do governo de Getúlio Vargas. Mas foi com a inclusão do curso na grade curricular de universidades que a área tomou

“ **As calouras lançaram-se em atividades de campo, o que não era um trabalho fácil. Exigia conhecimento técnico e inteligência emocional.** ”

novos rumos, levando profissionais além do ambiente familiar.

As calouras da turma do Carcará comprovaram o valor do curso, o que pode ser facilmente constatado nas biografias desse livro. Muitas delas lançaram-se em atividades de campo, o que não era um trabalho fácil. Exigia, além do conhecimento técnico, a capacidade de interagir e se integrar com comunidades que nem sempre estavam prontas para essa aproximação, ou que não tinham capacidade de absorver uma orientação pura e simples. As moças do extensionismo rural tinham de usar da inteligência emocional (antes que esse termo fosse inventado) para, através da empatia, criar laços de confiança para que seu trabalho pudesse surtir os efeitos esperados.

Outras construíram carreira nas áreas administrativas dos diversos órgãos de promoção rural do Estado e do Brasil. Outras seguiram para a iniciativa privada ou empreenderam. Algumas seguiram adiante com seus estudos e se tornaram mestras, doutoras e pós-doutoras, seguindo a carreira de pesquisadoras em instituições como a Embrapa ou se tornaram professoras universitárias.

Apelidadas de “pica-couves”, essas profissionais marcaram época. E se hoje existe um conjunto de mulheres que se destacam no meio do agrone-



O Censo 2010 aponta que o Brasil havia ultrapassado a marca dos 190 milhões de habitantes.



Morre, aos 104 anos, o arquiteto Oscar Niemeyer, o criador da Igreja da Pampulha e de Brasília.



Com a renúncia do papa Bento XVI, o argentino Jorge Mario Bergoglio torna-se o Papa Francisco.

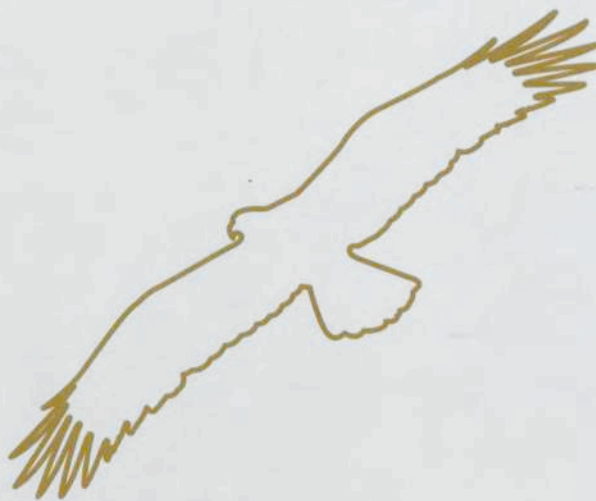
gócio brasileiro, elas devem muito às “pica-couves”. E mesmo que o curso Economia Doméstica, como tal, não exista mais, sua importância pode ser notada nas profissões, muito valorizadas hoje, que se originaram de diversas matérias daquele curso precursor: nutricionista, assistente social, entre tantas outras. Se hoje elas são profissões consideradas normais, “de rotina”, naqueles idos dos anos 1960 e 1970 eram, ainda, novidade. Como se vê, além de ousadas, as “pica-couves” foram pioneiras.

Em 2017 extinguiu-se o curso de graduação de Economia Doméstica. Criou-se, então, o curso de Serviços Sociais. Uma decisão monocrática, refletindo “descuidos” da UFV frente a um Brasil que se descortinava para a importância da economia familiar, onde o papel da mulher torna-se cada vez mais ativo. Era só trocar o nome de “Economia Doméstica” por “Economia Familiar” e promover adequações curriculares e assim o curso estaria existindo, e com grande demanda por seus profissionais.

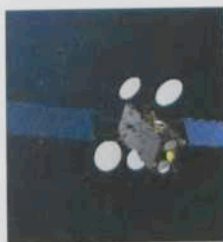
Hoje, o Sebrae, serviços de Extensão Rural, federações de trabalhadores e de produtores, cooperativas agrícolas, entre outras, estão improvisando profissionais ou adequando especialistas para atenderem suas demandas.

Se existe a agricultura familiar, o médico da família e, por que não a economista da família (rural e urbana)?

A turma do Carcará, em seus 50 anos de experiência e conhecimento do território “Brasil”, aborda este tema com a certeza de que todo o “amanhecer” é a certeza de que existe um recomeço.



O rompimento de uma barragem da Vale, em Mariana, provoca um dos maiores desastres ambientais do Brasil e do mundo.



É lançado no Centro Espacial de Kourou, na Guiana Francesa, o primeiro satélite geoestacionário brasileiro.



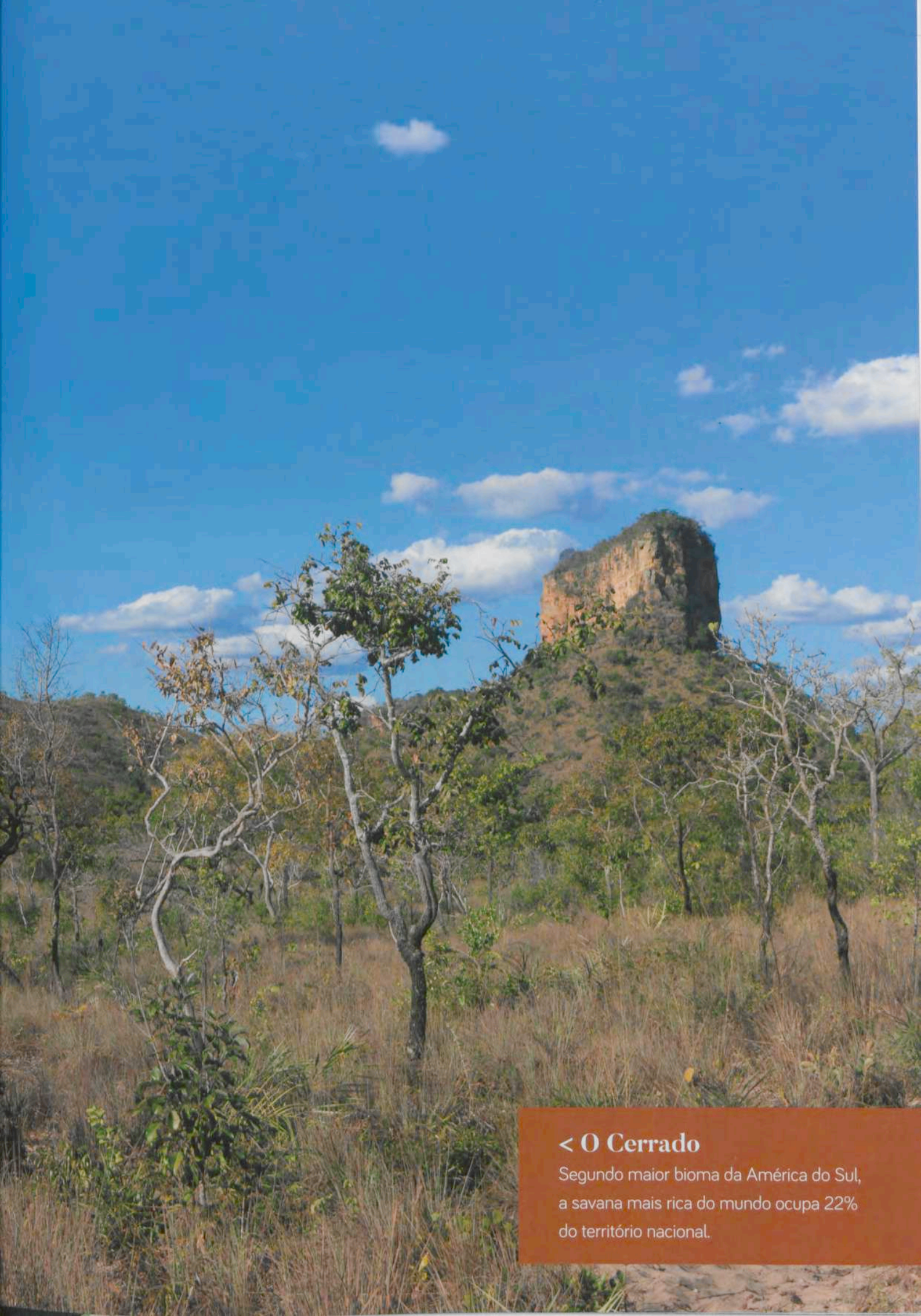
Previsões apontam que o Brasil poderá entrar no ano 2020 como o maior produtor mundial de soja, ultrapassando os EUA.

2015

2017

2019





< O Cerrado

Segundo maior bioma da América do Sul, a savana mais rica do mundo ocupa 22% do território nacional.

A conquista do Cerrado

O desenvolvimento do Brasil ocorreu da costa para o interior. A exploração agrícola no país começou nas terras mais férteis da Mata Atlântica e a conquista do interior do país só aconteceu de forma dirigida no final da década de 1950, a partir da construção de Brasília, na presidência de Juscelino Kubitschek. No desenho dessas novas fronteiras agrícolas havia, porém, um questionamento permanente: como serão aproveitadas as grandes extensões de terras do Cerrado brasileiro?

Segundo maior bioma da América do Sul, o Cerrado cobre 200 milhões de hectares (metade deles em Minas Gerais) e, historicamente, sempre foi considerado impróprio para a agricultura por conta da falta de nutrientes do solo. Devido às suas pastagens pobres eram necessários, por exemplo, cerca de 10 hectares para se manter uma vaca. Por isso, até o final dos anos de 1950, a atividade mais comum na região era a extração vegetal para a produção de carvão.

Conquistar o Cerrado, portanto, era um desafio natural colocado ao governo de Minas e ao governo federal. Um desafio que se tornou o trabalho de muitos carcareanos que, após a formatura, chegaram ao mercado de trabalho e que, com seus recém-adquiridos conhecimentos e com grande senso de profissionalismo, ajudaram a promover uma revolução agrícola no País. Houve participação carcareana direta na condução do Projeto Integrado de Crédito Rural (PCI), iniciado em 1972 pelo governo de Minas Gerais. Financiado pelo BDMG e executado pela Emater-MG em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, foi uma experiência bem-sucedida: provou que era possível produzir soja, milho, sorgo, feijão, trigo, pastagens e reflorestamento nessas terras.

O projeto, depois ampliado para todo o Triângulo, Alto Paranaíba e região Noroeste do estado, serviu de estímulo para a Secretaria de Agricultura de Minas Gerais, sob a liderança de Alysso Paulinelli, criar diversos programas de promoção do agronegócio mineiro, nos quais muitos integrantes da turma do Carcará desempenharam atividades técnicas e administrativas em instituições de ensino, pesquisa e extensão, bancos, seguradoras, empresas de reflorestamento, insumos e maquinário agrícola.

Correção da acidez: o “calcanhar de Aquiles”

O ponto crucial para a conquista do Cerrado era corrigir a severa acidez e deficiência de fósforo nesses solos. Pois foi com um estudo seminal sobre o comportamento do fósforo em regiões tropicais, realizado com a contribuição das universidades de Viçosa e Lavras e do Sistema Operacional de Agricultura de Minas Gerais (Acar, Pipaemg, Ruralminas, Camig, Casemg), e que

envolveu dezenas de carcareanos em muitas dessas instituições, que o manejo e a correção de fertilidade foram iniciados.

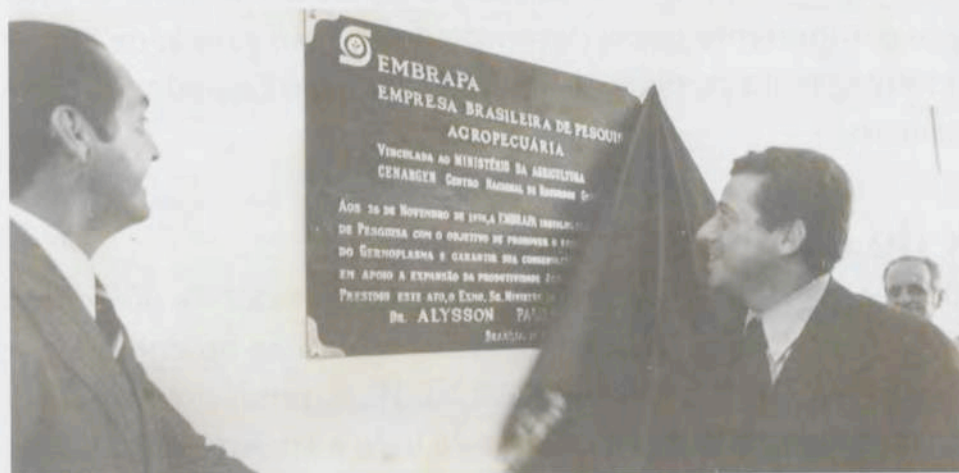
A sistematização de todo esse conhecimento e a idealização das soluções necessárias promoveram a evolução técnica para a “explosão agrícola” do Cerrado. Nesse trabalho, é importante destacar a participação

“ A sistematização de todo o conhecimento e a idealização das soluções necessárias promoveram a evolução técnica necessária para a explosão agrícola. ”

dos professores José Mário Braga (UFV) e Alfredo Scheid Lopes (Esal) e suas equipes (a maioria com a presença de carcareanos em todas as fases desse trabalho, atuando como professores, pesquisadores, técnicos e extensionistas). Outro destaque é o trabalho de melhoramento da soja para o cultivo nos trópicos, conduzido a partir de 1972 pelo professor Tuneu Sediama (UFV).

A importância da pesquisa

A pesquisa científica aplicada ganhou, a partir daquela época, um grande impulso. Mas é injusto dizer que antes não havia pesquisa. As primeiras experiências com o Cerrado em Minas Gerais datam de 1908 em Venceslau Braz,



< 1974

Inauguração de uma das unidades de pesquisa da Embrapa.

segundo dados da Secretaria de Agricultura do estado. Estudos pioneiros sobre acidez do solo do Cerrado foram realizados em 1942 na Estação Experimental de Sete Lagoas, por Valdemar Menezes e Wilson Araújo. A mesma Sete Lagoas sediou, nos anos 1960, o Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Centro Oeste (Ipeaco), uma das várias instituições semelhantes espalhadas pelo país.

O impulso à criação da tecnologia agrícola nacional surgiu quando o governo federal, em 1972, reestruturou seu modelo de pesquisa. Uma equipe qualificada de pesquisadores e técnicos, entre eles um extensionista da Emater-MG, Eliseu Andrade Alves, foi encarregada de desvendar o motivo pelo qual a agricultura brasileira apresentava baixos níveis de produtividade em decorrência de falta de conhecimento e tecnologia.

O resultado foi a criação dos sistemas Embrapa e Embrater, que contribuíram decisivamente para mudar a realidade da agricultura brasileira. A partir desse avanço, cabe registro o desenvolvimento de novas linhas de pesquisas feitas pela Embrapa Milho e Sorgo (que substituiu o Ipeaco) em Sete Lagoas, com o desenvolvimento de plantas mais resistentes à toxidez de alumínio e mais eficientes na absorção de fósforo. Novas formas de produção de fertilizantes fosfatados foram desenvolvidas na UFV.

“ Foi a criação dos sistemas Embrapa e Embrater que contribuiu decisivamente para mudar a realidade da agricultura brasileira. ”

Em 1999, foi editada a *5ª Aproximação - Recomendações para o uso de corretivos e fertilizantes*, que contou com a participação de carcareanos e com o apoio da Comissão de Fertilidade de Solo na sua edição. A publicação sintetiza décadas de conhecimento sobre a fertilização desenvolvida no Brasil e é, até hoje, um marco na tecnologia agrícola brasileira. O livro também destaca o importante papel desempenhado pelo estado de Minas Gerais na pavimentação do caminho para a conquista do Cerrado em todo o território brasileiro.

50 anos de evolução e dinamismo

Até o final da década de 1960, o Brasil era um importador de alimentos com frequentes crises de abastecimento, filas e gargalos na comercialização, no transporte e na rede de distribuição. Hoje, produzimos para o abastecimento em quantidade e qualidade para toda a sociedade brasileira e ainda exportamos alimentos para todo o mundo.

De fato, a partir dos anos 1970, a população brasileira ganhou maior disponibilidade per capita de alimentos nobres (carne, leite, ovos, frutas, café e outros) e as exportações explodiram, tornando-se uma âncora de sustentação da balança comercial do país.

O agronegócio é atualmente a principal locomotiva da economia brasileira.

Nesses 50 anos, a produção agrícola e silvícola passou de 180 milhões para mais de 1,3 bilhão de toneladas, um incremento de 634%. A produção de cana-de-açúcar, madeira, soja e de milho representam 85% da produção agrícola e silvícola brasileira.

Na publicação *Fatos marcantes da agricultura brasileira*, de 2013, Elizeu Alves e seus coautores identificaram que, em função da produtividade agrícola do país, no período de 1976 a 2006, o custo da cesta básica caiu 3,12% ao ano.



Produtos	1969/70	1979/80	1989/90	1999/00	2009/10	2018/19	2019/20*
Cana-de-açúcar	67,8	139,6	259,8	326,1	717,5	700,0	700,0
Madeira (tora)	52,0	73,0	144,5	93,6	128,4	195,4	200,0
Soja	1,9	14,9	20,1	32,3	52,3	115,1	123,0
Milho	12,8	19,4	22,3	31,6	56,0	99,3	101,0
Mandioca	14,6	11,1	24,3	23,0	25,0	20,2	22,0
Citrus	3,3	9,5	15,3	18,8	20,6	19,7	21,0
Arroz	5,3	9,6	8,0	11,4	11,7	10,5	11,7
Banana	3,5	4,6	5,6	5,8	7,0	6,9	7,0
Trigo	1,9	2,7	3,3	1,7	5,0	5,6	6,0
Tomate	1,2	1,9	2,3	3,1	4,1	4,3	4,3
Algodão (caroço)	1,3	1,1	1,2	1,2	1,8	4,0	4,0
Batata	1,7	1,9	2,2	2,6	3,6	3,6	3,7
Café	1,1	2,1	2,9	3,8	2,9	3,3	3,7
Outros	11,8	18,5	28,7	34,5	54,1	112,1	113,6
Total	180,0	310,0	540,5	589,6	1090,0	1300,0	1321,0

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola. IBGE, Censo Agropecuário 1920/1996. Até 1996, dados extraídos de: Estatísticas do Século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. (*)Projeções CGEA/DCEE/SPA/Mapa e SIRE/Embrapa com dados da CONAB e USDA

Quadro 1 - Evolução da Produção Agrícola e Silvícola em milhões de toneladas no Brasil nos últimos 50 anos.

Cana-de-açúcar

Em 50 anos, a produção de cana-de-açúcar cresceu 10,33 vezes e ultrapassou 700 milhões de toneladas/ano. O Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar e açúcar do mundo. É o segundo maior produtor de etanol e também o maior exportador mundial de açúcar.



Madeira e Celulose

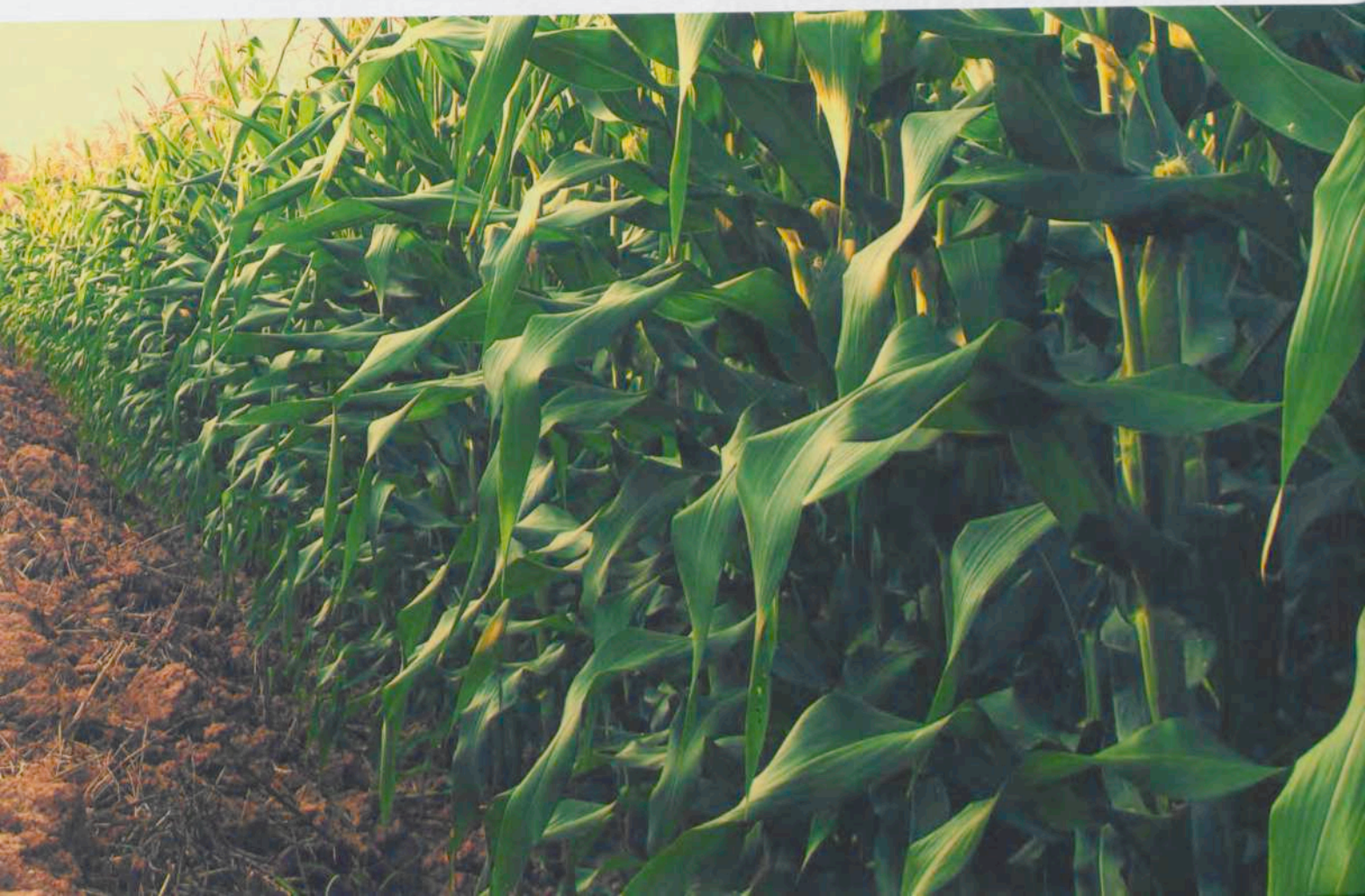
A produção de madeira em tora cresceu quatro vezes, passando de 52 milhões de toneladas, em 1970, para 200 milhões de toneladas em 2020. A produção de celulose cresceu 28,3 vezes, passou de 777 mil toneladas em 1970, para mais de 22 milhões em 2020. O Brasil conseguiu desenvolver tecnologia para plantar e fazer crescer florestas. Na década de 1970, a produtividade era abaixo de 20 m³/ha/ano e, atualmente, é de 55 m³/ha/ano.

Soja

Em 1969, a soja brasileira respondia por 4% da produção mundial. A soja cresceu 65,4 vezes e passou de 1,88 para 123,0 milhões de toneladas. Na safra 2018/19, a participação foi de 32,3% da produção mundial. A previsão para 2019/2020 é de 35,4%, superando os EUA. O Brasil já é o maior exportador de soja.

Milho

A produção de milho avançou de 12,8 milhões de toneladas, em 1970, para 99,3 milhões de toneladas em 2019, podendo alcançar 101,0 milhões em 2020. Um acréscimo de 676% até 2019. O país é o terceiro maior produtor desse cereal, que é matéria-prima para cerca de 3.500 produtos.





Frutas

A produção de citros sextuplicou, passou de 3,3 para 19,7 milhões de toneladas, em 2019, e poderá alcançar 21 milhões em 2020. A produção de banana duplicou, passou de 3,5 para 7,0 milhões de toneladas. Estas frutas representam 58% do total de 45,6 milhões de toneladas produzidas no Brasil. Este resultado assegura ao país a quarta colocação no ranking mundial de frutas.

Café

A produção de café cresceu 3,25 vezes, passou de 1,14 para 3,70 milhões de toneladas. O Brasil é historicamente o maior produtor e exportador mundial de café, também ocupa o segundo lugar no ranking dos países consumidores.



Produtos da Pecuária

Carnes

Em 1970, o Brasil não exportava carnes, atualmente é o maior exportador mundial de carne bovina e carne de frango e o 4º de carne suína. A produção teve incremento de 812%, passou de 3,20 para 29,20 milhões de toneladas.

Carne bovina

Em 1970, a disponibilidade de carne era de 22,76 kg/hab/ano e atualmente é de 37,94 kg/hab/ano.

Carne frango

Em 1970, a disponibilidade era de 2,36 kg/hab/ano, atualmente é de 46,0 kg/hab/ano.

Carne suína

A disponibilidade de carne em 1970 era de 8,05 kg/hab/ano e atualmente é de 15,18 kg/hab/ano.

Leite

A produção cresceu 460,32%, passando de 6,30 bilhões de litros, em 1970, para 35,3 bilhões de litros em 2019. A disponibilidade era de 67,64 litro/hab/ano em 1970 e atualmente é de 167,45 litro/hab/ano. O Brasil é o sexto produtor mundial de leite.





Ovos de galinha

A produção cresceu 63,5% nestes 50 anos, passando de 6,68 bilhões de unidades, em 1970, para aproximadamente 50 bilhões de unidades. A disponibilidade *per capita* de ovos para a população brasileira era de 14 ovos/hab/ano, atualmente supera os 240 ovos/hab/ano.

O grande desafio do agronegócio brasileiro, para os próximos anos, é o de manter esta tendência de crescimento, ancorado na competitividade, agregação de valores e sustentabilidade de seus produtos.











< O Retrato

1969: foto oficial da formatura da turma do Carcará, com os orgulhosos “Pica-paus”, “Pica-fumos” e “Pica-couves”.

Onde estamos,
50 anos depois

De julho de 2018 até agosto de 2019, ou seja, por mais de um ano, o Comitê Editorial da publicação *CARCARÁ 50 ANOS – A história de uma amizade*, buscou de todas as formas disponíveis, localizar e cadastrar o maior número carcareanos para que este capítulo dedicado às biografias fosse o mais completo possível. Listas foram montadas. Foram enviados e-mails. Números de telefones foram descobertos e usados. Dispararam-se mensagens de WhatsApp. Criaram-se redes e grupos de pessoas para correr atrás de muitos dos “desaparecidos” por esse mundo tão grande que é o Brasil.

Quando localizados, todos esses carcareanos foram contatados e a eles foram pedidas informações. “Escrevam suas biografias, mandem fotos.” Muitos encararam esse desafio com gosto – e escreveram bastante. Outros foram mais econômicos. Devagar, mas de forma constante, o trabalho andou e, aos poucos, a lista foi crescendo.

A soma final totaliza 80 biografias, que se esparramam pelas páginas seguintes. Para aqueles que foram localizados e que contribuíram com textos e fotografias, nossos mais sinceros agradecimentos. Para aqueles que foram encontrados, mas que preferiram não participar, nossa compressão e respeito. E para aqueles que não conseguimos encontrar de nenhuma maneira, mas que porventura venham a saber desse trabalho, esperamos o contato para continuarmos mantendo nosso cadastro cada vez melhor. Estaremos prontos, daqui a cinco anos, para celebrarmos os 55 anos do Carcará e haverá, então, a oportunidade para que todos possam novamente contribuir.

Afonso Peixoto Magalhães

Protocolo

Telefone: (33) 98805 7789 | E-mail: magapeixoto@gmail.com



Antes de chegar a Viçosa, eu já trabalhava na Acar, hoje Emater/MG, tendo iniciado como “contínuo”, servindo café. Posteriormente, fui promovido a chefe do Setor de Comunicação (coleta, distribuição e expedição de correspondências). Mas, pela falta de controle, ocorriam muitos extravios de documentos e a culpa era sempre minha.

Certo dia, em conversa com amigos do bairro, no Prado, em Belo Horizonte, comentei o fato, quando um dos colegas, que trabalhava nesta área na Usiminas, disse que lá não havia problemas, porque tudo era protocolado e assinado. Relatei o fato para o nosso diretor administrativo, Dr. Calumby, que imediatamente reportou ao nosso presidente, Dr. José Paulo.

Pouco tempo depois, fui informado que, no dia seguinte, deveria ir à Usiminas conhecer o sistema de protocolo da empresa. Anotei tudo e peguei modelo de todos os formulários usados. Em seguida fizemos, Lucy Borges, minha chefe imediata, e eu, todas as adaptações necessárias à nossa realidade. Cerca de noventa dias depois, inaugurávamos o Serviço de Protocolo da Acar e as reclamações foram desaparecendo rapidamente.

Anos depois, quando fui transferido, a meu pedido, para o Escritório Seccional da Acar de Viçosa, para fazer o cursinho pré-vestibular (eu estudei com bolsa de estudos oferecida pela Acar, desde que eu aceitasse a bolsa para o curso de Agronomia), o Dr. José

Paulo, na véspera da minha viagem para Viçosa, me entregou um envelope fechado, para que eu o entregasse ao presidente do Diretório Acadêmico Artur Bernardes – DAAB. Naturalmente, eu não sabia de nada, mas neste envelope ele e Dr. Calumby pediam ao comando do DAAB autorização para “batizar” o calouro, que era eu, com o “nome/apelido” de Protocolo.

E assim aconteceu; tão logo saiu a relação dos aprovados no vestibular, eu fui procurado por um membro do DAAB, não me lembro o nome, que

foi me contando a história e me chamando de Protocolo. “Este é o seu nome, calouro.” E assim foi e ainda é; o que muito me orgulha, pois me recorda não só os memoráveis tempos de Viçosa, como também o meu início, como servidor desta empresa da qual muito me orgulho de ter trabalhado por quarenta e dois anos e que, naquela época, de tão bom que era trabalhar ali, todos diziam: “A Acar é uma mãe.” E hoje, orgulhosamente eu digo “É MATER.” Com toda certeza, minha segunda casa.

Agostinho Martins da Cunha Miranda Boi ou Manivela

Filho de Lamartine Miranda Reis e Alzira Alves Cunha, nasceu em Vilas Boas, ou Córrego Preto, distrito de Guiricema (MG), no dia 01/07/1945. Fez o primário na cidade natal e, em seguida, deu uma guinada na vida para ser padre, quando se mudou para Leopoldina, onde fez o ginásial. Sem vocação para o sacerdócio, em 1963 foi para Viçosa fazer o curso Agrotécnico, na UREMG, para ser “agrobóio”. Em 1969, concluiu o curso de Agronomia, diversificando-se em Economia Rural. Durante o período estudantil, lecionou nos colégios de Viçosa, dando aulas de Física e Biologia. Foi aluno aprendiz no Instituto de Economia Rural e no bandeirão do refeitório.

Em 1970 ingressou na Acar-MG. Após o período de treinamento, participou de uma pesquisa da Fundação



Getúlio Vargas, juntamente com outros colegas recém-contratados. Nesta ocasião fez um favor ao amigo Clementino, que precisava levar um Jeep de Belo Horizonte até Igarapé e aplicar um questionário no município.

Clementino não sabia dirigir. Boi já tinha prática, pois possuía um “Austin” fabricado na primeira metade do século XX. Após o treinamento foi designado para o Escritório Local de Caeté – MG.

Sempre que podia, dava um reforço ao amigo em Itabira. Em uma dessas, recebeu de um Técnico da Copas (empresa de adubos) um convite para trabalhar em Itumbiara (GO). Logo em seguida, foi indicado para gerir a fábrica da empresa em Ilhéus(BA), com a desativação da fábrica, a Copas o transferiu para Londrina(PR). Após o encerramento das atividades da em-

presa, ele se mudou para Cachoeiro do Itapemirim (ES), passando a ser construtor imobiliário.

Faleceu no dia 12/05/2010, vítima de um melanoma, deixando a esposa, Rosângela Lustosa Mendes Miranda, e os filhos, Tiago Mendes Miranda e Thales Mendes Miranda, os netos, Talita Dalmazio Miranda e Caio Dalmazio Miranda, e a nora, Nathalia Souto Mendes.

Alcina Madalena de Almeida Montenegro - Alcina

Telefone: (31) 99499-9931



Nasci no dia 4 de fevereiro de 1940, à meia-noite e pesando 3,1kg, na cidade de Guiricema, estado de Minas Gerais. Meus pais, Alcina de Almeida e Silva e José de Almeida e Silva, tiveram oito filhos e eu sou a penúltima da turma. Meu pai exercia a profissão de médico e farmacêutico e minha mãe era dona de casa. No primário estudei no Grupo Escolar Luís Coutinho, situado na cidade de Guiricema. Já o ginásio cursei na cidade

de Visconde do Rio Branco, no colégio Ginásio Rio Branco, onde fiz o curso de Contabilidade, com duração de três anos. Posteriormente fiz o Magistério na Escola Normal de Visconde do Rio Branco, me formando em 1962. Nesse período morava com minha irmã, Ana de Almeida de Paula.

Em 1963 me mudei para a cidade de Viçosa em Minas Gerais, onde morava com minha mãe e meu irmão Martinho de Almeida e Silva.

Nesse mesmo ano, fiz concurso para professora de ensino primário. Para minha surpresa, fui aprovada em primeiro lugar. Fui nomeada e, em 1964, dei início à minha carreira de professora, lecionando no Grupo Escolar Edmundo Lins. Na mesma época, prestei vestibular para o curso de Ciências Domésticas, na UREMG, situada em Viçosa, e fui aprovada. Meu curso teve duração de quatro anos e me formei em dezembro de 1969. Após minha formatura, eu e minha mãe nos mudamos para a cidade de Belo Horizonte (MG).

Em 1970 fui convidada pelo coordenador do Centro de Treinamento de Betim para realizar o Programa de Economia Doméstica, que seria apresentado em um Congresso no Rio de Janeiro, onde esteve presente o ministro de Educação, que representava o Premem Nacional. No mesmo ano fui trabalhar na Fazenda do Rosário, ministrando aulas no curso de Economia Doméstica. Executei esta função por dois anos.

Em 1974 conheci meu único e atu-

al marido, doutor Ednaldo Rodrigues Montenegro, que estudava Medicina na cidade de Vitória (ES), na faculdade Emescan-Vitória. Em 1975 ele se mudou para Belo Horizonte e nos casamos no mesmo ano. Tivemos dois filhos, Gabriela Almeida Montenegro (1979) e Frederico de Almeida Montenegro (1980). Gabriela se formou em Psicologia e, posteriormente, fez MBA em Gestão Estratégica de Pessoas. Poucos anos depois, fez o curso de bacharel/licenciatura em Educação Física, em São Paulo, cidade onde mora atualmente com sua amiga Samara. Trabalha na área de Psicologia em uma instituição de ensino infantil e fundamental. Frederico se formou em Direito, com especialização em Direito Trabalhista e atua na profissão. Reside em Belo Horizonte e é casado com Evelin.

Permaneço com minha família nesta mesma cidade, no bairro Luxemburgo. Na minha trajetória, construí uma carreira profissional bem-sucedida e uma família que é motivo da minha felicidade, tendo como base muito amor e respeito.

Ana Maria Gama Chaves

Faísca

Telefone: (31) 99845 8207 | E-mail: gamachaves.ana@gmail.com

Nasci em Alegre, cidade do sul do estado do Espírito Santo, no dia 12 de setembro de 1946, a quinta dos oito filhos do casal Antero Monteiro da Gama Filho e Floripes Cordeiro Gama. O desejo de prosseguir estudando e de alcançar novos voos levou-me a Viçosa, naquela época para mim, distante

cidade da Zona da Mata Mineira. Assim, no dia 3 de janeiro de 1966 cheguei a Viçosa, com o objetivo de prestar vestibular para o curso de Ciências Domésticas da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). O curso de Ciências Domésticas tinha como objetivo formar um profissional



ainda novo em nosso país, cujo principal mercado de trabalho eram as empresas de extensão rural, no Espírito Santo denominada Acar (ES), para trabalhar ao lado dos engenheiros agrônomos. Foi então que vi os horizontes abrirem-se e conheci um ambiente universitário repleto de diversidades culturais.

Além da formação em Ciências Domésticas, concluí o curso de Programação e Análise de Sistemas de Computação pela PUC - RJ. Mais recentemente, em 2013, me formei em Design de Interiores pelo Inap, em Belo Horizonte. Prestei concurso e fui contratada como professora de Educação para o Lar da Rede Municipal do Rio de Janeiro e como professora de Vestuário e Têxteis do Departamento de Economia Doméstica da UFV. Criei a Suigeneris - Empresa de Confecções, na qual exerci a função de

administradora, estilista e modelista industrial. Como designer de interiores, atuo como profissional autônomo dando consultoria e desenvolvendo projetos.

Em 30 de dezembro de 1967, casei-me com o ex-aluno da UREMG, Raimundo Nonato de Miranda Chaves, mestrando em Economia Rural e professor do Departamento de Engenharia Rural. Residimos em Viçosa por vários anos onde nossa vida profissional, em sua grande maioria, foi exercida na Universidade Federal de Viçosa - UFV. Temos duas filhas, Andrea Gama Chaves e Juliana Gama Chaves de Barros, que nos dão muito orgulho e alegria. Somos avós de cinco amados netos: Luísa (18 anos), Carolina (14 anos), Iasmim (11 anos), Gabriel (6 anos) e Henrique (6 anos). Em 1998 fixamos residência em Belo Horizonte.

Anna Mariani

Protesto



Após concluir o Magistério, formando-se professora, ingressou no cur-

so de Economia Doméstica, na então UREMG/UFV, onde fez parte da turma do Carcará. Logo após a conclusão, fez Extensão Rural em Lavras (MG) e, mais tarde, Direito, em Cachoeiro do Itapemirim (ES). Natural de Alfredo Chaves (ES), mora atualmente no bairro do Ingá, em Niterói (RJ).

Sempre ligada à área de Extensão Rural, fez várias viagens de estudos, excursões e visitas técnicas relevantes, dividindo-se entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Possui ainda ampla participação social, fazendo parte como instrutora no programa de Alfabetização de Adultos em Alfredo Chaves (ES), contribuições para a Apae de Guarapari (ES) e demais associações comunitárias e beneficentes.

Antônio Carlos de Magalhães Giovanini

Tatu

Telefones: (22) 3843 3145 ou (22)98145 7975 ou (22) 99706 8473

Natural de Varre-Sai (RJ), município onde reside atualmente, formou-se como engenheiro agrônomo pela UFV em 1969. Casado com Maria das Graças Ramos de Magalhães Giovanini, possui três filhos, Gustavo, Guilherme e Juliana, e cinco netos, Carolina, Giulia, Ian, Helena e Beatriz.

Após a formatura na turma do Carcará, cursou especialização em Metro-

dologias de Extensão Rural, em 1974, e mestrado em Zootecnia (Nutrição de Ruminantes) entre 1975 e 1978 pela Universidade Federal de Viçosa. Tempos depois, em 2002, fez o curso de Licenciamento Ambiental pela FEAM/Semad-MG.

Recém-saído da graduação, começou a trabalhar como técnico local executor do convênio Ácar/Condepe



em Nanuque e Teófilo Otoni (MG), 1970 a 1972. Tempos depois assumiu como coordenador regional de planejamento na Emater-MG, em Teófilo Otoni e em Juiz de Fora (MG).

De 1979 a 1996 atuou como supervisor regional da Emater-MG, em Curvelo (MG). Logo após assumiu o cargo de superintendente estadual da Emater-MG, em Belo Horizonte (MG), passando em seguida a gerente estadual da Unidade de Consultoria e Projetos da Emater-MG, onde ficou até 2004.

A partir de então, iniciou a carreira de consultor na Área Ambiental (eventual) nos estados de Minas Ge-

rais, Bahia, Sergipe, Pernambuco e Alagoas. Atua ainda na assessoria às prefeituras municipais na criação e execução de Projetos de Criação de Unidades de Conservação/Áreas de Proteção Ambiental (APA), estudos, projetos e gerenciamento de atividades relacionadas à preservação e conservação de recursos naturais e de meio ambiente, além da coordenação de processos para obtenção de Licenciamento Ambiental, junto ao Ibama e à Semad-MG (IEF-Igam-Feam).

Atua também no gerenciamento das atividades e execução de programas de apoio aos atingidos por UHE's (Aimorés, Funil, Irapé e outras) e PCH's (Porto Estrela, Fumaça e outras); instrução/montagem de processos para obtenção da cessão do direito de uso da água (outorga) junto ao Igam/Semad e ANA/MMA em municípios de Minas Gerais.

Possui também participação na elaboração de estudos de impacto ambiental, como EIA/RIMA, PCA/RCA, PRAD, PTRF e PRMC, além de participação na elaboração de estudos de identificação e caracterização de ecossistemas.

Antonio Carlos Ribeiro

Dudu

Telefone: (31) 98884 1525 | E-mail: acribeiro45@ufv.br

Nascido aos 15/10/1945, em Guaxupé (MG), viveu na Fazenda Bocaina até seus oito anos. Fez o curso primário no Grupo Escolar Barão de Guaxupé e, na Escola Agrotécnica Fede-

ral de Muzambinho, fez os cursos de Iniciação Agrícola e Mestria Agrícola, entre 1958 e 1962. Em Pinhal (SP), formou-se técnico agrícola em 1965, tendo sido o orador da turma. Iniciou



o curso de Agronomia em março de 1966 e em 1967 já atuava como monitor de Química Analítica na Escola Superior de Agricultura da UREMG e como instrutor de Química Inorgânica nos cursinhos DAAB e DAOK.

Em maio de 1968, foi contratado como professor de Química Inorgânica pelo Colégio de Viçosa. Entre março de 1968 e dezembro de 1969, foi bolsista de Iniciação Científica do CNPq, orientado pelos professores Mauro Rezende e Bairon Fernandes. A pesquisa rendeu seu primeiro trabalho científico publicado em coautoria com seus orientadores na *Revista Ceres* da UFV em 1973. Obteve os títulos de engenheiro agrônomo (1969) e mestre em Fitotecnia (1974) pela UFV. Em 1978 obteve o título de doutor em Agrono-

mia/Solos e Nutrição de Plantas pela Esalq/USP, em Piracicaba (SP).

Ingressou no magistério superior como auxiliar de Ensino de Química Analítica na UFV em 2 de março de 1970, sendo promovido a professor assistente (1974) e a professor adjunto (1977), permanecendo no Departamento de Química até dezembro de 1978.

É casado com Ana Maria David Ribeiro e possui três filhos: Cristiano, pai de Serena (*09/08/2017), Fabiana, mãe de Salomão (*04/08/2012) e Sofia (*01/06/2017) e Guilherme, solteiro. Do primeiro casamento de Cristiano, vieram três netos adotivos que não foram devolvidos: Andrei (26 anos), Alexandre (25 anos) e Larissa (23 anos).

Na UFV, em janeiro de 1979, foi

transferido para o Departamento de Solos. Galgou o mais elevado posto da carreira docente, professor titular, por concurso, no final de 1992. Desde 1980 foi Instrutor nas Semanas do Fazendeiro da UFV, ministrando cursos sobre calagem e adubação de culturas, em 33 participações até 2016. Foi chefe do Departamento de Química (1978), coordenador de pós-graduação em Solos e Nutrição de Plantas (1989-1992) e pró-reitor de Assuntos Comunitários da UFV (1992-1993).

Foi autor ou coautor de vários capítulos de dois livros publicados. Já publicou, como componente de várias equipes (jamais como único autor), mais de 60 artigos em periódicos científicos e mais de 30 artigos em jornais e revistas (como único autor), dirigidos ao público em geral. Participou em vários congressos e outras reuniões científicas. Apresentou palestras em várias ocasiões e instituições. Orientou aproximadamente uma centena de estudantes de graduação, de iniciação científica, de mestrado e de doutorado na UFV. Aposentou-se como professor titular de Química e Fertilidade do Solo, em 11 de dezembro de 1995, e continuou como pesquisador bolsista do CNPq até fevereiro/1997 e da Fapemig, pela Epamig, até junho/2000.

Nesse período pós-aposentadoria, cinco estudantes da UFV (dois de mestrado e três de doutorado) defenderam suas teses sob sua orientação. Desde 1986 é cafeicultor e sócio-proprietário da Fazenda Itatiaia em Canaã/Araponga (MG). A partir de 2000 intensificou suas atividades na fazenda, quando foi

mais do que dobrado seu parque cafeeiro, chegando a aproximadamente 500.000 pés da *Rubiaceae*. Em 2004 a Fazenda Itatiaia recebeu o Prêmio Illycafé de Qualidade. Foi Secretário da Sociedade Brasileira de Ciência do Solo e editor-chefe do *Boletim Informativo SBCS* (1997 a 2003).

É coeditor do livro *Recomendações para o Uso de Corretivos e Fertilizantes para o Estado de Minas Gerais – 5ª Aproximação*, Viçosa (MG), 1999. 359p. Foi o seu último trabalho realizado na UFV e na Epamig, um legado de grande importância para o sistema Pesquisa-Ensino-Extensão de Minas Gerais, para outros estados do Brasil e para países vizinhos da América Latina, como se tem notícia. Foi diretor-presidente da UFV-Credi (2004 a 2006). Entre 2006 e 2018, participou da diretoria da ASPUV, ocupando vários cargos, incluindo o de vice-presidente. De 1998 a 2009, foi vice-presidente da Associação dos Ex-Alunos e de fevereiro/2012 a dezembro/2018 foi seu presidente, tendo se desligado para se dedicar aos preparativos para a comemoração dos 50 anos de formatura da turma do Carcará. É associado à Cooperativa dos Cafeicultores em Guaxupé Ltda (Cooxupé). Participa do Grupo de Estudos em Tecnologia do Café (GTEC-Matas) e do Programa Educampo do Sebrae. Publicou, apenas entre familiares e amigos, dois pequenos livros de autobiografia, que são registros de sua vida familiar e acadêmica para a posteridade:

- *Memorial Antonio Carlos Ribeiro* (2007. 44 p.);

- *Monjolinho da vida* (2012. 53 p., 2

Antônio Carlos Tarré Carvalho de Oliveira Pilastrinha

Telefone: (21) 98119 8922 | E-mail: estruturarj@gmail.com



Nasci na cidade de Rio de Janeiro (RJ), na época Distrito Federal, capital do Brasil, em um bairro chamado Long River (Rio Comprido), no dia 7 de setembro de 1945 no Hospital do Corpo de Bombeiros, na entrada do Túnel Rebouças (lado norte), até hoje no mesmo local, e talvez em razão destas duas referências (Bombeiros e Independência do Brasil), eu tenho esta “calma e serenidade” que até hoje demonstro para todos que me rodeiam.

Sou o segundo de quatro irmãos (Mabel, eu, Euclides e Cesar), filho de um médico (Dr. Euclides Carvalho de Oliveira) e uma professora (Dona Maria Tarré Carvalho de Oliveira). Estudei no Colégio Militar de 1958 a 1964, onde fiz bons amigos que tenho a sorte de manter por perto até hoje, realizando anualmente em novembro uma reunião no Círculo Militar

da Praia Vermelha. Em 1965, fui para Viçosa onde passei no concurso para cursar a faculdade de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde me formei em 1969, graças ao grande apoio de meus pais, e também graças à ótima recepção que tive na escola, tanto dos professores quanto dos veteranos de Agronomia e outros cursos como o de Florestas e o de Ciências Domésticas. Cito aqui também os auxiliares dos departamentos, os funcionários do refeitório, “quarteiros”, lavadeiras e outros que possa ter esquecido, que foram fundamentais e a quem agradeço de coração.

Em Viçosa conheci a Sandra Starling Brandão, com quem me casei. Ela era filha do professor da Universidade Dr. Silvio Starling Brandão e Dona Stella Costa Val Brandão nascida em Viçosa. Tivemos três filhas: Carla

(economista), Daniela (administradora e arquiteta) e Marcela (advogada). Com o apoio e a dedicação de Sandra, nossas filhas são hoje pessoas maravilhosas, educadas, gentis e com bom coração, além de excelentes profissionais, com quem convivo grande parte do meu tempo. Tenho também quatro netos: Eduardo e Gabriela (filhos da Carla); Gael e Noah (filhos da Marcela). Minha família é a parte mais importante da minha vida hoje. Apesar de a minha turma original ser a do Clube Berimbau, sempre tive muita afinidade com meus colegas do Carcará. A farra foi tanta que acabei perdendo um ano na faculdade, o que foi um belo presente, já que pude me formar com o Carcará em 1969.

Graças a este grupo maravilhoso, de onde saíram grandes amigos com quem me divirto até os dias de hoje, tive uma interessante surpresa. No nosso último ano, quando Gilson

Pitta foi presidente do Clube Carcará, tornei-me tesoureiro do Clube e então percebi qual era realmente a minha vocação. Trabalhei um ano como agrônomo na Fazenda Modelo no Rio de Janeiro e, a partir de 1971, fui convidado para trabalhar na Corretora Multiplic, onde fiquei 18 anos.

Em 1991, abri a minha própria corretora, a Estructura, por meio da qual continuei trabalhando no mercado financeiro até 2004. Atualmente, tenho alguns negócios próprios, coisas simples, mas que me ocupam o tempo necessário para manter a minha cabeça ativa e o meu espírito inquieto ocupados. Fora isso, curto meu tempo com minha família e amigos, viajando e desfrutando o que a vida tem de melhor a me oferecer – destaco aqui os fins de semana e feriados passados na casa de campo da família em Teresópolis (RJ).

Atualmente moro no Rio de Janeiro.

Antônio Dércio Varoni Paulista

Telefone: (37) 99971 2378 | E-mail: antoniodvaroni@gmail.com

Antônio Dércio Varoni, conhecido como Paulista, nasceu no município de Coroados (SP), em 22/11/1944. Filho de descendentes italianos, João Varoni e Arcilia Molgora Varoni, primogênito de mais três filhos, cursou o ensino fundamental lá mesmo, em Coroados, e o ensino médio na cidade vizinha Birigui. Residiu no mesmo endereço até os seus 18 anos de idade, quando em 1964 partiu para São Paulo, capital,

para se preparar para o vestibular e, em 1966, teve seu ingresso no curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Viçosa, local onde permaneceu por ininterruptos quatro anos.

Em 1969, concluiu o curso de Engenharia Florestal e, em 1970, teve sua primeira oportunidade de trabalho na cidade de Belo Horizonte (MG), no Conjunto Brasileiro de Empreendimentos (CBE). Já em 1972 fez parte da equipe



responsável pelo convênio entre os órgãos federal e estadual de manejo de florestas em MG, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), atual Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais (Ibama), e Instituto Estadual de Florestas (IEF).

Em 1973 recebeu o convite mais desafiador de sua carreira profissional, para integrar a diretoria técnica da formação de uma empresa, a Sorel Ltda, responsável pela produção de carvão vegetal, para o abastecimento de uma siderurgia de ferro gusa, em Pará de Minas (MG) e, como diretor técnico desta empresa, permaneceu por 21 anos.

Em 1994, desligou-se da referida empresa reflorestadora e, juntamente com mais um sócio, constituiu a empresa Pecuária Morrinhos Ltda, também com sede em Pará de Minas, para a qual se dedica até os dias de hoje como sócio-proprietário. Referida empresa, já com 25 anos de mercado, tem como objetivo o desenvolvimento de diversos segmentos do agronegócio, com destaque para a pecuária de cor-

te, silvicultura e agricultura, bem como a extração mineral de jazidas próprias de ardósia, tendo hoje 90% de sua produção exclusiva para a exportação, principalmente para o mercado europeu, através da MPM Slate. Realizadas as principais considerações de sua trajetória profissional, passa-se a seguir a uma breve descrição de vida pessoal.

Sua família Varoni continua residindo na cidade de Coroados, interior de São Paulo, sendo que em 1994 recebeu o título de cidadão honorário da sua cidade natal.

Em 1973 casou-se com Vânia Maria Reis Filgueiras Varoni, na capital mineira, e com ela mudou-se para Pará de Minas, onde reside até os dias atuais. Nesta cidade teve seus quatro filhos, sendo eles: João Hélio, Vitor, Raquel e Luiz Otávio e lá teve a oportunidade de integrar o Rotary Club Pará de Minas, participando de importantes projetos sociais, sendo seu presidente na gestão 1999/2001.

Em 2004, seu primogênito, João Hélio, veio a falecer num trágico acidente de trânsito. Vitor é administra-

dor de empresas, Raquel é advogada e Luiz Otávio é engenheiro de produção. Sua filha reside em Belo Horizonte, é casada com Adriano Moraes, administrador de empresas, e tem um filho

chamado João Varoni Moraes, atualmente, seu único neto. Já seus outros filhos residem também em Pará de Minas e têm suas vidas profissionais dedicadas à empresa da família.

Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho

Bahia

Telefone: (31) 99139 8888 | E-mail: bahia@unifemm.edu.br



Nasci em Sete Lagoas em 30/12/1947, filho de Antonio Fernandino de Castro Bahia e Dagma Teixeira França de Castro Bahia, sendo o quarto filho de uma prole de sete irmãs e um irmão. Aprendi o valor do trabalho e da educação com os meus pais, dentro da sua faina diária de prover alimentação, vestuário e escola para tantas crianças. Meu pai nos serões da sua oficina e minha mãe cuidando de todos, da cozinha aos deveres da es-

cola passando pela máquina de costura. Sou eternamente grato a eles pelos exemplos e dedicação a todos nós.

A minha vinda para Viçosa para cursar Agronomia deve-se a dois fatores primordiais: à minha mãe, filha de fazendeiros, que juntamente com meu avô, mostrou na prática o trabalho e a vida na fazenda, e a ida para Viçosa do meu irmão Francisco para o agro técnico, formado em 1965 no Marreta, recentemente falecido.

Cheguei a Viçosa no início de 1966, atrasado para o cursinho, pois fui considerado refratário pelo serviço militar por não ter me apresentado a tempo. Foi uma peleja ser dispensado, o que ocorreu pela minha magreza na época. Na chegada, apoio do Matheus Bressan e do Perfídia (Sebastião Bressan) além dos colegas de Sete Lagoas José Arnaldo (Pinico) e Romulo (Latrina e depois Alicate).

Passado o vestibular, a adaptação à vida universitária, com a Química e o Marcio nos apavorando. Viradas memoráveis que se estenderam por todo o curso sendo o último ano a diversificação em Fitotecnia.

Formado, retornei a Sete Lagoas onde fui contratado pelo Instituto de Pesquisa Agropecuária do Centro Oeste (Ipeaco), atualmente Embrapa Milho e Sorgo, para atuar na seção de Solos. Era um mundo novo para mim trabalhar em pesquisa onde as condições eram precárias. Até hoje me lembro que havia muito pouca literatura disponível na biblioteca, sendo a maior parte desatualizada. Uma parte do calçamento à frente do prédio principal foi realizada com recursos de um projeto de pesquisa nosso, por decisão da direção.

Mas, passados dois anos da minha contratação, fui aprovado para o mestrado pelo Ipeaco. Aí o destino interveio. Estava aprovado para Carolina do Norte, quando meu avô, a quem era muito ligado, adoeceu gravemente. Prevendo o seu desenlace, consegui aprovação para a UFV, onde fui orientado pelo professor Braga. E aí conheci Ângela, minha esposa, natu-

ral de Coromandel, cursando Ciências Domésticas. Ela trabalhava na cantina no prédio velho e, ao descobri-la, passei a tomar muito mais cafezinhos do que antes. Em 1973 foi criada a Embrapa, com o diagnóstico que faltava ao Brasil tecnologia tropical para o desenvolvimento da agropecuária e com prioridade de investimento em capacitação. Em 1974 fui por ela contratado e lotado novamente em Sete Lagoas. Concluído o mestrado, com tese sobre retenção de fósforo e sua disponibilidade, voltei para a base. Após retornar participei do grupo de trabalho para os estudos e implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo. Nesse meio tempo, casei-me com Ângela e tivemos três filhos dos quais muito nos orgulhamos: Antônio F.C. Bahia Neto, médico, Juliana Rosa Bahia, publicitária, e Andrea Rosa Bahia, médica. O Bahia Neto é casado com Manuella Benaton e tem um filho, João Benaton Bahia que é meu xodó e de Ângela.

Na Embrapa, desenvolvemos em equipe vários trabalhos de importância destacando o desenvolvimento de tecnologia de manejo de adubação em sistemas de produção em solos de cerrado, melhoramento de milho e sorgo para condições de acidez (toxidez de alumínio e eficiência na utilização de fósforo) resultando no desenvolvimento de uma genética tropical. Essa genética foi transferida para o setor produtivo por meio de um programa pioneiro de licenciamento com pequenas empresas de sementes de milho que chegaram a ocupar 20% do mercado brasileiro.

Enquanto se desenvolvia o progra-

ma de pesquisa a que me referi, fui fazer o doutorado novamente em Viçosa, pela linha de pesquisa ali existente, novamente sob a orientação do professor Braga tendo como coordenadores os professores Mauro Rezende e Roberto Ferreira de Novais, os quais muito admiro e devo juntamente com o meu orientador.

Fui recebido no Departamento de Solos pelo meu particular amigo professor Antonio Carlos Ribeiro, o Dudu, que me alojou no seu gabinete, provocando comentários ciumentos no seio do Departamento de Solos. Foram anos muito ricos, nos aspectos pessoal, profissional, familiar e de relacionamento dos quais não me esqueço. Volto a Sete Lagoas, após 2,5 anos do doutorado e encaro novos desafios juntamente com a pesquisa. Agora é a gestão da pesquisa, como chefe-técnico e posteriormente chefe-geral da Embrapa Milho e Sorgo em dois períodos, não subsequentes, totalizando 12 anos.

Nesses períodos, a Embrapa milho e Sorgo se reorganiza em núcleos temáticos, coloca ênfase na transferência de tecnologias disseminando-as via intenso programa de parcerias e

de comunicação. Cresce de importância a Biotecnologia, o zoneamento agroclimático, o manejo integrado de pragas, o uso eficiente dos recursos hídricos, os sistemas de produção conservacionistas e a sustentabilidade no setor agrícola. Qualidade de alimentos e alimentos funcionais entram na pauta bem como segurança alimentar.

Após a passagem pela administração, fiz um pós-doutorado na Fundação Dom Cabral focado em gestão de médias empresas, ou tecnologia de gestão. Quase como uma preparação para uma nova etapa da vida o que realmente ocorreu quando fui convidado para a reitoria da Fundação Educacional Monsenhor Messias. Aposentei da Embrapa em 2006 que foi a minha grande escola da vida e que permanece viva em meu coração. Na Fundação Monsenhor Messias, enfrentamos o desafio da educação de qualidade, onde o aprendizado do aluno é o foco, associado ao desafio da sustentabilidade financeira. É a maior instituição de ensino superior da região com 52 anos de constituição.

De toda essa trajetória tenho um ensinamento que é da interdependência e que ninguém faz nada isoladamente.

Antônio Luiz de Lima Espeto

Telefone: (31) 99767 6649 | E-mail: limasaobento@gmail.com

Em 1954, com dez anos, desci da Pedra Redonda, Araponga (MG), entrei chorando na perua de madeira do motorista Sô Bem, com destino a Viçosa, para o cursinho de admissão ao ginásio e, aqui, conclui cursos ginásial,

científico e agronomia. Sessenta quilômetros em que se gastava meio dia de viagem; com chuva não havia ônibus.

Bem-sucedido no vestibular comecei em 1965 com a turma do Berimbau. Berimbau, turma boa, grandes



amigos, mas por causa de alguém que escreveu num cartaz, na porta do banheiro em reforma na frente da sala de aula prática: FECHADO PARA REFORMA, apareceu o gaiato e acrescentou: ...da professora fulana de tal. Isso não agradou ao professor e nem a sua esposa, também professora da disciplina. Quase toda turma da última aula prática do semestre foi reprovada e tive que aguardar o Carcará.

Acredito que tudo na vida não acontece por acaso e aguardar o Carcará foi muito bom! Turma boa, muitos amigos e intensa acolhida dos carcereanos.

Com a reprovação, perdi a bolsa rotativa, mas consegui trabalho no refeitório da UFV e junto com os colegas: Sasseron, Edésio (Pilastra), Manoel (Zebu), Morel e José Lucíndio (Buzuntão) pude servir café da manhã, almoço e jantar para as turmas do Bafo da

Onça, Pinguim, Berimbau, Carcará, Cavanhaque, Gato Preto e Trabuco.

Com o trabalho no refeitório conquisei muitas amizades: nossa chefe Maria Elilce, esposa do colega Peter John, colegas, estudantes, professores e funcionários. Particpei como baixo no Coral da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e violonista nas farras durante a Semana do Gambá. Baile do cantor Jerry Adriane, 19 de junho de 1968, meu aniversário, uma dança, uma capixaba de Alegre (ES), do curso de Economia Doméstica, e o começo de uma nova família. Elecir Capua Rosa de Lima, profissional dos refeitórios da Usiminas e da UFV, os filhos Rodrigo Capua de Lima, engenheiro de alimentos, mestre e consultor e sua esposa Mirela Souto, administradora de empresa e executiva da Empresa Marca Ambiental, em Vitória (ES); Júnia Capua de Lima Novello, engenheira de alimen-

tos, pós-doutora e professora na Universidade de Caxias do Sul e Universidade do estado do Rio Grande do Sul, casada com Eleandro Novello, engenheiro mecânico e pais do Antonio Capua de Lima Novello; André Luiz Capua de Lima, engenheiro mecânico Industrial, MS, técnico da Vale em Vitória (ES), casado com Leticia Santana Borges, arquiteta, com empresa em Vila Velha (ES). Feliz ao escrever essa biografia, na expectativa de estar em dezembro de 2019 recebendo o diploma de 50 anos de formado em Agronomia.

Minha vida profissional pode ser resumida em trabalho na Associação de Crédito e Assistência Rural, Acar, como supervisor local em Ipatinga (MG), rápida passagem por Uberlândia e retorno a Viçosa em 1974, como supervisor seccional e regional da Acar, ocasião em que tive a oportunidade de participar da elaboração do documento de transformação da Acar em Emater-MG.

Cidadão honorário de Rio Casca (MG) pela contribuição dada ao município na concretização de projeto de eletrificação rural do Programa de Desenvolvimento Integrado da Zona da Mata de Minas Gerais (Prodemata).

Em abril de 1978, convidado pelo reitor, professor Paulo Mário del Giudice, ingressei na UFV como presidente do

Conselho de Extensão e diretor do Centro de Ensino de Extensão, cargos que exerci também a convite do reitor Geraldo Martins Chaves. Fui professor nas áreas de Comunicação Rural, Extensão Rural e Administração Rural, lotado no Departamento de Economia Rural da UFV, com mestrado em Extensão Rural com teses, livros, apostilas e trabalhos publicados todos nessas áreas.

Pró-reitor de Administração, pró-reitor de Planejamento e Orçamento da UFV e diretor do Instituto UFV de Seguridade Social da UFV (Agros). Inspetor do CREA-MG em Viçosa por nove anos; vice-presidente da Associação de Professores da UFV, vice-presidente e membro do Conselho Fiscal da Associação de Ex-Alunos da Universidade. Dezesesseis anos de aposentadoria da UFV e há doze anos instrutor do Programa Novas Lideranças Rurais da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais, em seis cidades mineiras por ano. Nas folgas ou no trabalho atual, tenho viajado por Minas e por esse Brasil, Portugal, Espanha e França.

Resido no Condomínio Bosque Acamari-43-Viçosa (MG) que recebe a visita de colegas e amigos sempre com alegria e uma boa pinga do norte de Minas com licor de pequi.

Antônio Paulo Pinto Cerqueira – Cantagalo

Telefone: (11) 5594 7117 ou (11) 99292 0990

Conhecido como Canta's, sou casado com Lúcia, com quem tive dois filhos, Fabinho e Leandro, e os netos Pedro,

Felipe e Maria Luiza. Vivo atualmente entre as cidades de Itaperuna (RJ), São Paulo (SP) e Ubu (Anchieta-ES), apro-

veitando minha aposentadoria.

Logo que saí da UFV, trabalhei na Extensão Rural em Itaocara (RJ) durante quatro anos. Logo depois me transferei para Itaperuna (RJ), onde permaneci até a minha aposentadoria. Em paralelo, chefei a Fazenda Experimental de Itaperuna, onde fui coordenador de Pecuária por um longo período, passando, em seguida, a exercer a função de coordenador regional.

Na sequência, fui indicado para administrar a Fazenda Experimental de

Italva (RJ), da Seagro-Rio e, posteriormente, a Fazenda Experimental de Itaocara, da Pesagro-Rio.

Hoje, tomo minha cervejinha, especialmente a Bohemia, na linda praia de Ubu, onde tenho uma residência, e fico à espera dos amigos que queiram nos visitar. Quando estou em São Paulo, fico à disposição dos netos, levando e buscando no colégio. Continuo, como sempre, uma pessoa de bem com a vida e continuarei sendo.

Antônio Massao Hirama Shashisha

Telefone: (44) 3301 8935 | E-mail: gambaree100@hotmail.com



Engenheiro agrônomo, diversificado em Economia Rural, nasceu em Martinópolis (SP), em 20/08/1942. Casado com Taeco Hirama, possuem cinco filhas, Eliane Akemi, Alice Tomie, Edna

Yukari, Marcia Suemi, Ângela Megumi, e onze netos. Atualmente mora em Maringá (PR).

Ao longo de sua vida profissional, coleciona passagens pela Coopera-

tiva Agrícola de Cotia, Cooperativa Central, Planejamento e Assistência Técnica Rural SC Ltda (Platec) e Cooperativa Agrícola Mista de Arique- mes (Copamar). Na década de 1980 ingressou no governo do estado de Rondônia, na Companhia de Desenvolvimento Agropecuário de Rondônia (Codaron), transferindo-se, em seguida, para o Ministério da Indústria e Comércio, na Superintendência da Borracha (Sudhevea), Ceplac, Escola Média de Agricultura da Região Cacaueira (Emarc), onde foi professor de Ole-

ricultura. Atuou ainda na Agência de Defesa Sanitária Agrossilvopastorial de Rondônia e na Fundação Nacional do Índio (Funai). Após a formatura na UFV, ganhou uma bolsa de estudos do governo da Província de Miyagi para a Faculdade de Agronomia da Universidade de Tohoku, no Japão.

Na década de 1990, fez um estágio na Escola Média de Agricultura e Floresta, onde realizou uma pesquisa sobre a multiplicação de cacaueteiro através do cultivo de tecidos vegetais, em Kururi, Província de Chiba, no Japão.

Berlina Miguel de Souza Bordini - Berla

Telefone: (19) 3231 619 ou (19) 99130 3912 | E-mail: berlinamsb@gmail.com

Conhecida na família carcareana como Berla, nasci em 26 de novembro de 1946, em Itabuna (BA). Casada com Orlando Frederico José Godoy Bordini, tenho um filho, Orlando, que me deu a paixão da minha vida: minha neta Elisa.

Logo que saí da UFV, fui trabalhar na Comissão Executiva da Lavoura Cacaueira (Ceplac), em Ilhéus (BA). Comecei como administradora do restaurante, cuja implantação executei pessoalmente. Depois da implantação, elaborava os cardápios e supervisionava a execução dos pratos, exercendo a função de economista doméstica. Após 6 anos, integrei uma equipe multidisciplinar num programa social com os trabalhadores rurais da empresa. Neste programa trabalhava com as famílias (mães e



filhos menores de 6 anos) na inclusão social, no qual construímos um condomínio residencial para as famílias mais necessitadas. As mulheres deste projeto eram preparadas para a vida com cursos profissionalizantes.

Foi um trabalho gratificante que me fez crescer como pessoa.

Logo após este período, me especializei em Informática pela Universidade de Santa Cruz, em Ilhéus (BA), e passei a atuar no Departamento de Informática da empresa. Inicialmente como programadora de linguagens de computador e depois como analista de sistemas, desenvolvendo sistemas institucionais. Como era necessário acompanhar meu marido, fui transferida para outro órgão do Ministério da Agricultura, o Laboratório de Referência Animal (Lara),

em Campinas (SP), na função de analista de sistemas.

Em paralelo, além dos cursos oferecidos pela empresa na área de informática, fiz uma especialização na Unicamp. Após a aposentadoria resolvi estudar italiano e francês, o que faço até hoje. Sou uma aposentada que gosta de viajar, ler e cuidar de mim como mulher, mas minha principal função é curtir a criação da minha neta, o que me deixa muito feliz. Hoje divido meu ano entre Campinas e um mês curtindo as praias da Bahia junto a minha família.

Carlos Antônio Landi Pereira Totonho

Telefone: (31) 3227 0508 ou (31) 99979 1345 | E-mail: carloslandi@uol.com.br

Nasci em Cássia (MG), quando a cidade ainda se chamava Santa Rita de Cássia, em 1945, ano em que teve fim a Segunda Guerra Mundial, num 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima e da abolição da escravidão no Brasil (1888). Meu nome deriva de meu avô paterno, “Carlos”, de origem portuguesa, e de meu avô materno, “Antônio”, de nacionalidade italiana. Sou o quarto de uma família de oito filhos, sete homens e somente uma mulher. Dos homens, quatro são engenheiros agrônomos formados em Viçosa (MG): Célio (Pantaneiro, turma “Marreta” 1965); Mauricio (Prof. Pardal, turma do Cavanhaque de Urubu 1970); Ricardo (Sonrisal, que fazia dupla com seu colega Azia, ambos da turma “Trabuco” 1972); e eu, da turma de 1969.



Meu apelido original foi professor Ludovico. Não pegou. Na minha família sempre fui o “Totonho”. O Dudu (Duvidoso), que morava co-

migo no ap. 912 do prédio novo, descobriu minha alcunha e passou a me chamar de “Totonho coisa boa”. Pegou que nem visgo. No período universitário formamos um quarteto (sem nome) de cantores de serestas e de rodas de entretenimento. Éramos: Meiose, Mauricio, Machadinho e Totonho. O Dudu era acompanhante. Como cantores integramos também o coral da universidade.

Em 1973 casei-me com Marialda, uma paulista interiorana de Palmital (SP). Tivemos um casal de filhos. Gustavo, advogado, e Letícia, fisioterapeuta. Temos dois netos, Valentina e Murilo. No curso de agronomia, diversifiquei em Fitotecnia (grandes culturas-Fitão) e cursei Pré-serviço em Extensão Rural pelo CEE de Viçosa, 1970. Me titulei como mestre em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, 1974/75, e cursei especialização em Consultoria Organizacional pela ODA Internacional - Califórnia USA, 1977/78; também cursei Study in Irrigation Management pela Colorado State University, Fort Collins, Colorado USA, 1997; fui discente de Qualidade Total em Fruticultura Irrigada, Ministério de Integração Nacional/ Sebrae, 2000. Ainda fazem parte de minha formação profissional dezenas de treinamentos via cursos, estágios, viagens nacionais e internacionais, seminários, congressos etc.

Comecei minha carreira de trabalho em 1970, na antiga Associação de Crédito e Extensão Rural do estado de Minas Gerais - Acar, sucedida pela Empresa de Assistência Técnica

e Extensão Rural (Emater-MG). Foram 18 anos de trabalho extensionista, exercido em obediência aos princípios da ética, da moralidade, da ciência, da técnica, da natureza e em prol do desenvolvimento econômico, social e ambiental, sempre de forma a garantir a sustentabilidade. Exerci a chefia de todas as unidades operacionais e administrativas da hierarquia organizacional da empresa Acar/Emater-MG, chegando à sua diretoria técnica e, enfim, galgando a presidência. Foi um período áureo de minha vida profissional e pessoal. Relacionei-me intensamente com muitos colegas carcareanos e conseguimos excelentes resultados.

No final de 1971 até 1972, integrei uma equipe selecionada de extensionistas de Minas, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que, sob os auspícios dos Ministérios da Agricultura e do Interior, foi incumbida de implantar o serviço de extensão rural ao longo da Estrada da Integração Nacional, a Transamazônica, trecho Altamira - Itaituba, no estado do Pará. Treinamos as equipes da Acar-PA e assentamos duas mil famílias de pequenos produtores, oriundos dos diferentes estados brasileiros, em lotes de 100 hectares às margens e ao longo da estrada, ainda em construção. Tal trabalho contribuiu para a consolidação do objetivo nacional de ocupação da Amazônia, integrando-a no contexto do desenvolvimento brasileiro e fragilizando os então “interesses internacionais” no território amazônico.

Ao final deste ciclo extensionista, em 1988, parti - a convite do Ministério da Irrigação via Companhia de De-

envolvimento dos Vales do Rio São Francisco e Parnaíba, para o projeto Jaíba. Um projeto com área de 100 mil hectares, a maior área contínua irrigada da América Latina, implantado no Norte de Minas, na margem direita do rio São Francisco. Nossa missão era compor uma equipe e implantar e gerenciar o primeiro Distrito de Irrigação no Brasil de perímetro público irrigado, conferindo ao Projeto Jaíba a autogestão pelos seus próprios produtores integrantes.

Foi implantada então a Associação dos Irrigantes, denominada Distrito de Irrigação do Jaíba (1988), que assentou 1800 famílias de pequenos agricultores irrigantes e estabeleceu pequenos, médios e grandes empresários em 200 lotes maiores. O sucesso deste trabalho caracterizou-se pelo alcance da autossustentabilidade dessa nova forma de gestão da coisa pública, e o desencadeamento da implantação deste novo modelo de gestão em cerca de 30 outros projetos na região Nordeste do país, implantados pela Codevasf e Dnocs, o que contribuiu para a inclusão dos artigos 27 e 37 na Lei Federal de Irrigação de n.º 12.787, de 11 de janeiro de 2013 (que dispõe sobre a política Nacional de Irrigação), autorizando a transferência e emancipação desses perímetros públicos aos seus irrigantes, organizados em forma associativa.

Nesse período no Distrito de Irrigação, trabalhei em conjunto com lideranças da região para a criação do Município de Jaíba. Nomeado pelo então governador de Minas Gerais, em 1992, fui investido na função

de intendente, com a incumbência de organizar administrativamente o município e elaborar os projetos de lei orgânica para sua funcionalidade. Em 1º de janeiro de 1993 foi consolidada a prefeitura municipal e empossados os primeiros prefeito e vereadores do município, em eleições diretas pelo povo.

Em paralelo a essa atividade, fui suinocultor em propriedade rural na comunidade de Beltrão, às margens do rio das Velhas, no município de Corinto (MG). Esta atividade, além do seu lado econômico e de função social, foi particularmente importante para minha esposa e meus filhos em fase de criança/adolescência, permitindo-lhes interagir com a natureza, o cerrado brasileiro e com a cultura do povo rural, além da criação de postos de trabalho para a população da região.

A partir de 2004, cumprida a minha missão pública, integrei a equipe da empresa de Consultoria e Projetos Plena, onde me dediquei à atividade privada de consultoria nas áreas de assistência técnica, projetos de reabilitação ambiental, gestão de perímetros públicos, planos de negócio, marketing, de melhoria de competitividade em fruticultura, siderurgia, biotecnologia, calçados e bolsas, móveis, polos de excelência em áreas de laticínios, florestal, gestão hídrica, vitivinicultura, estudos de viabilidade e diagnósticos para planos de desenvolvimento, dentre outras. Em 2017 passei a me dedicar exclusivamente ao agronegócio pessoal de produtor de banana irrigada no projeto Jaíba, negócio esse embebrado em 1998.

Hoje, aos 73 anos, sou o que sempre planejei e sonhei, um produtor rural praticando tudo o que aprendi e ensinei na vida, pai e avô dedicado e agradecido pelo apoio que sempre recebi de meus familiares, retribuindo o carinho a cada um deles sob a égide dos mesmos princípios que sempre me guiaram. Em 15 de dezembro de 2017, a Câmara Municipal de Jaíba me concedeu o título de “Cidadão Honorário”, em reconhecimento pelo trabalho comunitário do qual muito me orgulho, sintetizando muitas outras honrarias, placas, medalhas, di-

plomas e títulos que recebi por onde passei e que expressam o reconhecimento sempre a incentivar meu dia a dia profissional e pessoal. Compartilho com os meus colegas carceareanos este resumo biográfico, imbuído de lhes prestar agradecimentos pela convivência universitária que tivemos e que muito contribuiu para a pessoa e profissional que sou. Vivemos intensamente. Estudamos muito, cantamos muito, “gambasaMOSs” muito e tudo que vivenciamos juntos naqueles quatro anos, FICOU TATUADO PARA SEMPRE NO MEU CORAÇÃO.

Carmen Lúcia Gonçalves Missiaggia – Carmen

Telefone: (31) 98736 1857

Nasceu em Viçosa (MG), no dia 14/12. Filha do professor Arlindo de Paula e Tereza Soares de Paula Gonçalves, morou na fazenda Xaxá até os 19 anos, hoje Dendrologia, do Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa (UFV). Atualmente é patrimônio histórico da UFV. Estudou na Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, em Viçosa. Casada com Francisco Cavalheiro Missiaggia, é mãe de 5 filhos, tem 10 netos e um afilhado adotivo, criado por afinidade.

Primeira economista doméstica contratada para administrar os restaurantes universitários da Universidade Federal de Minas Gerais, foi pioneira em Belo Horizonte na introdução de novos hábitos alimentares, manuseio e higienização correto dos alimentos. Responsável pelas reformas dos es-



paços físicos e construção de novas unidades de restaurantes para diversas faculdades da UFMG, como as Faculdades de Medicina, de Engenharia, de Arquitetura e restaurante setorial do Campus da Pampulha. Foi responsável também pela contratação de mais sete

economistas domésticas para atuarem nos diversos restaurantes UFMG, DER e Cemig. Foi responsável pela implantação do Serviço de Alimentação do Restaurante dos Trabalhadores, na Cidade Industrial, em Contagem (MG).

Desenvolveu diversas atividades ao longo de sua vida profissional. Em 1972 foi contratada pela Prefeitura de Belo Horizonte como professora de Educação para o Lar no Colégio Municipal e Colégio Marconi até sua aposentadoria, em 1995.

Anos mais tarde, em 1985, implantou o serviço de alimentação dos restaurantes da Cemig através do Gremig. Em 1988 criou a empresa Administração de Restaurante e Cozinha Industriais (Arci). No ano seguinte, tornou-se concessionária dos serviços de alimentação do colégio Sistema, Promove, Banco BMG e Clube Mackenzie. Juntamente com o marido, em 1990, foi responsável pela administração e construção de sua residência atual, atendendo um velho anseio não realizado de se

formar em Arquitetura.

Atuou também como assessora de Marketing e participou do lançamento de produtos da Brasfigo, pertencente ao banco BMG. Em 1996 idealizou e criou, junto com seu filho Vinicius, a Academia Bandeirantes Mangabeiras. Também reestruturou o restaurante da Sociedade Mineira de Engenharia na rua Timbiras.

Em 2000, tornou-se concessionária do restaurante do Sesc-MG e criou a marca Carmen Missiaggia Buffet. Aposentou-se como empresária em 2014 e atualmente desenvolve um trabalho social no projeto Thalita Kum, junto à Pastoral Social da Igreja do Belvedere, em Belo Horizonte, fornecendo 3.000 unidades de fraldas descartáveis aos acamados do Morro do Papagaio (BH).

Além da formação como economista doméstica, possui duas especializações, Dieta para população sadia (1975) e Simpósio de Administração em cozinhas industriais (São Paulo, 1986).

Cassandra Dias Castro

Cassandra

Telefone: (31) 3281 4593 ou (31) 98661 3607

Nasci em Belo Horizonte, na primavera de 1947, no dia 22 de setembro. Tenho quatro filhos, meus amores: Alessandro, casado com Bianca e pai de Laura e Arthur; Frederico, Estefânia e Patrícia. Formada pela Universidade Federal de Viçosa em Economia Doméstica em 1969, prestei concurso em 1970 para Escola Estadual Poliva-

lente, indo trabalhar em Juiz de Fora.

No ano de 1972/73, planejei o curso de Licenciatura Curta em Educação para o Lar, no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, tendo lecionado Nutrição e Administração do Lar. Já em 1974, me mudei para Belo Horizonte, continuando a lecionar Educação para o Lar, na escola Estadual de



Minas Gerais. De 1975 a 1977, lecionei Decoração do Lar e Planejamento em Nutrição na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, tendo sido madrinha da turma de formandas de 1977. Ainda em 1975, planejei e montei o refeitório da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sendo a nutricionista responsável até meados de 1978. Cursei também a Faculdade Milton Campos, me formando em Direito, em dezembro de 1986.

Nessa nova carreira, trabalhei por um período na Defensoria Pública de Minas Gerais e depois como advogada do Instituto Estadual de Florestas (IEF) até o ano de 2010, onde contribuí com toda adaptação constitucional, quando em 1988 o estado passou a ter competência para legislar sobre o Meio Ambiente.

Em 2005, fiz pós-graduação em

Direito Ambiental pelo Centro de Atualização em Direito (CAD), em Belo Horizonte. Durante estes anos de trabalho no IEF, contribuí com assistência técnica, jurídica e administrativa à legislação ambiental dos estados da Bahia, Goiás e Mato Grosso do Sul. Fui ainda assessora jurídica da Secretaria de Justiça do Estado de Minas Gerais de 1999 a 2000. Durante uma atividade e outra, nos áureos tempos, comercializei joias, pela “AF” e mantive, em sociedade, uma confecção de roupas sociais femininas, a “Sempre Viva”.

Voltei à Defensoria Pública de Minas Gerais, por decisão judicial de última instância, depois de 27 anos de espera, desta vez efetivada na função, onde atuei na Defensoria Pública de Direitos Humanos, Coletivos e Sócio Ambiental até quando me aposentei em outubro de 2018.

Célia Lúcia Fortes Ferreira

Célia

Telefone: (31) 98812 6536 | E-mail: clferrei@ufv.br

Natural de Belo Horizonte, fui convencida a ir para Viçosa e me tornar pi-

ca-couve pelo trio (Brasinha, Tampa e Tampinha), indelével amizade e irmãs



de coração. Casada com José Martins Ferreira (1967- viúva em 2003), tivemos três filhos: Cláudia Fortes Ferreira (engenheira agrônoma e pesquisadora da Embrapa), Cimara Fortes Ferreira (formada em Odontologia, professora na Universidade do Tennessee, Memphis, e Diretora de Implantodontia na mesma universidade), Rodrigo Fortes Ferreira (professor e coach da língua inglesa, pai dos meus netos Nicholas e Emilly).

Iniciei minha vida profissional com o cargo de nutricionista na Siderúrgica Mannesman (Belo Horizonte) imediatamente após a formatura em 1969. Lecionei nas Escolas Polivalentes (Uberlândia e Belo Horizonte), fui pesquisadora da Embrapa sobre Gado de Leite (Juiz de Fora) e professora da UFV (Tecnologia de Alimentos), onde trabalhei por 38 anos, 4 meses e 29 dias.

Em 1977, obtive o título de mestre na Universidade de Wisconsin, Madison; PhD (1986) na Universidade de Oklahoma, Stillwater; estágios no Massachusetts Institute of Technology (MIT),

Cambridge; no INRA (Jouis em Josas) França; no Centro Nacional de Pesquisa em Alimentos (CNRA), Ottawa, Canadá, na área de Biotecnologia.

Iniciei no Brasil pesquisas com probióticos, na área humana e animal, gerando vários convênios com universidades e centros de pesquisas no exterior e registro de patente em prebiótico. Como pós-doutorada, exerci atividade de professora visitante no Food Research Institute, Madison, WI (1994-1995), desenvolvendo pesquisas em bactérias probióticas anaeróbias e, em 2010, na Universidade de Turku, Finlândia, em aplicação clínica de probióticos, onde mantenho o status de professora visitante, contribuindo com o programa de pós-graduação do Functional Food Forum (FFF - Medical School).

Ministrei cursos na área de probiótico, pré e simbióticos no Centro de Referência para Lactobacilos (Cerela), Tucuman, Argentina, e no Centro Nacional de Sanidade Agropecuária (Censa), Mayabeque, Cuba. Meu envolvimento com extensão iniciou-se em 1986, quando passei a trabalhar junto a produtores rurais de queijos artesanais nas regiões do Serro e Canastra. Nessas andanças, pesquisamos e decodificamos o papel das diferenças do processamento na segurança e no tempo de maturação desses queijos. Geramos o primeiro estudo científico em queijos artesanais aceito pelo Mapa para legalizar um tempo de maturação inferior a 60 dias, o que resultou na alteração de normas e regulamentos dos queijos produzidos nessas regiões tradicionais.

A partir de então, os queijos do Serro e Canastra saíram da ilegalidade e pas-

saram a frequentar as gôndolas dos supermercados. Continuo trabalhando na elaboração e regulamentação das leis e na elaboração dos cadernos de normas de queijos artesanais produzidos em MG e em outros Estados da Federação. Tivemos a honra de protagonizar

os documentários “O Mineiro e o Queijo” e, mais recentemente, “O Quê do Queijo do Serro”. Escrevi livros, publiquei artigos, orientei teses, mas essas atividades, junto aos produtores de queijos artesanais, podem ser consideradas a minha maior contribuição para a área agrária!

Célio Gomes Floriani

Catarina

Telefone: (31) 99119 9618 | E-mail: celio.floriani@hotmail.com



Casado com Silvânia Portilho Floriani, três filhos e um neto: Lauro Célio Portilho Floriani, monge budista, ordenado em 2006, Docteur-Informatique/Recherche Opérationnelle, Université de Nice Sophia-Antipolis en partenariat avec France Telecom Recherche et Développement - França; Luciana Portilho Floriani, graduada

em Odontologia pela Uniube, Uberaba (MG), possui especialização Lato Sensu em Odontologia em Saúde Coletiva, pela PUC-MG, e pós-graduação em Acupuntura - Incisa/Imam; Juliana Portilho Floriani, bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário Fumec, possui pós-graduação em Direito Processual

pelo Instituto de Educação Continuada da PUC-MG e mestrado em Direito do Trabalho pela mesma instituição. Temos ainda um netinho, Miguel Portilho Peil Floriani Aranha, xodó da família.

Nasci em Lages (SC), no dia 06/10/1943, filho de Lauro Floriani e Maria Júlia Gomes Floriani, a quem rendo meus eternos agradecimentos pela visão e esforço, para que eu, o mais velho, e outros três irmãos saíssemos da fazenda (nosso mundo encantado, a roça) para cursar o primário na cidade de Lages e, posteriormente, na tradicional Escola Agrícola Caetano Costa, os cursos de iniciação agrícola e mestrado agrícola. Após essa etapa e por Santa Catarina ainda não contar com escolas com nível de Agrotécnico, vim para Minas Gerais para concluir esse curso na destacada Escola Agrotécnica Diaulas Abreu, em Barbacena. Daí o caminho foi acompanhar Tamborete e Juca Chaves para fazer Agronomia em Viçosa e ter o privilégio de participar dessa fantástica turma do Carcará.

Em Viçosa recebi o apelido de Catarina do augustíssimo Paraná. Quebrando um pouco a carreira de moleque agrícola, fiz, no último ano, diversificação em Economia Rural.

Fui contratado pela Acar (Emater-MG) em janeiro de 1970, onde trabalhei por 18 anos. Iniciei como supervisor local, em Monte Carmelo, e ocupei os cargos de: coordenador do Projeto de Pequenos Animais no escritório regional de Uberlândia, supervisor regional em Divinópolis e Patos de Minas. Após esse período, cedido pela Emater, fui chefe de gabinete na Secretaria de Agricultura

do Estado de Minas Gerais (1988 e 1999). Posteriormente, atuei como diretor técnico comercial da Ribeiral Sementes em Patos de Minas (MG) de 1990 a 1996, diretor do Departamento de Infraestrutura do Ministério da Agricultura e coordenador da Assessoria Especial do então ministro da Agricultura Arlindo Porto (abril/1996 a abril/1998).

Em seguida, fui diretor geral do Instituto Mineiro de Agropecuária - IMA (abril/1999 a dez/2002), presidente da Casemg, de abril 2003 a junho de 2007, chefe de gabinete da Secretaria Executiva do Ministério da Agricultura, jul/2007 a out/2008, analista técnico da Secretaria de Ciência, Tecnologia e de Ensino Superior de Minas Gerais e coordenador do Centro Universitário de Sete Lagoas, para a implantação do UniCeasa.

Por último, continuo sempre aprendendo, principalmente quando me atrevo a compartilhar conhecimentos por meio de aulas e/ou palestras. A extensão foi minha segunda universidade. Tenho orgulho de ser extensionista e sou grato a todos os companheiros das equipes com quem participei pelo companheirismo, amizade, apoio, colaboração e idealismo indispensáveis a tudo que realizamos, somente possível porque formamos uma notável e grande equipe e juntos soubemos fazer.

Em reconhecimento pelos trabalhos realizados e homenagens recebidas, placas, medalhas, comendas, diplomas e títulos, sintetizo e destaco com muito orgulho a da "Ordem do Mérito Educacional no Grau da

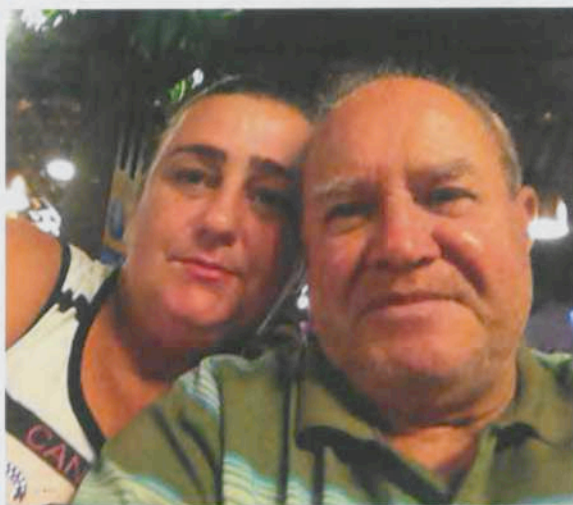
Grande Medalha” – conferida pelo governo do estado de Minas Gerais pelos relevantes serviços prestados à Educação de Minas Gerais – 2002.

Compartilho com os colegas carcareanos está síntese biográfica, reafirmando o prazer e o privilégio de participar dessa fantástica e valerosa turma. Cursei pós-graduação “lato sensu” em Planejamento Estratégico

e Marketing – UEMG/Fepam em Patos de Minas (MG), pós-graduação “lato sensu” em Realidade Brasileira e Planejamento Estratégico pela Associação dos Diplomados de Escola Superior de Guerra - Delegacia de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG), além da graduação em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Chateaubriand Lustosa Buteri - Salário

Telefone: (27) 99999 8228 | E-mail: briandbuteri@gmail.com



Natural de Cachoeiro do Itapemirim (ES), vive hoje em Vitória (ES). Do primeiro casamento, com Ana Maria Batista, teve três filhos, Constantino, Bianca e Bernardo e dois netos, Elis e Caio, que atualmente moram em Vancouver, no Canadá. Atualmente é casado com Vaulquilha Wendler.

Formado engenheiro agrônomo pela turma do Carcará, em 1969, participou também do curso internacional de Extensão Rural, na Holanda, organizado pelo Internacional Agricultural Rural Center. Participou ainda de mais

de 40 cursos técnicos de pequena e média duração, além de um curso avançado de alemão pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Iniciou a carreira profissional como supervisor local da Acares, transferindo-se, quatro anos depois, para a Rio Doce Madeiras, onde atuou como chefe do setor de Manutenção e Defesa Florestal. Entre 1978 e 2003, trabalhou na Emater/Incaper (ES) como supervisor local. Coleciona ainda passagens pela Secretaria de Estado de Agricultura do Espírito Santo e Instituto de Defesa Agroflorestal do ES, onde ficou até 2011.

Participou ainda da recepção de diversas delegações internacionais de passagem pelo Brasil, como na ocasião da fundação da Celulose Nipo-Brasileira Minas Gerais (Cenibra), quando recebeu um grupo de japoneses. Recebeu ainda técnicos ingleses e israelenses interessados na fruticultura do Espírito Santo, dentre outros.

Cleia Maria Fernandes

Creia

Telefone: (27) 3022 6067 ou (27) 99820 6067 | E-mail: cleiamarf@gmail.com



Sou Cleia Maria Fernandes, filha de Manoel Fernandes da Rocha e Carly Merçon Fernandes. Nasci no sítio Ipê Peroba, na região do Caparaó, no município de Muniz Freire (ES), Brasil.

Morando atualmente em Vitória (ES), além de me formar no curso de Economia Doméstica-Bacharel e Licenciatura UFV-1966/1969, cursei ainda Ciências Contábeis pela UFES, entre 1976/1979, e logo depois parti para Pedagogia-Supervisão Escolar - Licenciatura de Curta Duração, também pela UFES em 1980.

Na minha trajetória profissional, coleciono passagens pelo SESI, sendo contratada em 1970 como técnica de ensino; Casa de Saúde São Sebastião, onde atuei como dietista, elaborando os cardápios conforme as restrições alimentares dos pacientes. Fiz ainda um estágio no CTP GOT, em Betim (MG), a convite da Secretaria de Educação e Cultura, com a finalidade de

implantar em Vitória a sala Ambiental de Economia Doméstica do Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento para Professores ES (Cetapes - Premen).

Ocupei ainda o cargo de coordenadora do Ensino Vocacional, prestei serviço à Agência de Treinamento do Centro de Estudos Gerais da Universidade Federal do Espírito Santo, como coordenadora do Curso de Licenciatura de Curta Duração de Educação para o Lar, além de lecionar algumas disciplinas. Em 1974 passei a atuar como professora do ensino médio, na Escola Estadual Almirante Barroso, em Vitória (ES). Mais tarde, com a obrigatoriedade de os restaurantes contarem com um profissional da área de Nutrição para controle das normas exigidas pelos órgãos de saúde, fiz o contrato com remuneração por visitas para dar assistência a um restaurante. No final 1981 fiz vários concursos. Passei no IAPAS-INSS e na Receita Federal. No

segundo semestre 1983 fui chamada pelo INSS para treinamento, assumindo o cargo de fiscal de Contribuições Previdenciárias, em Natal (RN). Em 1984 fui convocada pelo Ministério da Fazenda para me apresentar na Escola de Administração da Fazenda (ESAF), em Brasília (DF). No ano seguinte fui nomeada para o cargo de fiscal de Tributos Federais, hoje Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. Assumi o cargo em Manaus, na Divisão de Tributação. Foi uma mudança grande na minha vida, também uma grande experiência.

Cidade bem diferente, quente e úmida, que sempre tive vontade de conhecer. Vários colegas do treinamento de Brasília foram para Manaus. Isto foi muito bom, a cidade não oferecia muita coisa para lazer, mas fiz bons amigos. Em 1988, entrei em exercício na Delegacia de Salvador, na Divisão de Pessoa Jurídica, foi mais um período de adaptação.

Trabalhar na externa sem conhecer a cidade não foi fácil. Comprei um mapa, andei muito de táxi e aos poucos fui me adaptando. Foi um período muito bom. Conheci muitos lugares da Bahia, muitas praias, Chapada Diamantina, onde fiz muitas caminhadas. Aposentei em 1997, já estava cansada do trabalho,

queria fazer alguma coisa mais leve e que me desse prazer. Fiz vários cursos de curta duração, paisagismo, pintura em cerâmica, autoconhecimento. Também viajei muito, conheci alguns países, mas bom mesmo foi conhecer um pouco mais este nosso Brasil: Chapada Diamantina, Chapada dos Guimarães, Fernando de Noronha, Pantanal. Natureza é o que mais gosto.

Nasci em Muniz Freire, Serra do Caparaó. Em 2010 resolvi ter uma nova experiência e fui com uma amiga para Portugal. Em Porto de Lima começamos uma caminhada para Santiago de Compostela, foi uma experiência prazerosa, às vezes cansativa, momentos lindos, momentos difíceis e muito bons. Superação: realizei o sonho de adolescente, pôr uma mochila nas costas e sair andando, valeu.

Em 2011 voltei para Vitória, resolvi ficar mais perto de minha Grande Família. Tenho 8 irmãos e moramos todos no mesmo bairro. Ajudamos uns aos outros. Continuo com minhas caminhadas diárias, faço outras atividades físicas, leio, viajo, gosto muito das montanhas capixabas com suas festas tradicionais, italianas, alemãs. Assim vou levando a vida. Graças a Deus.

Concheta Almenara Scarton

Concheta

Telefone: (27) 99899 0912 | E-mail: concheta.scarton@terra.com.br

Nasci em Colatina (ES). Logo que me formei em Ciências Domésticas, pela UFV, iniciei os trabalhos como professora de Técnicas de Economia Doméstica na Escola Agrícola de Colatina, hoje IFES.

Atuei também como professora de Economia Doméstica no SESI, em Colatina, e posteriormente em Vitória. Em julho de 1970, fui contratada pela Secretaria de Educação do Estado como assessora na



área de Economia Doméstica para implantação das Escolas Polivalentes.

De março a junho de 1971, participei de um estágio no CTP-GOT, em Betim (MG), com a finalidade de implantar, em Vitória, a sala ambiental de Economia Doméstica do Centro de Treinamento e Aperfeiçoamento para Professores do Espírito Santo (Cetapes-Premen), para capacitar docentes para a área. Através de um convênio MEC-Usaid e a convite da Secretaria de Educação, fiz estágio na Universidade de Albuquerque, Novo México, USA, de março a junho de 1972. Após a volta, ocupei o cargo de coordenadora pedagógica na área de Educação para o Lar nas Escolas Polivalentes do Estado do ES, onde fiquei até dezembro de 1980.

Dez anos após me formar pela

Universidade Federal de Viçosa, concluí o curso de Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Em 1980 prestei concurso para Fiscal de Tributos Federais, hoje Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil. Em janeiro de 1981 fui convocada pelo Ministério da Fazenda para fazer treinamento intensivo e em caráter eliminatório, com duração de 6 meses, em Brasília, na Escola de Administração Fazendária (ESAF). Em agosto do mesmo ano fui nomeada e comecei a trabalhar na Aduana de Manaus (AM).

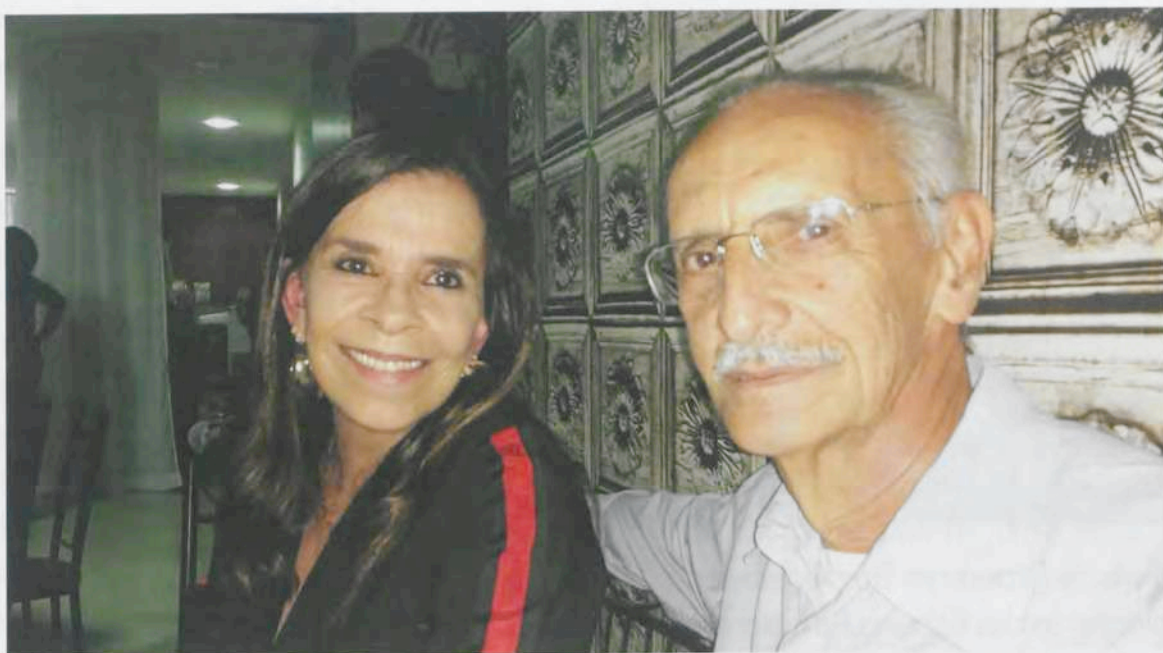
Em abril 1985, através de um concurso de remoção, retornei a Vitória e comecei a trabalhar na Delegacia da Receita, onde atuei em vários setores como Aduana, Tributação e Fiscalização. A aposentadoria chegou em 2003, após 33 anos de serviço, quando passei a me dedicar a atividades mais prazerosas. Voltei a estudar línguas estrangeiras: inglês, italiano, francês e espanhol, fazendo intercâmbios no exterior. Hoje também faço parte de um grupo de andarilhos, praticando caminhadas, trilhas, trekking, rapel e montanhismo no Brasil e no exterior. São muitas viagens para estudar, caminhar, visitar parentes e amigos ou simplesmente conhecer novos lugares.

Darci Clementino Lopes Gambá

Telefone: (31) 98450 2646 | E-mail: clementino@ufv.br

Nascido em Ervália (MG), em 07/04/1942, vive hoje em Viçosa (MG). Casado com Eliângela Silveira Lopes, tem dois filhos, Geandra Dias

Lopes e Rodrigo M. Dias Lopes, este casado com Tânia Teixeira Lopes e pais de Thaís, Giulia e Lívia. Formado engenheiro agrônomo pela UFV, em



1969, é também mestre e doutor em Zootecnia pela mesma instituição.

Entre os anos de 1970 e 1979 trabalhou na Emater-MG, nas cidades de Itabira, Sete Lagoas, Santa Maria do Itabira, Ferros, Muriaé e Patos de Minas. Na Extensão Rural, atuou como supervisor local em Itabira e como coordenador de projeto de Pequenos Animais em Muriaé e Patos de Minas. Em 1979 entra para a Epamig, onde fica até 1992, na cidade de Viçosa (MG), onde foi coordenador de Pesquisa do Prodemata e depois pesquisador da área de Suinocultura em Viçosa, Felixlândia e Ponte Nova.

Colaborou na elaboração do projeto e acompanhou a construção da Suinocultura de Ponte Nova. Entre 1992 e 2012, entra para o Departamento de Zootecnia da UFV. Como professor, lecionou as disciplinas de Nutrição de Coelho, Análise de Alimentos (para o curso de pós-graduação), Avaliação e Classificação de alimentos para animais monogástricos, Aditivos de Ração para Monogástri-

cos e Nutrição Animal Comparativa I.

Ao longo de sua carreira recebeu diversas condecorações, como as placas de méritos pelas prefeituras de Itabira, Carangola, Cooperativa de Carangola e como fundador da Coopersuínos de Muriaé (MG). É autor de mais de 300 trabalhos, publicados em revistas nacionais e internacionais, anais de congressos e outros meios de comunicação. É autor/editor do livro *Métodos Químicos e Físicos para Determinação de Proteínas em Alimentos para Animais*.

Escreveu também o livro *Caminhos de uma Vida*. Participou também de dezenas de capítulos de livros e é coautor da *Revista Brasileira de Composição de Alimentos e Exigências Nutricionais de Aves e Suínos*. Membro da Comissão de Avaliação de Docentes do Departamento de Zootecnia por 20 anos, orientou centenas de estudantes de graduação, mestrado e doutorado strictus sensus na UFV, além de participar de bancas de seleção

de docentes em Diamantina, Lavras, São João Del Rey, João Pessoa e Fortaleza e bancas de tese e qualificação de mestrado e doutorado na UFMG, Lavras, Rio de Janeiro, Maringá e outras regiões do Brasil.

Dárcio Calais

Calais

Telefone: (31) 99571 1944 | E-mail: d2.calais@gmail.com



Sou um sortudo na vida.

Nasci no Distrito de Belisário, Município de Muriaé, em 27 de março de 1944. Aliás, fui eu que inaugurei o distrito: registro nº 1, fls. 1, do Livro A-1 no cartório local. Meu nome - que sempre traz problema de entendimento - foi copiado de um locutor da Rádio Nacional que comentava as notícias sobre o andamento da 2ª Guerra, já caminhando para o final.

Em 1962 fui para Viçosa cursar o Agrotécnico, influenciado por meus ilustres conterrâneos Paulo Afonso Ferreira e Américo José da Silveira. A opção pela Escola de Florestas - em

vez de Agronomia - começou com uma brincadeira do colega e amigo do Agro, Wellington Mamão. Na verdade, o que me influenciou mesmo foi apelo ambientalista da profissão; mesmo porque, naquela época eu não tinha ideia da pujança da indústria de base florestal no mundo, que movimenta anualmente algo em torno de 300 bilhões de dólares.

Dois meses antes de terminar o curso, eu já tinha um convite para estágio numa empresa siderúrgica. Em 2 de janeiro de 1970, fui efetivado no cargo de engenheiro florestal chefe. Era uma empresa de médio porte,

com excelente ambiente de trabalho; aprendi muito. Uma das advertências do meu chefe, de que jamais me esqueço: “- Pare de se preocupar com as lagartixas e comece a se preocupar com os jacarés!”. Acho que alguns políticos deveriam também ouvir essa advertência; desde que eles entendam que se trata de uma metáfora.

Em 1972, a convite do nosso ex-reitor, Prof. Edson Potsch, fui ocupar uma diretoria no Instituto Estadual de Florestas. Foi um período muito bom, mas esses cargos de confiança são sempre temporários. Minha carreira consolidou-se mesmo foi na Florestas Rio Doce, onde fiquei até me aposentar, com 35 anos 6 meses e 15 dias de trabalho.

Casamentos apenas dois, por enquanto. O primeiro foi informal e durou quase nove anos. No segundo, foram observados todos os rigores das leis civis e dos preceitos canônicos; porém, essas “amarras” não foram suficientes para segurar as tais diferenças de temperamento. E mais uma vez, me tornei um sem-teto. Desse último, tenho um único filho, o Gustavo, diplomado em Relações Internacionais. O principal assunto dele comigo é falar que meu inglês é apenas “periférico”.

Durante os 25 anos da Rio Doce, entre vitórias e frustrações, erros e acertos, considero que meu saldo foi positivo. Participar da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente (a Rio-92) foi, entre outros, um grande momento profissional. Por lá passaram cabeças coroadas e chefes de Estado do mundo todo, mas quem de fato roubou a cena foi

a atriz Jane Fonda. No vigor e na beleza de seus 52 anos, ela fez mais sucesso do que o George Bush (pai), na época presidente dos Estados Unidos. Sempre viajei muito a trabalho, mas, ao contrário do resto do mundo, não gosto de viajar (a não ser para Viçosa). Depois de aposentado, trabalhei cerca de 10 anos na Associação Brasileira de Carvão Vegetal (Abracave), hoje Associação Mineira de Silvicultura (AMS).

Desde julho de 2012, sou consultor/assessor do Sindifer, onde cuido das estatísticas do setor siderúrgico e continuo em guerra contra os excessos da burocracia e da psicose ambientalista que estão destruindo o setor florestal em Minas Gerais. Não acredito que esse (presumível) aquecimento global tenha causas antropogênicas.

Uma frustração: como eu disse acima, optei pela profissão de engenheiro florestal por um sentimento natural de proteção à natureza. Para meu total desapontamento, vejo-me hoje em forte confronto com movimentos ambientalistas (Ongs) contrários à implantação e uso comercial de florestas homogêneas. O preconceito é tão absurdo que a silvicultura está na lista do Ibama como atividade potencialmente poluidora.

Preito de gratidão: pela UFV, devemos todos ter um eterno preito de gratidão. Foi essa nobilíssima Casa que nos propiciou viver com dignidade e contribuir para o desenvolvimento do país. Os princípios da “mãe” Esav - Edicere, Scire, Agere, Vincere - continuam permanentemente atuais.

Diana Maria Coelho de Miranda - Narizinho

Telefone: (35) 99972 4476 | E-mail: dianacmiranda@gmail.com



Nasci em Cachoeiro do Itapemirim (ES), na Ilha da Luz, onde até hoje funciona a fábrica de pios de caça Maurílio Coelho, meu avô e criador dos pios para chamar passarinhos selvagens. Nascida em 18 de novembro de 1946, sou a filha caçula de Ney Pimenta Coelho e Eremita Louzada Coelho, que tiveram quatro filhas: Maria da Glória, Jane, Maria Angélica e Diana. Casada com Antônio Teixeira de Miranda Neto (Pudim) em 3 de janeiro de 1970, tivemos três filhas: Zandra, Natália e Ivana. Moramos em Jaboticabal durante um ano.

Em 31 de dezembro de 1970, já grávida de 8 meses, nos mudamos para Campinas onde o Pudim foi trabalhar na Ralston Purina Company e permanecemos lá por 5 anos. Lá nasceu nossa primeira filha, Zandra. Em dezembro de 1972, também em Campinas, nasceu a segunda filha, Natália. Lá fizemos o primeiro pé-de-meia. Construímos uma casa financiada pelo BNH e compramos alguns terrenos. Pudim então re-

cebeu uma proposta para entrar como sócio em uma nova empresa, a Guabi, que na época produzia rações para grandes animais em uma filial em Três Corações (MG).

Vendemos tudo o que tínhamos, nos transferimos para o Sul de Minas e demos início à Sul Mineira Alimentos.

Trabalhei como professora na Escola Estadual de Três Corações, lecionando Educação para o Lar, já grávida da terceira filha, Ivana. Tive então que me afastar. Continuei trabalhando em casa, fazendo cardápio para alguns restaurantes. Mais tarde trabalhei na empresa com o Pudim, participando de feiras de negócios para grandes animais em diversos países.

Alguns anos após, decidimos entrar no ramo de calçados, construindo uma fábrica de calçados masculinos. Fiquei então responsável pela loja da fábrica e acompanhando a produção. Mais à frente, os negócios não foram bem e resolvemos encerrar as atividades em 1993. Junto com amigos,

montamos um coral e viajamos pela região fazendo apresentações.

Iniciamos então, no final de 1994, a produção de alimentos para pequenos animais. Antes do alimento ir para o mercado, implantamos uma estação de testes nutricionais não invasivos para cães e gatos, na qual fiquei responsável, sempre sob a orientação do nosso nutricionista, Dr. Jim Corbin, da Universidade de Illinois. Mantive minha administração na atividade até que a empresa fosse vendida, em 2014. Durante esse período, participamos de feiras internacionais do ramo de pets, abrindo novos mercados e oportunidades de exportação.

Nesse meio tempo, entramos para o Rotary Clube de Três Corações, ao qual estamos vinculados até hoje. Em nossas viagens de negócios, aproveitamos a oportunidade para recrutar estudantes para integrar o programa de intercâmbio

internacional do Rotary, com isso, ganhamos vínculos afetivos e “filhos” ao redor do mundo. Fomos também presidentes do Rotary. O Rotary foi responsável pela implantação da Apae em Três Corações e, juntamente com outras senhoras da Casa da Amizade pertencentes ao Rotary, nos dedicamos muito a esse projeto.

Hoje o Pudim tem um novo negócio, produzindo leite, e eu estou virando fazendeira e desfrutando de uma vida tranquila e saudável, cuidando da horta, da granja e de outras criações, além de pescar no lago. Também me dedico ao Clube de Mães da Fundação Varginhense de Apoio a Crianças Especiais (Fuvae), orientando as mães em atividades ligadas às artes e ao artesanato. Assim foram passando esses 50 anos da minha vida, agora com a amizade ainda mais estreita com a turma do Carcará.

Eliete Mortimer Jordão

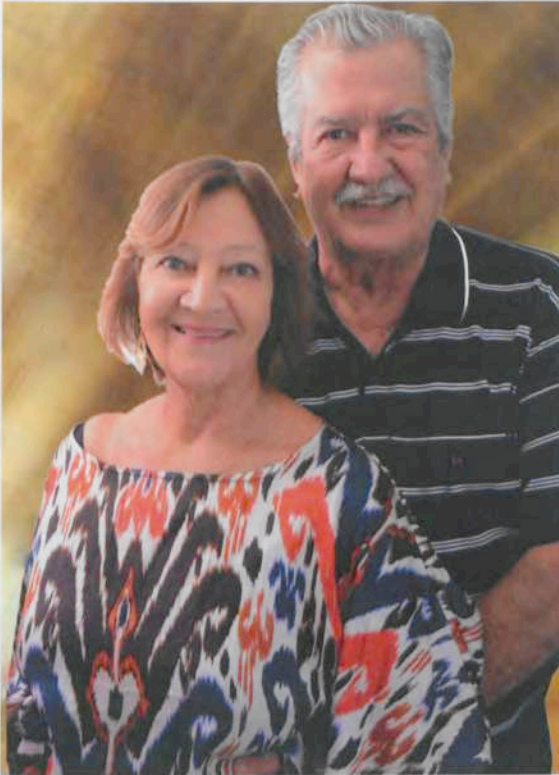
Braza

Telefone: (71) 99176 4141 | E-mail: elietejordao@gmail.com

Nascida no dia 4 de junho de 1945, na Fazenda São João de Guanhões, município de Sabinópolis/MG, veio à luz em parto, junto a sua irmã gêmea Eliana (Brisa), que foi contemporânea da turma do Carcará. Na cidade de Guanhões/MG, vizinha ao município de Sabinópolis, estudou e concluiu os cursos primário, ginásial e normal, onde foi professora primária, lecionando no Grupo Escolar Pa-

dre Café.

Apaixonada pela vida no campo, a “roça”, como a família se referia à fazenda, era o destino certo em todos os períodos de férias escolares, sempre acompanhada por outros familiares e amigos. Ali, viveu momentos inesquecíveis. Banhos no rio Guanhões e nas cachoeiras, entremeados com pescarias. Andar a cavalo, tomar leite no curral, saborear



“quitandas” feitas em forno à lenha, passear em carros de boi, fazer trilhas na mata, entre outras, eram as diversões favoritas.

Já no ano de 1966, desejosa de entrar na universidade e com o apoio dos pais, seguiu para a cidade de Viçosa/MG, juntamente com a sua irmã Eliana, onde prestaram exames e foram aprovadas no vestibular para o curso de Ciências Domésticas da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG), onde já se encontrava fazendo o curso de Agronomia o seu irmão Gilberto Mortimer, o que, também, influenciou a opção por essa Universidade.

A sua vida universitária na UFV, também é rica em momentos inesquecíveis. Participou, por exemplo, como membro do Departamento Social e da Secretaria do Diretório Acadêmico Ocília Kummel (DAOK), chegando a substituir/representar a presidente do diretório algumas ve-

zes. Foi membro da Comissão de Trote da UREMG, do Conselho do Lar Universitário (LU), da Escola Superior de Ciências Doméstica (ESCD) e esteve sempre presente às programações socioculturais da turma do Carcará (excursões, festas juninas, jogos olímpicos, apresentações musicais, churrascos, entre outras).

Logo após a formatura, em janeiro de 1970, Eliete chega a Salvador/BA, a convite da indústria Titânio do Brasil SA (Tibras), para trabalhar em seu restaurante. Em dezembro do mesmo ano, por sugestão e indicação do colega do Carcará, Sebastião Roberto Bressan, que trabalhava na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural da Bahia (Ancarba), fez teste e, aprovada, foi convidada a trabalhar na Associação. Assim, iniciou a sua longa carreira profissional na extensão rural, que perdurou por 45 anos ininterruptos.

Destaque-se que foi a primeira técnica com formação universitária contratada para trabalhar na chamada área social da extensão rural pública governamental na Bahia. Com a sua atuação, contribuiu para a contratação de novos profissionais com formação universitária nessa área, principalmente economistas domésticas, como, também, influenciou para que o salário dos técnicos (nível superior) fossem equiparados, ou seja, tomassem por base o critério de nível de formação (superior e médio) e não o critério dominante naquela época em toda extensão rural do país, baseado nas áreas ditas de “produção” e “social”. A partir de

então, essa discriminação particular começou a ser desconsiderada.

A passagem profissional por Irecê (BA) marcou em definitivo a vida de Eliete. Foi aí que iniciou o namoro com Abdon, também empregado da Ancarba e, na época, coordenador da equipe interdisciplinar de trabalho do convênio com a Suvale, culminando com o casamento em Salvador (BA), no dia 12 de março de 1977.

Transferida de Feira de Santana (BA) para Salvador em 1975, ocupou diversos cargos e funções, já, agora, na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia (Emater-BA), sucessora da Ancarba. Foi colaboradora/pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da UFBA (NEIM/UFBA), associada da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (Redor), na concepção, elaboração e implementação do Projeto Formação de Multiplicadores na Metodologia Análise - Diagnóstico de Sistemas de Atividades sob o Enfoque de Gênero e Gerações. De 2005 até fevereiro de 2015, exerceu o cargo de chefe da Assessoria de Assuntos Estratégicos (AAE) da EBDA, no âmbito estadual. Essa Empresa foi liquidada/extinta pelo governo do estado em novembro de 2015, sob protesto dos empregados, agricultores familiares e parte expressiva da sociedade civil.

Eliete, juntamente com a técnica, funcionária pública, Mariceli Matos Monte Santo, foi distinguida pelo governo do estado da Bahia, em ou-

tubro de 2003, com o Prêmio Servidor Cidadão, o qual é concedido a servidores públicos estaduais que se destacam com trabalhos voltados ao benefício da comunidade. “A esta altura da vida, posso serenamente constatar que Minas Gerais (MG) e a Bahia (BA) foram dadivosas para comigo. Se aquela me deu berço e formação universitária, com tudo de bom que enriquecem esses contextos, essa me possibilitou o pleno exercício profissional e a graça de constituir uma bela família, com toda a felicidade que esses importantes feitos podem proporcionar. Em síntese, com a graça do Criador, MG e BA, deram-me “régua e compasso”.

No particular, em Abdon, encontrei o companheiro solidário e amoroso que proporciona os melhores momentos de minha vida. Além de termos estado juntos, praticamente ao longo de toda minha vida profissional de extensionista rural, em sua família, a família Jordão de Pernambuco, encontrei a extensão da minha própria família mineira, com valores e sentimentos comuns. Com Abdon, demos início, há quarenta e dois anos, à construção do nosso núcleo familiar, que já soma quatro filhos e sete netos, o qual continuará por certo, com Deus permitindo a sucessão com a chegada dos novos descendentes destes. Somos pessoas que valorizam muito o sentimento familiar e as correspondentes união e solidariedade. Com os frutos dessa benfazeja construção, somos felizes com a família!

Elmina Tizuco Shimizu

Elmina

Telefone: (13) 98155 6451 | E-mail: elminaueda@gmail.com



Conhecimentos que influenciaram não só a carreira profissional, como também serviram de base para a vida. Assim Elmina Tizuco Shimizu define o curso de Ciências Domésticas, realizado na Universidade Federal de Viçosa (MG). Elmina tinha 23 anos quando se formou bacharel em 1969. Paulista, criada no Rio de Janeiro, logo que concluiu a faculdade, a jovem aceitou a proposta para trabalhar em Lorena, no interior de São Paulo. Por um ano, ela lecionou as disciplinas de Nutrição, Economia e Administração do Lar no

curso superior de Ciências Domésticas da Faculdade Salesiana.

Em 1971, Elmina ingressou na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para ministrar aulas de Economia Doméstica no curso técnico de Economia Doméstica, recém-criado em Paraguaçu Paulista. Com planos de casar com o noivo Rubens Shimizu, com quem namorava havia dez anos, a jovem conseguiu transferência para o Colégio Técnico Agrícola de Iguape, no Vale do Ribeira (litoral sul de São Paulo).

Rubens se formara engenheiro agrônomo, também em Viçosa, e foi trabalhar em Registro, próximo a Iguape. Entre 1971 e 1996, Elmina trabalhou como professora do estado. Até 1975, ministrou aulas de Economia Doméstica e Educação para o Trabalho. Quando essas disciplinas foram extintas, passou a ensinar Ciências Físicas, Químicas e Biológicas no ensino fundamental e, mais tarde, Biologia para turmas do ensino médio. Para poder ministrar essas disciplinas e crescer profissionalmente, Elmina fez outros cursos superiores. Com a boa base que teve na Universidade Federal de Viçosa, conseguiu eliminar diversas disciplinas e concluiu o curso de Ciências Físicas, Químicas e Biológicas da Faculdade Scelisul (Registro) em apenas um ano e meio. Dois anos depois, Elmina decidiu fazer outro curso para poder ministrar aulas de Biolo-

gia no ensino médio. Mesmo com três filhos ainda pequenos, ela enfrentou o desafio de viajar 560 quilômetros todo final de semana para cursar Biologia em Franca, interior de São Paulo.

Além do apoio fundamental do marido Rubens, Elmina contava com a ajuda da empregada Antônia para cuidar das crianças. “Foi uma época de sacrifícios. Viajava a noite toda para assistir as aulas aos sábados. Muitas vezes, chegávamos à rodoviária em São Paulo e não havia mais ônibus para Registro; então aguardávamos até domingo pela manhã para retornar para casa. Foi assim durante um ano para conseguir o diploma e poder lecionar também no ensino médio”, revela Elmina, que ainda acumulou a função de orientadora de saúde. Visando ocupar o cargo de orientadora educacional, ela foi em busca de mais conhecimento sem medir distâncias. Em Tupã, a mais de 600 quilômetros de Registro, Elmina conquistou o diploma de Pedagogia, após mais um ano de longas viagens aos finais de semana. Infelizmente, não houve mais concurso para o cargo de orientadora educacional e Elmina seguiu como professora até se aposentar em 1996.

Enquanto ela lecionava, o marido Rubens trabalhava com o cultivo de chá, maracujá, mexerica, olericultura e, mais recentemente, de plantas ornamentais, sendo o antúrio o carro-chefe da produção. Aos finais de semana, toda a família ia para a roça ajudar a classificar e encaixotar os produtos. Além de se dedicar à profissão, ao casamento e aos filhos, Elmina sempre foi muito ativa na sociedade, es-

pecialmente nos trabalhos voluntários realizados no Lions Clube de Registro, que frequentou com o marido entre os anos de 1977 e 2013. “Participamos de várias campanhas que arrecadavam fundos para auxiliar famílias necessitadas. Um trabalho muito gratificante que nos possibilitou contribuir com a comunidade.” Atualmente ela integra o Comitê Mulher da Cooperativa Sicredi, que também realiza uma série de trabalhos sociais. Educar os filhos, no entanto, sempre foi a prioridade para Elmina e Rubens. Hoje podem se orgulhar pelo caráter e pela dedicação de Cíntia (farmacêutica), Carlos (médico com especialização em Radiologia) e Cláudio (engenheiro mecânico). “Nossos filhos e nossos netos são nossa maior alegria”, destaca Elmina, avó de Renan, Renata e Rafael.

E foi justamente a filha Cíntia que incentivou a mãe a voltar ao trabalho após dois anos de aposentadoria. Já atuando como farmacêutica, Cíntia recebeu a oferta de adquirir uma farmácia de manipulação no centro de Registro. “Como ela era muito jovem e sem experiência para assumir tamanha responsabilidade, resolvi entrar como sócia e comprar a farmácia. Foi-se então a vida de aposentada para começar uma nova profissão, a de empresária”, conta Elmina. Na farmácia, Elmina é responsável pelas compras junto aos fornecedores e também auxilia no atendimento ao público. Atualmente, ensina uma funcionária para assumir as tarefas. Afinal, Elmina e Rubens querem ter mais tempo para fazer o que mais gostam: curtir a fa-

mília e viajar. Ambos descendentes de japoneses, o casal adora conhecer novos lugares, especialmente o Japão, terra dos antepassados.

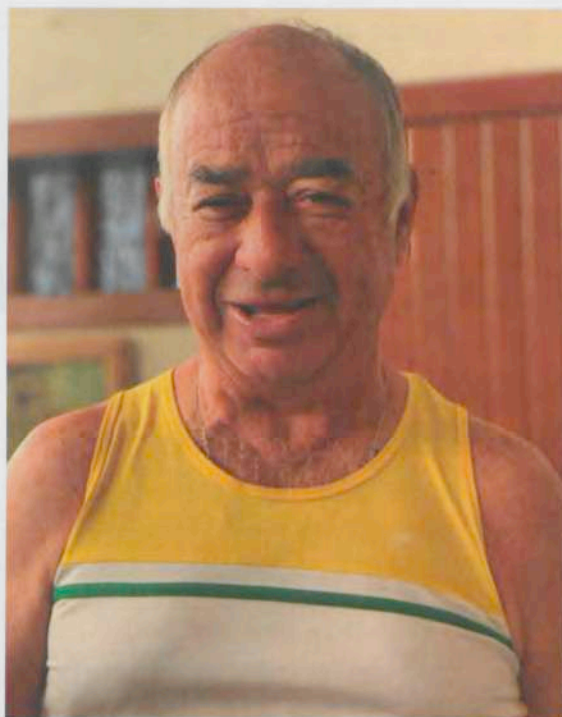
Fernando Antônio da Silva

Tico-Tico

Telefone: (31) 99177 0800

Fernando Antônio da Silva, mais conhecido como Tico-Tico, nasceu na cidadezinha de Coimbra, nas Minas Gerais. Filho do comerciante Odilon Leocádio e da professora Manuela Cordeiro, ele é o terceiro filho de uma família de 4 homens (contando com ele): Odilon Filho, José Carlos e Luiz Fernando, o caçula. Aos 12 anos de idade, seus pais mudaram-se para Viçosa, Minas Gerais. Tico-Tico estudou o colegial no Colégio de Ponte Nova, um internato, e saiu de lá já para Viçosa no fim do ensino médio. Desde pequeno, suas habilidades para o futebol já se destacavam, inclusive, chegou a jogar profissionalmente no time Atlético da cidade de Viçosa, ajudando sua família financeiramente com esses rendimentos. Também jogou em outros clubes conquistando diversos títulos.

O esporte não só lhe rendeu bons recursos financeiros como também encantou o diretor do colégio em Viçosa, Dr. Januário Fontes, que rapidamente identificou a defasagem técnica do aprendizado de Fernando e resolveu ajudá-lo de forma individualizada, principalmente na disciplina de Matemática, que, posteriormente, foi decisória para os passos seguintes da sua história. Já com total domínio na habilidade da Matemática, foi logo



escolhendo a Engenharia como opção profissional. A princípio, pensou em estudar Engenharia Mecânica, passou na 1ª etapa, mas na 2ª etapa deste vestibular, em Belo Horizonte, não conseguiu ser aprovado.

Voltou para Viçosa e começou a ajudar as pessoas com aulas de reforço em Matemática. Ali conheceu alguns colegas que o incentivaram a fazer o vestibular na UFV para Engenharia Florestal. E sim, ele foi aprovado e iniciou a sua jornada universitária. Durante todo o seu curso aproveitou as oportunidades de estágio e um pouco antes de se formar, em uma feira expositora, foi convidado pelo presidente do Instituto Esta-

dual de Floresta (IEF) a ingressar na autarquia na cidade de Curvelo.

Pouco tempo depois de iniciar sua vida profissional no IEF, resolveu fazer a prova para o concurso e conseguiu passar, foi efetivado. De 1969 a 1974, Tico-Tico assumiu muitas responsabilidades e cresceu expressivamente.

No auge da sua carreira no IEF, teve um problema de saúde que acabou afastando-o da rotina do trabalho. Ainda afastado, Fernando recebeu uma proposta de emprego atraente para trabalhar em uma empresa privada. Era um grande desafio a ser desenvolvido junto à UFV e que exigia uma especialidade que poucos profissionais tinham como ele. Então, Fernando resolveu largar a carreira pública, da estabilidade, e seguir com o desafio.

Em menos de 30 dias (prazo máximo do projeto), ele conseguiu elaborar, aprovar e executar o projeto proposto com brilhantismo. Isso lhe rendeu ascensão que o impulsionou para novos rumos profissionais, como o de empreender, abrindo a Solos Projetos para atender uma grande

mineradora da região próxima à capital de Minas Gerais.

Em 1977, Fernando casou com Dardânia França, e juntos tiveram três filhos: Fernanda, Thiago e Eduarda. Já residindo na cidade de Sete Lagoas, recebeu uma nova proposta que o fez paralisar as atividades da empresa e voltar como empregado para a iniciativa privada, em uma organização de destaque na atividade florestal. Permaneceu lá até 1982, quando resolveu novamente reativar a empresa e voltar à iniciativa empreendedora. Já com a mudança no nome da empresa de Solos Projetos para Tramaq, Fernando reinicia a jornada do empreendedorismo a convite de um estimado colega de trabalho. Dentre várias responsabilidades técnicas, ele também gerenciava em torno de 300 empregados e atuava com empreitadas em cidades próximas à capital BH.

Agora, já aposentado, desfruta do carinho e amor de toda a sua família, esposa, irmãos, nora, genros, filhos e de seus netinhos: Esther (9), Sarah (3) e Antônio (3).

Fernando Carvalho da Silva

Menino

Telefone: (63) 98116 3980 | E-mail: fer.csilva@uol.com.br

Natural de Viçosa (MG) e residindo atualmente em Palmas (TO), além da formação em Engenharia Florestal pela UFV, é ainda mestre em Ecologia da Flora e Fauna pela UnB e especialista em Tecnologia de Sementes

pela UFPel. Concluiu também o curso de extensão sobre Vegetais Epífitos Detectores de Poluição Atmosférica, também pela UnB.

Ao longo de sua trajetória profissional, atuou como diretor do Departamento



mento de Recursos Naturais da Fundação Zoobotânica do Distrito Federal (FZDF), em Brasília (DF). Foi também coordenador do Convênio FZDF/IBDF e delegado do IBFF no Distrito Federal. Chefe de Serviço Florestal – FZDF (Fomento Florestal), propôs a criação do Jardim Botânico de Brasília, participando como membro da comissão nomeada pelo governo do Distrito Federal para escolha do local para sua implantação, bem como membro da equipe que elaborou o projeto.

Foi aprovado em 1º lugar em concurso público para engenheiro florestal do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) em 1976. No ano seguinte, foi contratado pela UnB como professor e participou do projeto de criação do curso de Engenharia Florestal na instituição, da implantação do currículo ao reconhecimento do curso. Atuou também como conselheiro do Crea, representando a Universidade de Brasília (UnB), além de participar do Seminário sobre Revisão de Currí-

culos do Ensino de Ciências Agrárias na América Latina, promovido pela Unesco/Mec – UFV. Em fevereiro de 1994, foi convidado pela Universidade Estadual do Tocantins Unitins, para participar da criação do primeiro curso de Engenharia Ambiental do Brasil, da profissão de engenheiro ambiental, assim como suas atribuições profissionais junto ao Confea. Logo em seguida assumiu a coordenação do curso e, tempos mais tarde, a direção do Centro Universitário de Palmas, na Unitins. A partir de 1996 passou a atuar como consultor Ambiental: participando do Instituto Ecológica, em Palmas (TO); Plano Básico Ambiental do Aeroporto Internacional de Palmas; levantamento fitossociológico na área da Usina Boa Esperança – CHESF, Rio Parnaíba, Piauí e Maranhão; plano de Manejo de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), em Aruanã (GO). Ainda como consultor, participou do levantamento de potencial madeireiro remanescente do reflorestamento

da Proflora, no Distrito Federal. Como autônomo, desenvolveu uma máquina para despolpar pequi, sem espinho, e outra para extrair a amêndoa do pequi, solicitando patente dos inventos. Atualmente trabalha com produção de licores artesanais de frutas – Licores Mandala, produção e comercialização.

Em 1994, recebeu o certificado de Honra ao Mérito, em reconhecimento aos relevantes serviços dedicados à Universidade de Brasília, na gestão do reitor João Cláudio Todorov. Possui ainda grande atuação na sociedade, tendo realizado inúmeras palestras nas escolas das redes pública e particular do Distrito Federal sobre Educação Ambiental. Elaborou também o livreto/cartilha *Noções sobre Educação Florestal*, com distribuição gratuita nas escolas do Distrito Federal. Participou ainda da diretoria da Sociedade Brasileira de Engenheiros Florestais (SBEF), na função de tesoureiro-geral, além da criação da Associação dos Engenheiros Florestais do mesmo estado.

“Em 1970 fui para Brasília tentar ocupar uma vaga de engenheiro florestal na Fundação Zoobotânica do Distrito Federal. Tudo pronto para ser contratado, não tinha ‘QI’.” Descobri que o médico da minha família, em Viçosa, era irmão do general Bandeira – chefe da 3ª Brigada de Infantaria, e quem mantinha o então secretário da Agricultura do Distrito Federal. Pedi uma carta dele e fui direto ao general, que simplesmente ligou para o secretário e mandou o ajudante de ordem me levar ao seu gabinete, me encaminhando imediatamente para ser contratado.

Comecei a trabalhar na Secretaria da Agricultura e logo fui nomeado chefe de Departamento de Recursos Naturais – FZDF, com sede no centro de Brasília. No meu gabinete coloquei um mapa do Distrito Federal, elaborado pelo IBGE, onde constava áreas destinadas ao Jardim Zoológico, na Asa Sul, e Jardim Botânico, na Asa Norte. Como já existia o Jardim Zoológico, os visitantes procuravam o Jardim Botânico. Não havia nenhum interesse em instalar o Jardim Botânico no Distrito Federal, muito menos em uma área imprópria. Recuperei a *Coleção Flora Brasiliensis* de Martius, 40 volumes que estavam sendo usados como cadeira para o datilógrafo. Mandei construir um armário próprio e levei para o Horto Florestal “Cabeça do Veado”, onde eu residia. Iniciei o herbário, carpoteca, viveiro e retirei 5 vasos da área de 650 ha, cerca de aroeira, aceiro de 20 m de largura etc. Propus a criação do Jardim Botânico de Brasília, seguindo todo o trâmite político e convencimento da necessidade de ocupar a área definitivamente, como preservação, pesquisa, cultura etc. Em 1976, participei da comissão visando a escolha de uma área para implantação do Jardim Botânico de Brasília. A comissão indicou a referida área.

Na UnB vivenciei uma experiência engraçada. Era chefe do Departamento de Engenharia Agrônômica, ao qual estava vinculado o curso de Engenharia Florestal; coordenador do curso de Engenharia Florestal e aluno do curso de mestrado em Ecologia (Departamento de Ecologia – Instituto de Biologia).

Então no bandeirão (RU), era aluno; na biblioteca, professor, e na Reitoria, administrador. Propus contratar uma professora com doutorado em Entomologia. Quando estava vendendo seu contrato, ela era minha professora no mestrado (Ecologia das Pragas), e eu tinha que propor a renovação dele. Ela não estava entendendo nada, como seria a proposta de renovação de contrato por seu aluno de mestrado?”

Florisdalva Varjão de Andrade - Dalvinha

(por Val)

Conhecida como Dalvinha, era baiana na essência da palavra. Veio para Viçosa estudar para tentar uma vida melhor no futuro. Era uma pessoa calma e até certo ponto reservada. Não participava muito de festas porque já era noiva, passava os dias no quarto estudando, sua melhor companheira era a Juanita.

Gostava e sabia cozinhar muito bem, o que era a salvação das outras baianas, que nada sabiam do setor. O Ilahy, seu noivo, vinha sempre a Viçosa revê-la e Val, Lôve e Berla, o esperavam ansiosas, pois ele trazia o “farnel” de cada uma, o que era uma festa. Depois de formada, voltou para Itabuna, onde se casou e teve quatro filhas: Tatiany, Ilana, Ludmila e Laiza.

Durante um tempo, deu assistência a uma creche em Itaju do Colônia (BA), orientando a alimentação infantil. Também deu aula no Curso Normal - Pedagogia na Ação Fraternal de Itabuna. Quando nasceu a primeira filha, optou por parar de trabalhar e exercer literalmente seu papel de mãe. Suas filhas dizem que



ela gostava de lhes contar histórias do livro azul do Carcará. Infelizmente se foi muito cedo deixando em nossos corações muitas saudades e boas lembranças.

Onde você estiver Dalvinha, saiba que não a esquecemos. Sempre falamos de você em nossos encontros. Ter convivido com você por quatro anos, só enriqueceu minha vida. Fica com Deus minha amiga.

Geraldo Aparecido de Aquino Guedes – Guedes

Telefone: (35) 98879 3856 | E-mail: ga.guedes@uol.com.br



Nascido na pequena e querida Lima Duarte, em Minas Gerais, no dia 18 de junho de 1943, permaneceu em sua cidade natal até 1962, onde cursou o ensino infantil e fundamental. Em 1963, participou do processo de seleção para o curso agrotécnico da então UREMG, Viçosa (MG), iniciando o curso em março do mesmo ano. Após a conclusão de seu curso técnico, prestou vestibular em janeiro de 1966 para o curso de Agronomia da mesma instituição, sendo aprovado e admitido para a turma de março do mesmo ano. Durante sua vida universitária, participou de inúmeras atividades acadêmicas tonando-se líder de turma, membro ativo do diretório acadêmico universitário e bolsista de iniciação científica do CNPq. Ainda durante seu curso de graduação,

estagiou no IBC e na Acar-MG para mais tarde graduar-se em Agronomia com diversificação em Engenharia Agrícola no ano de 1969. Sua primeira atividade profissional foi como extensionista da Acar-MG, em 1970, no município de Ubá-MG.

No ano de 1971, deixou a Acar e iniciou seu trabalho como supervisor técnico da Companhia Paulista de Fertilizantes (Copas), em São Paulo, capital. Em 1972 decidiu deixar a Copas e regressar à Universidade Federal de Viçosa – UFV para cursar sua primeira pós-graduação (mestrado em Fitotecnia-Solos) como bolsista do CNPq.

Concluiu o mestrado em janeiro de 1974, tendo, logo em seguida, iniciado o curso de doutorado em Fitotecnia na mesma instituição como pesquisador da Embrapa. Naquela oportunidade, em fevereiro de 1974, casou-se com a nativa Maria das Graças Braga (Gracinha), com quem teve dois filhos.

Em dezembro do mesmo ano desistiu do curso de doutorado e cargo na Embrapa, mudou-se para Lavras e, após aprovado em concurso público, assumiu a cadeira de professor assistente do Departamento de Ciências do Solo da Esasl (atual Ufla), na área de fertilidade do solo. Em 1978 partiu para a cidade de Gainesville, nos Estados Unidos, para concluir seus estudos de doutorado (PhD) em Ciências do Solo na Universidade da Flórida. Retornou

ao Brasil em 1982 para lecionar nos níveis de graduação e pós-graduação da Ufla.

Também atuou como coordenador do curso de mestrado em solos. Em janeiro de 1993 retornou aos Estados Unidos, desta vez para o estado de Indiana (Universidade de Purdue), para realizar seu programa de pós-doutorado, retornando à Ufla em agosto de

1994. Exerceu com orgulho a nobre missão de educador durante toda sua vida e aposentou-se com a certeza de ter prestado bons serviços como professor e pesquisador. Atualmente aposentado, reside em Lavras onde aproveita os dias ao lado de sua família, e com muita gratidão a todas as instituições e pessoas que sempre o apoiaram em sua vida acadêmica e profissional.

Gilson Villaça Exel Pitta Graxeira

Telefone: (31) 99986 1169 | E-mail: gilsonvepitta@gmail.com



Nasci no Rio de Janeiro em 19 de julho de 1945. Sou engenheiro agrônomo formado em 1969 pela UFV. O apelido, já esquecido, até por mim, foi dado por Flavio Pompei. De 1972 a 1974 atuei como funcionário da Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (Abcar) e bolsista do CNPq para o mestrado em Solos e Nutrição de Plantas na Esalq em Piracicaba.

Entre janeiro de 1980 e dezembro de 1983, exerci a função de pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo. Também

concluí o PhD na London University, na mesma área do mestrado. De julho de 1994 a julho de 1995, como “quase pesquisador sênior”, passei esse ano em pós-doutorado junto ao programa de pesquisa do Laboratório do USDA, em Beckley, na Virginia ocidental. A aposentadoria veio em janeiro de 2006.

Casado com Ana Maria Resck (Ana Resck, como era conhecida em Viçosa) em 20 de julho de 1971, em Niterói (RJ), tivemos três filhos: André Resck Exel Pitta (16/9/1974), arquiteto vive e trabalha

em Belo Horizonte; Fernanda Resck Exel Pitta Bastos (6/9/1975), casada, três filhos, mora em Sete Lagoas, e Eleonora Resck Exel Pitta Cancelas (20/4/1978), casada, tem uma filha, mora em Belo Horizonte. Como toda vida tem sua marcha, Ana Maria, minha companheira, amiga e esposa veio a falecer em 08/06/2018, encerrando, assim, a vida a dois após 47 anos de casamento.

Após formatura, em maio de 1970, iniciei minha vida profissional, junto com o nosso colega Mamão, que sugeriu meu nome para o cargo de articulador pesquisa-extensão na Abcar, com sede no Rio de Janeiro. Fui designado para trabalhar junto ao Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Oeste (Ipeao), pertencente ao Ministério da Agricultura. Lá permaneci transferindo e divulgando dados da pesquisa, que eram bastante escassos na região, para os escritórios da extensão rural em Mato Grosso (não havia divisão do estado ainda). Em fevereiro de 1972 iniciei meu curso de mestrado na Esalq.

Em 1974, já concluído o curso, fui contratado pelo Programa Integrado de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Pipaemg), hoje Epamig, em Sete Lagoas, antiga sede do Ipeaco. Juntei-me ao programa de pesquisa existente até agosto/setembro de 1975. Com a instalação do Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo da Embrapa, fui contratado e permaneci até minha aposentadoria, em janeiro de 2006, como pesquisador, na área de solos e nutrição de plantas, tendo dedicado grande parte das minhas pesquisas à cultura do sorgo.

Inerente à função, inúmeros congres-

sos, cursos, palestras, visitas técnicas e viagens foram realizadas, tanto no Brasil como no exterior. Em 2003, após participação em congresso em Hanover, fiquei por um mês na Universidade de Hohenheim, em Stuttgart, na Alemanha, a convite do Departamento de Nutrição de Plantas. Foram publicados cerca de 250 trabalhos científicos, circulares técnicas, apostilas e capítulos de livros nacionais e estrangeiros.

Durante dois mandatos (4 anos) fui coordenador do Programa Estadual de Fertilidade do Solo (Profert), junto à Embrapa Milho e Sorgo.

Entre 2006 e 2009, por dois mandatos, fui membro do Conselho de Desenvolvimento do Meio Ambiente (Codema) de Sete Lagoas.

Um fato que me marcou muito foi quando ainda no terceiro ano, e como último presidente do clube, conseguimos motivar e organizar uma grande equipe para que fizéssemos nossa formatura em grande estilo. Para isso, a comissão confeccionou carnês para que cada colega pagasse mensalmente sua cota. Conseguimos nosso objetivo. Fizemos nosso baile na biblioteca, ainda em construção, com um dos mais famosos conjuntos musicais da época, Modern Tropical Quintet. Não é preciso dizer que isso foi inesquecível, não só pela união da turma, como também pelo objetivo proposto e galhardamente alcançado. Isso para mim foi e é uma grande realização. A confecção do nosso livro foi outro feito inesquecível.

Antes, durante todo o desenrolar, logicamente infindáveis casos aconteceram, os quais alguns colegas poderão descrevê-los muito melhor do que eu.

Helena Maria Moreira

Helena

Telefone: (61) 98117 7844 | E-mail: helenammpataro@gmail.com



Nascida em Viçosa (MG) em 01/10/1947, é filha de José Pataro Moreira e Delma Teixeira Moreira – uma família constituída por 11 filhos. Atualmente reside em Brasília (DF). Fez o curso primário no Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes e ingressou, após exame de admissão, no Ginásio e Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, obtendo, em 1965, o diploma de Magistério. Iniciou, em 1966, o curso de Ciências Domésticas, concluindo o bacharelado em 1969.

Após a formatura pela UFV, graduou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Colatina, no Espírito Santo, em 1976. Logo após, fez um curso de pós-graduação em Economia Rural, obtendo o diploma Magister Scientia, pela UFV, em 1980. A vida profissional teve início em Viçosa, ainda estudante na Economia Doméstica, quando ministrou aulas no curso preparatório ao vestibular das Ciências Domésticas, em escolas primárias e no

Ginásio Santa Rita de Cássia no período noturno. Sob a influência e motivação da colega Ana Marianni, prestou concurso e trabalhou na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo, como assistente técnico, no escritório local de Mimoso do Sul, e como assessor técnico no escritório regional de Colatina - Acares/Emater-ES.

Merece destaque a realização do I Festival de Leite no Município de Mimoso do Sul, evento pioneiro, integrado à Exposição Agropecuária do município. Trabalhou também como pesquisadora na Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais no departamento de Economia, onde, inicialmente, integrou a equipe de trabalho do Prodemata em Viçosa. Mais tarde, já em Belo Horizonte, realizou estudos e pesquisas no Projeto MG II e nas demais atividades do departamento, inclusive na coordenação de projetos especiais.

Helena também ministrou aulas, no período noturno, na União de Negócios e Administração, UNA, em Belo Horizonte. Ainda pela Epamig, trabalhou no Centro Nacional de Hortaliças da Embrapa, em Brasília, e na Secretaria de Apoio às Empresas Estaduais de Pesquisa Agropecuária, na sede da Embrapa. Ingressou, como analista judiciário, no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, por concurso, cargo no qual se aposentou.

Participou de diversas excursões culturais e religiosas conhecendo, assim, muitos países e diferentes culturas, es-

pecialmente na Europa e Ásia. Participou também e ainda participa de atividades do Centro Cultural de Brasília-Jesuítas e do

Centro Inaciano de Espiritualidade. Atualmente integra a equipe dos Vicentinos em seu trabalho assistencial aos mais carentes.

Helenira Fontenelle

Mira

Telefone: (21) 99279 7031 | E-mail: helenira_fontenelle@yahoo.com.br



Natural de Ponta Porã (MS), me formei em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa. Optei por Viçosa por influência de uma colega minha, prima distante, que foi estudar na cidade três anos antes de eu entrar. Foi ela quem me sugeriu conhecer a instituição. Nesta época eu estava em Três Corações e já tinha interesse por alimentação, estudar os nutrientes. Então fui para Viçosa e optei pela universidade, que tinha matérias como Microbiologia, Biologia de Alimentos, temas que sempre gostei de estudar.

Formamos em Viçosa uma espécie

de irmandade. Naquele tempo as estradas eram ruins e a gente ficava o tempo todo lá. A gente tomava café da manhã, almoçava e jantava junto, era uma amizade saudável. Para ligar para Três Corações, por exemplo, no meu caso, para falar com a família, a gente falava com três, quatro telefonistas até completar a ligação e se estivesse chovendo em algum lugar, a ligação caía antes de completar, eram outros tempos, mas tudo isso nos aproximou ainda mais.

Logo após a formatura atuei na área de Extensão Rural, em cidades como Venda Nova do Imigrante, Cachoeiro do Itapemirim e Santa Leopoldina no Espírito Santo. Como meus irmãos vieram estudar no Rio de Janeiro, acabei optando em vir morar aqui para ficarmos todos perto uns dos outros. Tempos mais tarde, me formei em Engenharia Elétrica, mas não trabalhei muito nesta área.

Atuei muitos anos na Educação. Ainda em Santa Leopoldina, foi instrutora no Programa de Alfabetização de Adultos. Já no Rio de Janeiro, fui professora de Educação para o Lar nas redes estadual e municipal de ensino. Particpei ainda de trabalhos voluntários junto a comunidades carentes do bairro de Água Santa na periferia carioca.

Hermando Ferreira de Noronha – Acelerado

Telefone: (61) 98144 6348 | E-mail: hfn1912@yahoo.com.br



Natural de Abaeté (MG), nasceu em 19/12/1944. Filho de Joaquim Justiniano de Noronha e de Arlinda Ferreira da Silva é o penúltimo dos dez (10) irmãos. Casado com Cândia Maria Batista de Noronha, possui três filhos: Hermando Ferreira de Noronha Junior (julho de 1973), Marcelo Batista de Noronha (setembro de 1976) e Giselle Batista de Noronha (julho de 1981). Os netos já são dois, Vinicius Fernandes de Noronha, filho do Hermando Junior (outubro de 2006) e Arthur Calado de Noronha, filho do Marcelo (dezembro de 2015).

Filho de agricultores, ficou órfão de pai aos três anos de idade e de mãe aos oito anos. Após o falecimento dos pais, residiu na fazenda, na companhia de irmãos até os 12 anos, estudando

em escola rural. Em 1957, concluiu o curso primário no Grupo Frederico Zacarias, em Abaeté (MG), aos 13 anos.

Estudou em regime de internato no Colégio Agrícola Nilo Peçanha, em Pinheiral (RJ), de 1959 até 1965, onde se diplomou técnico agrícola. Em 1966, ingressou na Universidade Federal de Viçosa/MG no curso de Agronomia e diplomou-se engenheiro agrônomo com diversificação em Economia Rural no ano de 1969. No ano seguinte, prestou concurso público para o cargo de engenheiro agrônomo na Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, sendo aprovado e lotado no Instituto de Economia Agrícola (IEA), em 1970, onde permaneceu até o ano de 1975.

Em outubro de 1975, ingressou no serviço público federal, contratado pela Cibrasem para prestar serviços à Comissão de Financiamento da Produção. Em março de 1976, ingressou na Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (Embrater) onde permaneceu até o ano de 1990.

Nos anos de 1991 e 1992 dedicou-se exclusivamente à implementação de um projeto de produção de leite, iniciado em 1986, em sua propriedade no município de Unai (MG). No final do ano de 1992 encerrou a atividade de produção de leite e dedicou-se a atividade puramente comercial, nada a ver com a formação profissional, à qual retornou em 1994, quando foi contratado pelo PNUD para

avaliar o “Projeto URCA”, as Unidades Regionais de Capacitação e dar apoio à extensão e ao desenvolvimento rural. O projeto foi desenvolvido pela Embrapa em parceria com entidades de assistência técnica e extensão rural.

Em 2005 foi readmitido no Ministério da Agricultura, em decorrência da Lei de Anistia (Lei no 8.8874/94) do

governo Itamar Franco, que anistiou os ex-servidores da Embrater. Aposentou-se em fevereiro 2013 como fiscal federal agropecuário (hoje auditor fiscal agropecuário). “A vida de aposentado limita-se aos cuidados com a saúde física e mental e a convivência saudável com a família e amigos, quase sempre em eventos festivos e viagens.”

Humberto Resende

Acarino

Telefone: (32) 99931 4335 | E-mail: resendeh@powerline.com.br



Filho de Antonio Resende e Rafa El-Corab Resende, é engenheiro agrônomo, formado pela turma do Carcará. Natural de Resende Costa (MG), mora atualmente em Juiz de Fora (MG). Casado com Elenira C. Nunes Resende, tiveram dois filhos, Ceres Nunes Resende e Dalton Nunes Resende, e quatro netos, Mila, Melissa, Humberto e Isabelle.

Após concluir a graduação pela UFV, fez diversos cursos de especialização, como Riego por Aspersão e Goteo – Departamento de Capacitação para el Exterior (Ministério da Agricultura), em Israel, em 1976; Cultura do Feijoeiro – Centro Internacio-

nal de Agricultura Tropical (CIAT), na Colômbia, em 1985; além de cursos de Extensão Rural (CEE), Viçosa, em 1964 e 1970, e aproximadamente 50 outros cursos técnicos de média e curta duração para reciclagens e atualizações.

Durante 27 anos, trabalhou com Extensão Rural na Acar/Emater, atuando como supervisor local e coordenador regional de projetos (culturas tradicionais, reflorestamento, irrigação e drenagem) e coordenação dos programas Prodemata, Provárzeas e MG II (Programa de Desenvolvimento Integrado de Produtores de Baixa Renda). Em seguida, transferiu-se para a Embrapa, sendo o primeiro supervisor-geral da Estação Experimental da instituição em Coronel Pacheco (MG), onde administrou e acompanhou os trabalhos de pesquisas ali conduzidos.

Foi também responsável pela programação, supervisão e coordenação de toda a produção e conservação

de forragens naquela Estação Experimental da Embrapa, sendo ainda o responsável técnico pelos setores de irrigação e drenagem, mecanização agrícola e administração do quadro de pessoal envolvido com os trabalhos de campo. Desempenhou diferentes funções técnicas, publicou vários artigos técnico-científicos, ministrou cursos e proferiu inúmeras palestras para técnicos e produtores de diferentes estados brasileiros.

Participou também, juntamente com pesquisadores, das instalações e conduções de várias Unidades de Observações e Experimentos. Implantou a “Vitrine Tecnológica” com mais de 100 cultivares de forrageiras, com o objetivo de observar seu comportamento na região e fazer difusão de tecnologias. Antes de ingressar na Acar, em 1963, prestou serviços, como autônomo, à Companhia Agrícola Florestal (CAF), da então Belgo Mineira e a outras entidades. Desde a aposentadoria, em 2004, presta consultorias técnicas e se dedica às publicações sobre assuntos relacionados à agropecuária. Neste período já assistiu pelo menos 38 propriedades rurais e entidades do setor. Prestou também consultorias e assessorias técnicas à Embrapa Gado de Leite na elaboração de 32 planilhas sobre custos de produção de culturas forrageiras, pastagens, irrigação, mecanização agrícola e conservação de forragens.

Durante o período em que permaneceu na Acar/Emater e Embrapa, ministrou inúmeros cursos e centenas de palestras para treinamentos de técnicos, produtores rurais, estudan-

tes, dentre outros, em assuntos relacionados à produção e conservação de forragens, culturas tradicionais, irrigação e drenagem, mecanização agrícola, construções rurais, conservação do solo, química e fertilidade do solo. Publicou 112 trabalhos técnicos publicados individualmente e em parcerias, através de livros, apostilas, artigos para revistas técnicas, circulares e comunicados técnicos.

Participou, como membro associado, de associações como Sociedade Brasileira de Irrigação e Drenagem; Sociedade Brasileira de Engenharia Agrícola (1974 a 1981); Sociedade Brasileira de Química e Fertilidade do Solo (1974); Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT- 1970 a 1979); Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1969 a 1975); Sociedade Mineira de Engenheiros Agrônomos (SMEA - 1970 a 1984).

Ao longo de sua carreira, recebeu diversos títulos, condecorações e homenagens conquistados e recebidos, como o Certificado de Mérito da FAO, em 1975; bolsa de estudos da Acar para o curso de Agronomia na UREMG, diploma de Mérito Florestal pelo governo Estadual de MG, em 1988; aprovação em segundo lugar no concurso público promovido pela Embrapa, em 1989, e admitido como técnico especializado, em 1990; prêmio Excelência da Embrapa, em 1997; placa de reconhecimento pela dedicação durante os 14 anos frente aos trabalhos no Campo Experimental de Coronel Pacheco (pela Embrapa), em 2004, e homenagem da Câmara de Vereadores de Juiz de Fora,

“Menção do Legislativo pelos Relevantes Serviços Prestados ao Município” como coordenador regional da Emater, em 2008.

Membro da Maçonaria desde 1972, tem participação ativa em problemas da comunidade e na pro-

moção humanística. Atua ainda junto à Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC), Trabalho de Ação Social da Igreja Católica, em prol dos problemas das comunidades carentes -1956 a 1963.

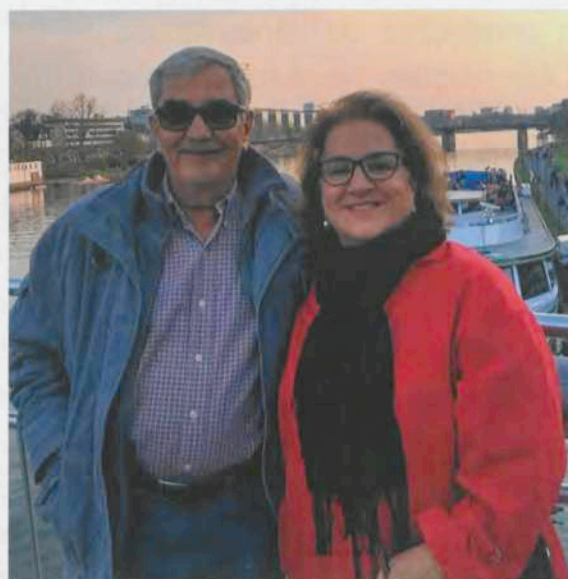
Ivo Francisco de Andrade

Ivo

Telefone: (35) 99889 9623 | E-mail: ivofandrade@hotmail.com

Nascido em 1943, na cidade de Itutinga (MG), iniciou seus estudos nas escolas rurais do município e, mais tarde, deslocou-se para a pequena cidade de Itumirim para dar continuidade a seus estudos. Em 1958, após testes admissionais, começou o curso de Iniciação Agrícola na cidade de Machado (MG). Em 1960, após novos cursos admissionais, foi aprovado para o curso de Mestría Agrícola e Técnico Agrícola na Escola Agrotécnica Diaulas Abreu em Barbacena (MG). Essas etapas de sua vida estudantil foram encerradas em 1965, com o final do curso Técnico Agrícola. Em seguida, prestou vestibular para o curso de Agronomia da UREMG, que com a federalização, transformou-se em Universidade Federal de Viçosa (UFV). Após a conclusão do curso de Agronomia, iniciou o mestrado na área de Zootecnia em 1970 na mesma instituição.

Iniciando suas atividades profissionais em 1971, foi contratado, através da Acar-MG, para trabalhar na implantação de um programa de pesquisa para Minas Gerais, sendo então criado o Programa de Pesquisa Agropecuária



de Minas Gerais (Pipaemg), que mais tarde, em 1973, foi transformado na Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig).

Em 1975, foi nomeado pelo ministro da Agricultura para compor um grupo de trabalho encarregado de escolher o local e elaborar o projeto de criação do Centro Nacional de Pesquisa em Gado de Corte (CNPGC). Por motivo de uma viagem ao exterior para a realização de um curso de PhD, houve a necessidade de se ausentar do grupo em 1975. Casou-se com Maria Ofélia em 1975, com quem teve três filhos,

Maria Elisa, André Luiz e Luiz Otávio.

Iniciou o curso de PhD em janeiro de 1976, na Universidade do Arizona, em Tucson, onde permaneceu até o final de 1979. Regressando ao Brasil, continuou trabalhando na Epamig, sendo lotado na Escola de Veterinária da UFMG, passando a ser o coordenador regional da Epamig na universidade. Ainda na escola, orientou dois alunos de mestrado e participou de bancas de defesa de dissertação de demais alunos.

Em 1986 foi transferido para a Epamig de Lavras, onde permaneceu até 1993. Nesta ocasião orientou vários alunos da Ufla na categoria de Iniciação Científica. No final desse ano, foi novamente para os Estados Unidos, como bolsista CNPq, a fim de realizar o pós-doutorado, tendo sido professor

vigente e pesquisador da Universidade da Flórida, onde permaneceu até 1995. De regresso ao Brasil, continuou como pesquisador da Epamig, quando foi aprovado para professor da área de Produção Animal no departamento de Zootecnia da Ufla. Como professor, orientou vários alunos do curso de mestrado e doutorado, participou de várias bancas de defesa de teses e dissertações, além de bancas para a escolha de professores para a própria Ufla e Universidade do Mato Grosso. Foi bolsista de Iniciação Científica, de pesquisador e de pós-doutorado junto ao CNPq. Criou, no departamento de Zootecnia da Ufla, o grupo de estudos e pesquisas denominado Núcleo de Estudos em Pecuária de Corte (Nepec). Aposentou-se em fevereiro de 2005.

James Gomes Pitt Simpson

Margaridinha

Telefone: (31) 99767 8712 | E-mail: jgpsimpson@gmail.com



Começando pelo plano pessoal, casei-me com Mônica, esteio de minha vida, e temos um filho, Diego, que em 2018 fez 31 anos. A Mônica tornou-se uma verdadeira carcareana, desenvolvendo grandes amizades na turma e

sendo a responsável única pela existência do Estandarte do Carcará (ideia, concepção, elaboração). O custo desse estandarte, salvo alguma omissão senil, foi rateado entre (ordem alfabética) Dudu, Gilson Pitta, Heron, James, Lima, Morel, Oliveiro e Pilastrinha.

No plano profissional, é importante lembrar que o Carcará se formou em época de muito emprego para engenheiros agrônomos, então em janeiro de 1970 eu já estava trabalhando na mineira Associação de Crédito e Assistência Rural (Acar) - à boca pequena, Acar: "Aqui

Coroas Acham Refúgio”.

Fui contratado para atuar no Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Corte (PDPC), do Convênio Acar-Condepe (Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária), que recebeu recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O chefe maior era o professor Joaquim Mattoso e ele era assessorado por alguns contemporâneos nossos da UFV: Carlos Humberto Fonseca Nascimento (Negativo), João Batista de Lima Soares (Brucutu) e Roberto Marques Gontijo, além do Pedro Ubirajara Justino Leite (Zumbi), formado em Viçosa em 1956.

Diversos colegas do Carcará trabalharam nesse programa, por exemplo, Armando Catolino Veloso Maia (Cacheado), Guilherme Dutra de Moraes Horta (Boa Pinta), Helmutt Ruppín (Mamute), José Alberto de Ávila Pires (Xapecó), José Aloíso Lima (Didi) e Vilson Cohen Persiano (Paçoca). Fiz estágio de campo em Carlos Chagas e depois fui para Aimorés, no Vale do Rio Doce, de onde toda sexta-feira de tarde pegava o trem da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM) até Governador Valadares, onde minha família morava – não raramente, no trajeto entre Aimorés e Valadares, em Resplendor, subiam ao trem o Wilson Deniculli (Taboa), que ia até Galileia, sua terra natal, e, em Conselheiro Pena, o Vilson Persiano, e seguíamos bebendo cerveja no vagão restaurante até Valadares. Às vezes, o Guilherme Horta nos aguardava na estação ferroviária de Valadares e dali já iniciávamos os “trabalhos do fim de semana”.

Em 1972 fui deslocado do Escritório

Local de Aimorés para o Escritório Seccional de Teófilo Otoni, para dividir a coordenação regional do mesmo Programa (PDPC) com o Dativo Botelho de Aguiar, formado na UFV antes de nós. Lá encontrei mais colegas carcareanos, como o Carlos Landi (Totonho), que era o chefe geral, o Antonio Carlos de Magalhães Giovanini (Tatu), o Afonso (Protocolo), o José Aloisio Lima (Didi) e o José Ladeira da Costa (Joséres).

Em 1973, a Acar me convidou a assumir a coordenação regional do programa no escritório de Valadares, onde fiquei até o início de 1974. Em abril de 1974, por convite do nosso ex-professor de Tecnologia de Alimentos Joanito Campos Junior e do colega de Viçosa Aloisio Antônio Barbosa Rolim (turma de 1965), fui trabalhar no Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais (Indi), como técnico da Superintendência de Agroindústria, da qual o Joanito era o titular. Por conta disso, mudei-me para Belo Horizonte. Em maio de 1979, o Joanito passou a diretor do Indi e, por indicação dele, eu assumi o seu posto.

Fiquei nessa posição até agosto de 1987 e nesse período (abril de 1974 a julho de 1987) interagi profissionalmente com alguns colegas carcareanos, lembro-me do Antônio Carlos Tarré (Pilas), do Gilson Vilaça Exel Pitta (Graxeira), do Jairo Maranhão (Baby), do José Carlos Campello de Castro (Meiose), do Lucas Elmo Pinheiro (Marreco), que migrou prematura e recentemente para o Carcará Celeste, do Mauricio Roberto Fernandes (Perereca), do Oliveira de Almeida Soares (Azeitona), do Rômulo Augusto L'Abatte Marques (Alicate) e do Wellington Abranches de

Oliveira Barros (Mamão).

Enquanto estive no Indi, pude participar de alguns grandes projetos muito interessantes, como o Proálcool, o Corredor de Exportação GO-MG-ES e o Programa de Desenvolvimento do Sul de Minas.

Em 1984 adquiri uma propriedade de 15ha em Lagoa Santa, MG, e nela implantei com alguns sócios um projeto de produção de cogumelos comestíveis: Prodal Produtos Agropecuários Ltda. Entre os sócios estavam o já citado Aloisio Rolim, autor da ideia, a minha mãe Geraldina e o meu irmão Ricardo. Nas tentativas de viabilizar esse projeto contei com a cooperação do carcareano Tsuyoshi Kuwajima, o nosso famoso Chochô, autoridade no assunto na área de Moji das Cruzes (SP). Também me ajudaram muito, em diferentes momentos, as minhas irmãs Dina Dee e Lorna e a minha esposa Mônica, sócia até hoje. Atualmente a empresa encontra-se paralisada e o sítio está tendo bom uso como área de lazer familiar, enquanto não é bem vendido.

Em 1987 tomei duas importantes decisões:

- novamente, a convite do professor Joanito Campos, transferi-me para a área de meio ambiente da Cemig, de onde saí em fins de 1997 como chefe do Departamento de Estudos Ambientais; fato interessante é que enquanto eu estava lá, veio trabalhar na mesma área o carcareano Luiz Carlos da Silva (Sanatório), que lá ficou até se aposentar;

- criei, junto com o colega de Indi, Roberto Azeredo, a seu convite, a Crax Sociedade de Pesquisa da Fauna Silvestre, entidade de cunho científico sem fins lucrativos dedicada ao salvamento de

espécies ameaçadas da avifauna silvestre e dos seus habitats, indo da criação em cativeiro à reintrodução na natureza (restauração biológica) <https://www.facebook.com/CRAXBASIL/> - atuou nessa ONG até hoje, cabendo destacar a cooperação permanente com o carcareano Antônio Carlos Tarré e, mais recentemente, com o Antônio Fernando de Castro Bahia Filho, reitor do UNIFEMM de Sete Lagoas. O meu filho Diego desempenha importante função na criação e na operação do Instagram e do Facebook da Crax.

Em 2001 criei a firma Agram Consultoria Agroambiental, que mantenho ativa até hoje, com concentração nos setores de: agroindústria; energia; meio ambiente; e negociação com comunidades afetadas por empreendimentos.

Para o futuro, pretendo incrementar as ações na Crax e na Agram, inclusive internacionalmente. Observo, muito feliz, que sempre houve carcareanos, “uremguianos” e “ufevianos” à volta da minha vida profissional, a exemplo da vida pessoal. Espero que isso continue, porque pretendo viver e trabalhar ainda por um bom tempo. Para ilustrar essa bela interação, ao longo deste relato, eu citei os nomes que lembrei, mas sem prejuízo de outros que a memória possa ter me escamoteado, pois afinal se trata de um período de 50 anos.

Viajei por alguns países, fazendo reuniões e conferências e a passeio, e quero viajar mais. Estive na Alemanha, na Argentina, na Áustria, no Canadá, na Colômbia, na Bélgica, na Espanha, nos Estados Unidos, na França, na Holanda, na Itália, no Mé-

João Bosco Diniz Pereira

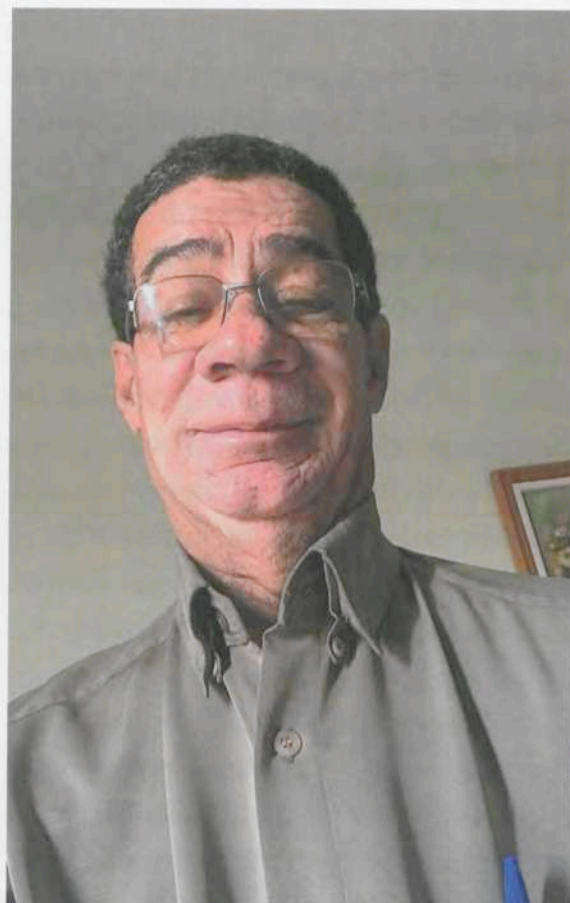
Quase-lindo

Telefone: (31) 99965 3629 | E-mail: jbdinizp@hotmail.com

Sou o quinto dos 10 filhos de Pedro da Cruz Pereira e Honorina Diniz Pereira, ambos já falecidos, sendo que dos 10 filhos, 9 são homens e apenas uma é mulher, todo mundo ainda encarnado no dia de hoje. Fiz o primário, o ginásial e o científico em Itaperuna (RJ). Fiz o vestibular para a então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG) e cheguei a Viçosa no início do ano letivo de 1966, “verdinho, verdinho”, como acontece a quem tem 17 anos – só completaria 18 em maio do mesmo ano... De tão feio que era, a comissão receptora de veteranos me deu o nome de Quase Lindo.

Em 1969 a UREMG se federalizou, passando a se chamar Universidade Federal de Viçosa (UFV), tendo eu, por fazer parte da turma do Carcará, a grande honra de participar da primeira turma de formandos da UFV.

No período de formação profissional como engenheiro agrônomo, tendo feito o último ano na Economia Rural, fiz muitas amizades, cujos nomes não cito para não cometer injustiças. Aprendi muito da vida, mas infelizmente confundia muito a Semana do Cachorro com a Semana do Gambá, o que me custou muito susto e muito esforço para vencer como estudante e não



deixar de pertencer a essa gloriosa turma do Carcará, cujas lembranças me trazem muita satisfação e às vezes até lágrimas.

Como profissional, prestei serviços à Acar, hoje Emater/MG, Acar (RJ), e ingressei no serviço público federal, por concurso, no IBC. Quando este foi extinto, fui remanejado para o Ministério da Agricultura, onde iniciei a carreira de fiscal agropecuário. Esta carreira, inicialmente desvalorizada, transformou-se, com o tempo, depois de muita luta, no cargo de Auditor Fiscal Federal Agropecuário, no

qual me aposentei e decidi fixar residência em Viçosa, cidade onde me sinto muito bem. Morei em várias cidades nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e, por força do trabalho de fiscal, conheci grande parte de nosso país.

Nesse tempo, fiz mestrado e doutorado. Nas respectivas turmas, eu era o “velhinho” camarada...E aí eu sabia distinguir as semanas...

Hoje me sinto uma pessoa semelhante àquela daquele tempo de estudante, no que se refere a ideais de vida, no aspecto social, político e econômico, porém diferente no comportamento e muito grato a Deus e à Doutrina Espírita, que me trouxe a fé raciocinada, sem fanatismo, com muito respeito a todas as religiões. “Sou livre e de bons costumes”, participei como dirigente de casas espíritas por vários mandatos, fui presidente do Conselho Municipal de Assistência Social por vários anos, tudo dentro de um trabalho voluntário, sem “pieguismo”, com muita determinação, às vezes algum rigor, mas “sem perder a ternura jamais”...

No momento, sou voluntário na Casa do Caminho, uma instituição que se dedica a acolher e tratar, dentro de suas limitações, dependentes químicos.

Para encerrar, preciso falar da grande riqueza que consegui em minha vida: MINHA FAMÍLIA! Casei-me em 30/01/1972 com Francisca Mendes Pereira, a Morena, professora em todas as áreas da vida, ex-Acar/MG, companheira

maravilhosa na construção de uma sólida vida a dois, apesar das naturais turbulências, e que é mãe de 3 filhos que são nossa razão de viver. A filha mais velha é a Fernanda Mendes Pereira Muller, farmacêutica-bioquímica formada em Juiz de Fora, com mestrado na UFMG, trabalhando no Laboratório Central (Lacen), do DF em Brasília, casada com Daniel Muller, professor de Física da UnB, pós-doutorado; são pais dos netos Gabriela e Gustavo.

O filho do meio é Pedro da Cruz Pereira Neto (homenagem a meu pai), formado em Direito pela UFV, instrutor de yoga, trabalhando na Polícia Federal em Vilhena, Rondônia, casado com Gisele Silva Pereira, professora, instrutora de yoga; são pais dos netos Pedro Francisco e Maria Isabel. O caçula é André Luiz Mendes Pereira, músico com mestrado na UFMG, coordenador de uma escola de música em São João Del Rei (MG), casado com Débora Dutra Fantini, com doutorado em História, que está se dedicando atualmente ao filho recém-nascido, Jorge, o quinto neto. “Minha vida é andar por este país” com a Morena, tomando conta de netos, levando netos para escola, brincando com netos, ajudando dentro do possível em suas formações, embora a idade seja um fator muito limitante. É claro que não deixamos de fazer nossos passeios exclusivos em datas especiais para nós.

Encerro com um abraço afetuoso a todos carcareanos e carcareanas.

Que Deus nos abençoe!

João Eustáquio de Lima

Dorinha

Telefone: (31) 98503 3951 | E-mail: jelima@ufv.br



Escrever sobre minha vida após a formatura me remete às minhas origens e ao caminho longo e tortuoso para se chegar até lá. Eu nasci, em 30 de julho de 1946, na roça, em um lugar denominado Poções, Município de Paineiras, antes Abaeté, Minas Gerais, em uma família de doze irmãos que depois passou a agregar mais dois de criação. Para chegar até a UFV, estudei em uma escola rural, tirei o diploma na cidade e fui parar lá em Pinheiral, estado do Rio, no Colégio Agrícola Nilo Peçanha, onde fiquei quatro anos (1959 a 1962).

De lá fui para Viçosa cursar o Agrotécnico (1963 a 1965) e, em seguida, entrei em Agronomia, vindo a me formar em 1969 com diver-

sificação em Economia Rural.

Em seguida, ingressei no mestrado em Economia Rural da UFV e, antes de terminar, em julho de 1971, assumi emprego na Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (Abcar), em Brasília, prestando serviço com um grupo de assessores do Ministro da Agricultura para assuntos de política agrícola. Em 1973, fui para os Estados Unidos, onde cursei o doutorado em Economia Rural, na Michigan State University, East Lansing, MI. Em janeiro de 1974, esse grupo de técnicos da Abcar foi incorporado ao quadro de pesquisadores da Embrapa.

Em 1977, terminei o doutorado, retornei a Brasília e continuei como

pesquisador da Embrapa, prestando serviço ao Ministério da Agricultura.

Como sempre gostei da atividade acadêmica, passei a dar aulas na Faculdade Católica à noite. No final de 1981, a convite do departamento de Economia Rural da UFV e devidamente autorizado pelo Ministro da Agricultura, fui para Viçosa como professor visitante, cedido pela Embrapa, ficando nesta condição até 1992, quando fiz concurso e assumi o cargo de professor adjunto na UFV. Dois anos depois, após concurso, passei a professor titular.

Voltando um pouco no tempo, em 12 de janeiro de 1979, me casei com Cristina Maria do Prado Lima, médica, uma piauiense que tinha conhecido em um cursinho de inglês em janeiro de 1973. Durante o doutorado, não perdemos o contato e, logo que voltei, a relação se firmou. Casamos e tivemos três abençoados filhos: Christina do Prado Lima Vilhena, administradora, técnica do Banco Central em Brasília. Ela é casada com Felipe Vilhena Antunes do Amaral, administrador, e nos deram dois lindos netos, Pedro Vilhena do Prado Lima (3 anos) e Hugo Vilhena do Prado Lima (4 meses). O segundo filho é Leonardo do Prado Lima, médico, casado com Raquel Sant'Ana Bonisson, advogada, e nos deram uma linda neta, Laura Bonisson do Prado Lima (4 meses). O terceiro filho é Guilherme do Prado Lima, bacharel em Relações Internacionais, diplomata do Ministério das Relações Ex-

teriores, ainda solteiro.

Na UFV, fiz parte do corpo docente do Departamento de Economia Rural e lecionei com maior atuação na pós-graduação, tendo sido coordenador do programa de mestrado e doutorado em Economia Rural.

Orientei várias dissertações e várias teses. Em 2016, por ocasião das comemorações dos 55 anos do programa de pós-graduação em Economia Aplicada, fui homenageado pelo programa como o professor com maior número de orientados. Participei de várias comissões do departamento e da universidade. Fui bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, membro e coordenador da Câmara de Assessoramento da Fapemig e membro da Comissão Interdisciplinar da Capes, com participação na avaliação de programas de pós-graduação.

No final de abril de 2018, me aposentei. Por ser bolsista de produtividade de pesquisa do CNPq, continuo ainda como professor voluntário da UFV.

Em 28 de agosto de 2019, fui agraciado com a Medalha Bello Lisboa “pelos méritos provados em 25 anos de devotamento e relevantes serviços prestados à Instituição”.

Agradeço a Deus pela formação de alta qualidade nos nove anos de UFV que orientou toda minha trajetória de vida profissional e pela grande família Carcará. Agradeço a meus familiares e, de forma muito especial, a minha esposa, filhos e netos que fizeram e continuam fazendo parte desta minha linda caminhada.

Jorge da Costa Vicente

Nugget

Telefone: (31) 3371 2421 | E-mail: jorvicente@uol.com.br



Engenheiro Agrônomo, com especificação em Mecanização Agrícola, nasceu em Barbacena (MG) e hoje vive em Belo Horizonte. Casado com Marilene Alves de Carvalho Costa, possui duas filhas, Tatiana e Milena, e dois netos, Pedro e Eloah.

Em 1982 fez especialização em Mecanização Agrícola com foco no uso da mecanização com tração animal em países de clima tropical, no Centre D'Études et Expérimentation du Machinisme Agricole Tropical (CEEMAT), em Antony, França, com visitas técnicas de campo a países da África francesa (Mali, Costa do Marfim e Alto Volta, atual Burkina-Faso).

Ao longo de sua carreira, atuou como extensionista local da Acar, coordenador técnico da área de Mecanização Agrícola da Emater-MG, coordenador do Programa Uso Racional

de Energia na Agricultura em MG, no convênio de Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, parceria Cemig/Emater-MG/GTZ. Exerceu ainda as funções de coordenador do Núcleo de Engenharia Rural da Emater-MG, gerente da Coordenadoria de Operações da Emater-MG e diretor técnico da Emater-MG.

Atuou ainda como coordenador do Programa Estadual de Mecanização Agrícola da Secretaria de Estado de Agricultura Pecuária e Abastecimento de MG, secretário executivo do Pronaf em MG e do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável de Minas Gerais (CEDRS-MG) e Coordenador do Programa Garantia Safra em MG. Em 1996 fez uma viagem de estudo à Alemanha, sobre fontes alternativas de energia, juntamente com técnicos da Cemig e da GTZ, re-

alizando visitas técnicas às principais indústrias de tratores e equipamentos agrícolas do país.

No final dos anos 1970, participou de uma comissão para verificação das condições de funcionamento da Faculdade de Ciências Agrárias da Fundação Educacional de Ituiutaba (MG). Na década de 1980, recebeu

o troféu “O Melhor de 1986 do setor da Agropecuária”, concedido pelo *Caderno Fim de Semana* do jornal Estado de Minas.

Exerceu toda sua vida profissional na Acar/Emater-MG, de 1970 a 2013, ano em que se desligou da instituição para viver, em tempo integral, junto à sua família.

José Alberto de Ávila Pires

Xapecó

Telefone: (31) 99776 1675 | E-mail: xapeco1946@gmail.com



Como explicar 50 anos trabalhando com a atividade de pecuária bovina? Acho que se deve aos meus avós maternos Carlos de Ávila Neto (Carico) e Irinéia de Aguiar Ávila. O casamento se realizou em 30 de julho de 1910 e, em 2 de fevereiro de 1911, foram morar na casa da Fazenda Bananal, município de Ibiá (MG). Minha mãe, Teresa de Ávila, nasceu nesta casa, sede da

Fazenda Bananal, que existe até hoje. “Tirar leite, fazer queijo e vender bezerrinhos...”, foi o que me disse a minha mãe Teresa de Ávila, quando lhe perguntei sobre de como o vovô “Carico” conseguiu, entre 1910 e 1965, expandir a Fazenda Bananal de 90 para cerca de 1200 alqueires de terra (6000 hectares). E ainda criar 11 filhos.

Acredito ser esta herança do vovô

Carico e da vovó Irinéia é que me levou a estudar Agronomia em Viçosa e fazer diversificação em Zootecnia, mesmo depois de tentar ser jogador de futebol, chegando a treinar no time titular do Cruzeiro Esporte Clube, em 1965, com Tostão, Dirceu Lopes, Natal, Piazza, Hilton Oliveira... Afinal, “quem não sonhou em ser um jogador de futebol”. Mas em janeiro de 1966, tomei a decisão e fui para Viçosa. E aí então começa a fase de minha vida dedicada à Agronomia/Zootecnia. Após a formatura, concluí o mestrado, também pela UFV em Extensão Rural/ Economia Rural.

Desde 1970, atuo na Emater-MG, desempenhando diversas funções, como extensionista local, coordenador técnico regional de bovinos de corte e coordenador técnico estadual de bovinocultura (Belo Horizonte-Minas Gerais) – função na qual estou desde 1976 – uma experiência profissional de “toda uma vida”, cerca de 50 anos de trabalho com a pecuária bovina de Minas Gerais, herança do vovô Carico e da vovó Irinéia, um trabalho com os pecuaristas de Minas Gerais que, em pleno 2019, estão “tirando leite, fazendo queijo e vendendo bezerrinhos”.

Ao longo de todos estes anos estive presente em diversas atividades,

como o Programa Condepe (Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária de Corte), Programa de Feira de Bezerrinhos de Minas Gerais, Programa de Engorda de Bovinos em Regime de Confinamento para Abate durante a Entressafra, Programa Estadual de Apoio à Produção de Novilho Precoce, de Minas Gerais”, Programa de Melhoria da Qualidade Genética do Rebanho Bovino de Minas Gerais (Pró-Genética), Plano/ Programa Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (ABC).

Recebi ainda algumas homenagens marcantes, como a Medalha do Mérito Rural 2016 - Técnico-Científica, oferecida pela Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais; Comenda “Antônio Secundino de São José” - pelos serviços prestados ao estado de Minas Gerais e ao país. Patos de Minas 12 de junho de 2.015.

Me casei em 15 de dezembro de 1973, em Francisco Sá, com Ângela de Fátima Batista de Ávila, natural de Montes Claros, com quem tenho três filhos, André Luiz Batista de Ávila Pires, Anna Paula Batista de Ávila Pires e Joana Batista de Ávila Pires, e dois netos, José Mikhael Melgaço Santos e Miguel Batista de Ávila Santos.

José Anilton Dias Vieira

Cotia

Telefone: (28) 99886 0792 | E-mail: Jad.vieira@yahoo.com.br

Nascido em 17 de março de 1947, no município de Afonso Cláudio (ES), cursou Técnico Agrícola e Agronomia na UFV, terminando o curso em

1969. Exerceu a profissão de engenheiro agrônomo na Acares, no IB C e no Ministério da Agricultura, onde se aposentou como auditor fiscal, em



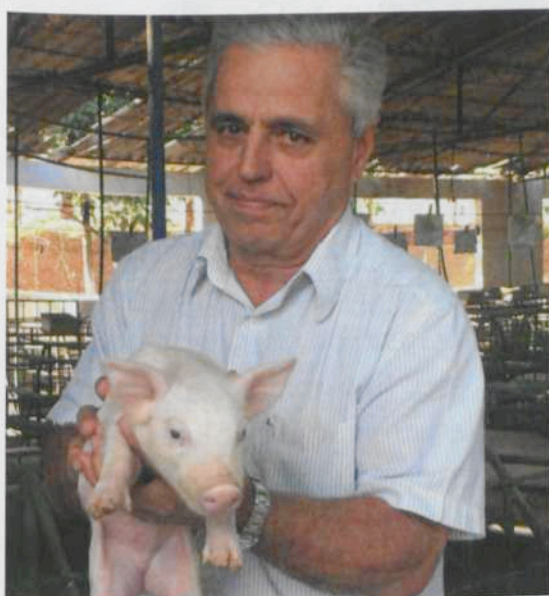
2014. Desde 1972 exerce também a atividade de agropecuarista nas áreas de café, gado leiteiro e de corte. Atualmente reside em Venda Nova do Imigrante (ES).

Casou-se com Fátima e tiveram 4 filhos, Christina (45), Gustavo (43), Carolina (40) e Larissa (33). Tiveram 4 netos, hoje com idades de 4 a 29 anos.

José Arnaldo Cardoso Penna

Pinico

Telefone: (31) 99986 1255 | E-mail: josearnaldo.penna@globo.com



Meu avô sempre teve grande influência do pai para entrar no mundo do agronegócio, resolvendo estudar Agronomia em Viçosa (MG). Lá ele fez muitos amigos e aprofundou seus conhecimentos; na época que fez vestibular, passou de primeira. Em Viçosa, as turmas têm nomes. Lá, a dele se chama Carcará, tendo até hino! Ele morava dentro da universidade e lá aprontava muito com seus amigos. Brincavam muito, principalmente de encher balões de água e jogar bem na cabeça

das pessoas que passavam na rua, pois eles ficavam em cima, num prédio.

Foi nesta época que conheceu minha avó, começando a namorar por cartas. Na faculdade, ele fez seus grandes amigos, com os quais se encontra até hoje. Os apelidos daquela época também permanecem: Pílax-trinha, Meleca, Tico-Tico, Graxeira, Margarida, Butão, Catarina, Xapecó e tantos outros... Ah, e Pinico, que é o apelido do meu avô. A juventude de José Arnaldo foi muito divertida, mas foi nela que conquistou três coisas muito importantes: minha avó, seus conhecimentos, seus amigos.

José Arnaldo formou-se em 1969 e foi trabalhar na Hortíferes Sementes, em Igarapé (MG). Tornou-se gerente e se casou com Maria das Graças em 1971 no dia 24/07. Foram morar em Betim. No ano seguinte, nasce a primeira filha do casal, Adriane, e um ano depois, Luciana. Minha avó queria mais um filho, mas não pôde pois tem diabetes e as filhas nasceram prematuras. Em 1974 ele foi visitar uma granja de suínos da Agrocere e se apaixonou pela suinocultura. Junto de seu pai, adquiriu uma pequena propriedade em Sete Lagoas e deu início ao seu sonho de ser empresário do agronegócio. Lá morou com a família por seis anos, enfrentou muitas dificuldades sem nunca desistir. Em 1981 conseguiu construir uma casa na cidade e se mudar. Atualmente, ele continua na suinocultura, mas se desenvolveu muito na área de associações e de relações políticas. Foi secretário de Estado da Agropecuária, hoje é vice-presidente da Associação dos Sui-

nocultores do Estado de Minas Gerais (Asemg) e é presidente de câmaras técnicas estaduais de suínos, de grãos e de meio ambiente. Já foi vice-presidente da Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS).

Eu realmente não entendo como ele faz tanta coisa e não se cansa nunca! E ele faz tudo isto voluntário, porque pensa nos outros colegas de profissão.

Meu avô ama sua fazenda - Granja Barreirinho - vai todos os dias! Lá trabalham todos da família: meu avô, minha avó, minha mãe, minha tia e meu tio. Ele respeita e convive com seus funcionários de igual para a igual. É de se admirar como ele consegue ser patrão e ao mesmo tempo amigo de seus funcionários. Vai em festas e toma suas cachaças com eles. Ele é bravo e cobra muito de todos. Muito inteligente, rápido e disposto. Ah... Ele tem muita visão ambiental. Desenvolveu várias técnicas na granja para economizar água e energia! Lá tem biodigestor. E também desenvolveu os pastos de forma que caibam 8 vezes mais gado que o normal, tudo isto usando os dejetos dos suínos! Recuperou a mata ciliar da fazenda e salvou o açude que tem lá. Ele é chamado para dar palestras sobre isto e a Granja recebe estagiários das universidades do estado. E ele adora dar suas explicações! Eu adoro ouvir tudo que ele diz.

Meu avô é uma pessoa muito forte e otimista. Gosto de ficar perto dele e de minha avó. São muito especiais para mim! Sempre que tenho medo ou fico ansiosa, meu avô segura minha cabeça e me faz repetir: "eu posso, eu quero e eu consigo". Nunca me esqueço

disso. Quando alguém lhe pergunta: “Como vai?”, ele responde:

“Melhor que ontem e pior que amanhã.” Isto é muito importante para mim e para meus primos. Nós aprendemos com ele que podemos melhorar a cada dia e que nunca sabemos tudo ou estamos bons o suficiente. Meu avô adora ver a família reunida. Eu, minha mãe e meu irmão temos que ir dormir na casa dele toda semana. E aos finais

de semana, passamos juntos, sempre que dá. Tenho muito orgulho de ser neta desta pessoa tão maravilhosa e que me faz aprender tanto. Te amo, Dodô! (ah, é assim que eu e meus primos o chamamos). Mesmo quando você briga com a gente por causa dos iphones e ipads.

*Texto escrito pela minha neta e escritora **Ana Carolina Penna**.

José Carlos Campello de Castro - Meiose

Telefone: (31) 99957 1910 | E-mail: jcarlosffseguros@gmail.com



Engenheiro agrônomo, diversificado em Fito II (Horticultura), moro em Belo Horizonte e sou casado com Maria Madalena Trindade, a Madá, com quem tive dois filhos, uma filha e cinco netos. Logo após a formatura na UFV, em janeiro de 1970, comecei a trabalhar na Emater-MG. Lá exerci diversas funções como supervisor local na cidade de Uberaba (MG),

chefe de escritório em Juiz de Fora, e especialista de Horticultura, no escritório seccional em Viçosa. Ainda na Emater, em 1975, tive a oportunidade de fazer uma viagem de estudos, de aproximadamente dois meses, patrocinada pela Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal) sobre a comercialização de produtos hortícolas na Espanha, pelas cidades de Madri, Léiri-

da, Almeida, Barcelona e Valência.

Nesta época, o governo brasileiro queria implantar centros de abastecimento em todas as grandes capitais, nos moldes da Ceagesp, única no país até então. Para esse trabalho, foi contratada uma companhia espanhola, La Suen, que ficaria responsável por todo o projeto, desde o local a ser construída, o desenho arquitetônico, a logística a ser adotada. Essa empresa ofereceu à Cobal um estágio para cinco membros irem à Espanha conhecer as centrais de abastecimento de lá e os mercados de origem, que ficavam nas cidades do interior. Como o meu trabalho na Emater era muito direcionado à comercialização de produtos hortícolas, eu fui convidado. Fui o único mineiro do grupo, que contou ainda com um integrante de Brasília, outro de Pernambuco, outro do Rio Grande do Sul e outro de São Paulo. Coleciono ainda passagens pela Bemge Seguradora, onde fiquei até 1996, pela Secretaria de Política de Abastecimento na Prefeitura Muni-

cipal de Belo Horizonte, Maria Antonieta Administradora e Corretora de Seguros e Cooptrade Corretora de Seguros. Em 2009 fui aprovado em um concurso público da PBH para o cargo de engenheiro agrônomo.

Um dos fatos marcantes pela minha passagem por Viçosa, foi a fundação do coral da UFV. Sempre fui apaixonado por corais e criamos, na universidade, um grupo de seresta, em que fazíamos apresentações para as colegas, no alojamento feminino, e em alguns festivais. A partir deste grupo, surgiu a ideia de remontarmos o coral da faculdade, uma vez que já havia existido um grupo no passado, mas que acabou morrendo. Juntamente com outros colegas, como o Totonho, o Maurício (irmão do Totonho), o Machadinho, o Maurício Fernandes e a Marlôve, que tocava piano, recriamos o coral. Foi um sucesso, chegamos a ter mais de 40 vozes. Depois, já em Belo Horizonte, ainda participei do coral da igreja da Boa Viagem e da Bemge Seguradora.

José Corrêa Antunes

Xilô

Telefone: (31) 99978 4806 | E-mail: latifeantunes@yahoo.com

Natural de Mercês (MG), moro hoje em Belo Horizonte. Trilhei o caminho de Viçosa porque meu pai sempre participou da Semana do Fazendeiro, realizada em todo mês de julho na UFV. Ele foi uma pessoa que sempre procurou melhorar seus conhecimentos na área rural, principalmente por ser cooperado ativo na sua região,

onde era produtor de leite e desempenhava outras atividades agrícolas.

Já na época do cursinho preparatório para vestibular, tive conhecimento da Engenharia Florestal, que era um dos mais novos cursos. Foi quando optei pela minha profissão e que só tenho a agradecer a Deus e a todos professores, amigos na minha passa-

gem por aquela universidade.

Iniciei minha vida profissional na região do Norte de Minas, participando na formação de florestas para um grupo siderúrgico, onde trabalhei até 1988, quando me desliguei da empresa para montar um negócio próprio. Prestei serviços para diversas empresas na formação de florestas para celulose, na região do Vale do

Aço, atuando por 15 anos e encerrando estas atividades em 2014. Por último, quero agradecer aos meus 3 filhos, Rodrigo, Carla e Flavia, e à minha esposa Maria Latife, que nos últimos 31 anos foi meu braço direito em tudo que realizei e companheira de todos os momentos. Finalmente agradeço a Deus e aos meus pais José Antunes e Ana Toledo.

José da Cruz Machado Machadinho

Telefone: (35) 99979 0875 | E-mail: jmachado47@gmail.com



Nascido em maio de 1947 em Passos (MG), ou seja, já na confortável zona da terceira idade, encontro-me neste momento em gozo das prerrogativas da “PEC da bengala”, com perspectivas de aposentadoria de atividades profissionais dentro de dois a três anos. Atualmente, eu e minha “única” esposa, Letícia, estamos com-

pletando 46 anos de casados. Neste período tivemos dois filhos, André Luís e Cibele, que são profissionais de magistério superior e de empresa multinacional. O primeiro neto, Sophia, nasceu em maio deste ano.

Após o inesquecível tempo de Viçosa, como aluno do Colégio de Viçosa e de nossa UFV, tive a oportunidade

de vivenciar diferentes experiências pessoais e profissionais em nosso país e no exterior. No âmbito profissional tudo começou como extensionista da Acar (Emater), com duração de cinco anos: três em Cambuí, Pouso Alegre e Lavras e dois de volta a Viçosa, para curso de mestrado em Fitopatologia. Algumas lembranças inesquecíveis como extensionista foram o nosso papel na introdução da cultura do morango no Sul de Minas e participação ativa no programa Fao/Anda/Abcar visando introdução de forrageiras de clima temperado em Minas Gerais. Amigos como Iná, Bernadete, Sidnei, Marcos, Graciema, Lurdinha, Petrônio, Marina, Alberto, João Leonardo, família Guilhermina e tantos outros daqueles tempos são lembrados com muito carinho.

Em 1975 deu-se início a minha carreira de magistério superior na Universidade Federal de Lavras-MG, na condição de professor assistente de Fitopatologia. No período 1977- 1980, realizei meu curso de doutorado na Manchester University, Inglaterra, e em 1991/92 o pós-doutorado na Wageningen University and Research Centre, na Holanda, tendo me especializado em Patologia de Sementes. De volta a Lavras, além das funções de docência na graduação e pós-graduação, fui coordenador de curso de pós-graduação em Fitossanidade, diretor do Conselho Editorial da Universidade, pró-reitor de Pesquisa, diretor do Escritório de Assuntos Internacionais, pelo qual coordenamos a inserção internacional da Ufla, tendo como parceira inicial a Universidade de Wageningen, da Holanda.

No âmbito nacional fui vice-presidente da Associação Brasileira de Tecnologia de Sementes (Abrates) e coordenador do Comitê de Patologia de Sementes desta associação por vários anos, além de prestar assessoria ao Mapa e colaborar com outras instituições por muitos anos em assuntos pertinentes à sanidade de sementes no Brasil. Durante quinze anos fui membro representante do Brasil no “Seed Health Committee” da International Seed Testing Association (ISTA). Fui coordenador de diversos projetos de pesquisa, tendo publicado alguns livros e diversos capítulos de livros, mais de uma centena de artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais e orientado mais de cem alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Em relação à honraria profissional, fui escolhido como “Fitopatologista do Ano”, pela Sociedade Brasileira de Fitopatologia por duas vezes, em 2001 e 2017. Em 1989 fui agraciado pela Associação Brasileira de Tecnologia de Sementes com o troféu “Semente de Ouro” e “Mérito Patologia de Sementes” pelos serviços prestados na área de sementes no Brasil. De grande relevância pessoal foi o recebimento do prêmio “Currie Book Prize” concedido pela Universidade de Manchester/UK ao pós-graduando com melhor desempenho no curso de doutorado realizado naquela instituição.

Como esportista, consegui praticar futebol e voleibol com relativa tranquilidade até os quarenta e poucos anos, tendo que parar por motivo de quatro cirurgias de joelho. Para o período pós-

aposentadoria espero curtir os bons ares e calma de Paraty (RJ), onde temos um pequeno recanto, e conhecer melhor nosso país, além de viajar para alguns lugares no exterior que ainda não foram visitados. Como bra-

sileiro, espero vivenciar ainda parte de nossa vida neste país, Brasil, que tem tudo para ser uma nação de primeiro mundo. Finalmente, peço a Deus que nos dê vida e muita força para ainda rever os amigos por muitas vezes.

José Diniz de Araújo

Brasinha

Telefone: (34) 99680 1290 | E-mail: brasinha@gmail.com



Ainda muito jovem, me apaixonei pelo conhecimento. A paixão só possui dois resultados finais: ou termina em grande catástrofe ou num grande amor. Para minha grande alegria, no meu caso, ela terminou em grande amor pelo conhecimento. Continuo aprendendo e compartilhando até hoje. Aprendi muitas coisas no plano horizontal do ser humano, ou seja, sua relação com o mundo natural. Agora tenho me concentrado no aprendizado do ser humano no plano vertical, ou seja, sua relação com o Criador. Vou continuar nesta trajetória, seguindo e aprendendo sobre Jesus Cristo até o final.

Nascido em 18 de março de 1945, em Itapeçerica (MG), resido hoje em Uberlândia, no Triângulo Mineiro. Me formei em técnico em agricultura, UREMG, atual UFV, em 1965 e engenheiro agrônomo, UFV, em 1969. De meu casamento com minha ex-esposa, Marilene, tive três filhos, Cynthia Olivier de Araújo, falecida em 20/04/1980, estudante de Medicina, Cybelle Olivier de Araújo, psicóloga, também cursou Ciência da Computação, e Marcel Olivier de Araújo, que também estudou Ciência da Computação.

Após a formatura em Viçosa, fiz mestrado e doutorado em Economia

pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (IPE), FEA/USP. Concluí ainda os cursos de Planejamento Estratégico, pelo Centro de Estudos do Futuro, Instituto de Administração, FEA/USP; Gestão pela Qualidade Total, pelo departamento de Estatística, Unicamp; Auto Confrontação, um disciplinado em Profundidade, Denominado Sal da Terra, pela Escola de Plantadores de Igreja (EPI), em Uberlândia (MG). Ao longo da minha vida profissional, atuei como técnico do Instituto de Economia Agrícola – IEA/SP: sensoriamento remoto, estatísticas agrícolas, previsão de safras. Trabalhei ainda no Mercado de Insumos Modernos de Produção e no Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE), este com sensoriamento remoto. Também fiz parte da Comissão de Financiamento da Produção – CFP/Brasília, como assessor de planejamento e pesquisador de produtos e política de preços mínimos (atual Conab).

Coleciono ainda passagens pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), onde atuei como pesquisador e diversos outros cargos; pela Universidade de São Paulo (USP), como professor doutor do Departamento de Economia, onde lecionei Economia da Tecnologia e Estatística Aplicada à Economia; e Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como professor titular do Departamento de Economia onde lecionei Econometria, Economia da Tecnologia, Economia de Empresas, Economia Rural, Tecnologia e Competitividade nos Departamentos de Economia, Agronomia, Engenharia Civil, Ciência da Computação, em nível de graduação e mes-

trado, além de diversas atividades, como orientação de dissertação de mestrado e monografia de graduação, participação em bancas de defesa de teses, dentre outras.

Atuei ainda como professor da AEU-DF, CEUB, Academia de Polícia Militar (CSP, Planejamento Estratégico), em Brasília (DF) e como professor da Unetri, Uberlândia, onde lecionei Princípios de Economia Industrial e Tendência dos Agronegócios, além de orientador e professor de Disciplinado na Denominação Sal da Terra. Ministrei palestras, seminários, conferências diversas sobre as áreas de tecnologia, conhecimento, planejamento estratégico, gestão pela qualidade total, agronegócios, além de ter atuado como consultor do IICA para Planejamento Estratégico no Chile (INIA) e no Uruguai (INTA).

Em 1969, quando nos graduamos, fui convidado pelo Departamento de Engenharia Rural para me tornar professor. Tive cem por cento de aprovação no Conselho Universitário da UFV. O reitor da época bloqueou minha contratação e, até hoje, não tive uma explicação das razões que o levaram a agir assim. Aquela época era o período da revolução de 1964 e o poder e a arbitrariedade eram absurdos. Minha expectativa de lecionar em Viçosa impediu que eu assumisse as oportunidades que tive na Emater-MG, Ermig, Codevasf. Um poucas vezes voltei à UFV para participar de eventos como palestrante na área de Economia, a convite dos colegas da Economia Rural. Caminhei por outras veredas e contribuí para o desenvolvimento do Brasil.

Sempre honrei a UFV por onde passei. Como se percebe, passei sete anos na UFV e devo muito aos professores e funcionários desta instituição tão valorosa. Os Viçosenses, com quem interagi, foram generosos e bondosos por ter me acolhido tão bem em Viçosa, MG. Sou muito grato ao meu papai Javé por tudo. Lembro-

me dos olhos brilhantes de minha mãe e seu cuidado em preparar a merenda e o material escolar quando fui para a escola rural em Neolândia (MG), onde tive contato com as primeiras letras e números. Esta escola foi criada e mantida pelo meu avô (Sr. Nico Libório). Fazia o percurso da fazenda até o arraial a pé.

José Ladeira da Costa

Joseres

Telefone: (32) 99984 7967 | E-mail: ladeirajose@yahoo.com.br



Uma feliz caminhada, com as bênçãos do Senhor, é o meu sentimento. A partida, 19/12/1946, foi em Piacatuba, Leopoldina (MG), o quarto dos nove filhos de Manoel, produtor rural, de quem herdei o amor pela terra, e de Maria Aparecida, professora, a paixão pelos livros. Concluído o primário, nos internatos: Grambery, em J. Fora, e Ginásio São José, hoje museu e centro de cultura, em Ubá, daí para Viçosa, 60 km, foi um pulo, iniciando agrotécnico na então UREMG em 1963.

Cursar agronomia foi o caminho

para uns 30 colegas do agro, hoje carcereanos. Novos desafios: disciplinas básicas, algumas temidas, e as técnicas profissionalizantes, umas mais e outras menos empolgantes, como a indicar a melhor opção a cursar no quarto ano - as "diversificações", embriões de novos cursos na UFV. Optei por Zootecnia.

Duas atividades extraclasse contribuíram para enriquecer minha caminhada: a) estágio na Souza Cruz, no verde Vale do Itajaí (SC): conhecer um modelo exitoso de assistên-

cia aos produtores de fumo. Filhos de agricultores eram recrutados, treinados durante um ciclo da cultura e contratados para prestar assistência. Naquela época, 1968, em que ainda se utilizava “régua de cálculo”, o controle da produção era total, a ponto de premiar, ao final da safra, dentre milhares produtores, os mais eficientes, com os maiores números de folhas por planta. Participou dessa experiência o nosso colega Darci Clementino; e b) participação no Projeto Rondon em Porteirinha, no semiárido mineiro, quando, além da tradicional pecuária e a forte atividade algodoeira, encantava pela deslumbrante paisagem das Serras Geral e do Espinhaço, hoje Parque Serra Nova e Talhado, com suas lindas cachoeiras. Ingressar na Acar, em 1970, no convênio Acar-Condepe e trabalhar na “extensão” contribuiu para aprimorar o processo de aprendizagem, a partir de Almenara, Vale do Jequitinhonha. As carências locais - energia elétrica, telefonia e estradas de terra e a distância da família, eram compensadas por seu povo acolhedor e suas potencialidades. Em Teófilo Otoni conheci a colega Maria do Carmo, também formada em Viçosa, e futura esposa, quando já trabalhando em Uberlândia. Graças à Acar tive a oportunidade de trabalhar e melhor conhecer as regiões dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce e Triângulo Mineiro, em projetos de gado de corte e em ações de manejo de pastagens - os “campos de demonstração”.

Com a criação da Embrapa surgiu a oportunidade, em 11/1975, de trilhar

novos caminhos: Estação Experimental de Santa Mônica, em Valença (RJ), e centros de Pecuária Sudeste, São Carlos (SP), 1979/91, e de Gado de Leite, Juiz de Fora (MG), 1991/2005. Proporcionou-me a Embrapa os cursos de mestrado em Nutrição de Ruminantes e doutorado em Forragicultura, no Departamento de Zootecnia da UFV, concluídos em 1979 e 1989.

Residir em São Carlos, centro universitário, trabalhar na antiga fazenda de criação do gado Canchim e ter a chance de liderar a implantação de um sistema de produção de leite com gado holandês a pasto tornou a caminhada mais leve. Na Embrapa Gado de Leite, graças ao envolvimento em projetos de sistemas de leite com unidades estaduais de pesquisa e de transferência de tecnologia, pude caminhar pelas principais bacias leiteiras do Brasil. Outro fato relevante foi obter aprovação de recursos num edital da Finep para o Semiárido, para um projeto focado na transferência de tecnologias em produção de leite para as regiões Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha; conduzido em parceria com a Emater-MG, e ter o colega José Alberto, o estimado Xapecó, como contraparte. Para minha felicidade, essa foi a chance de retornar às origens antes de me desligar da Embrapa em 12/2005.

Nessa caminhada, sempre tive a convicção de que “onde me encontro é sempre o melhor lugar” e assim tive o privilégio de conviver e aprender com pessoas de diferentes níveis culturais e socioeconômicos, e admirar usos, costumes e sotaques do nosso

povo desse imenso e tão diverso Brasil. Aposentei, mas a caminhada continua: de terça a quinta, em Piacatuba, onde temos casa e me dedico à lida em sítios. Ter cursado agronomia na UFV e desfrutado da amizade e companheirismo de tantos é uma benção. Viçosa é um local especial para minha

família: lá nasceram meus filhos, Raphael, Fernanda e Ana Paula, casados com Moara, Sérgio e Adilson, respectivamente, e residentes em Brasília, Juiz de Fora e Goiânia, onde moram minhas princesas: Marina e Helena. Maria do Carmo continua firme ao meu lado nessa caminhada.

José Lucindio de Oliveira Buzuntão

Telefone: (38) 99965 6678 | E-mail: joselucindio@gmail.com



Nascido no ano de 1943, no povoado de Capela do Alto Alegre, ainda município de Riachão do Jacuípe, foi o nono filho de uma prole de 17, da união entre o senhor Manuel Luiz de Oliveira e dona Marciana Maria de Oliveira. Linha dura, seu pai sempre cobrou muito dos filhos, certamente devido à sua criação no sertão baiano, ainda regido pelos mandos dos coronéis. Viajar de jegue por mais de 100 km com o sol da caatinga na cabeça para buscar um parafuso? Caçar para sobreviver? Trabalhar para poder estudar? Inúmeras foram as experiências de luta que viveu na sua infância, diferente das que

proporcionou futuramente a seus filhos. Sempre ensinou que nada vem de mão beijada, sem esforço, sem trabalho, sem suor...

José Lucindio de Oliveira, o Bebe-ga da Capela ou o Buzuntão de Viçosa, sempre procurou se desenvolver tendo a percepção árida da caatinga como insumo, nutriente para a vida, em que diante das dificuldades, o trabalho sob o sol é o caminho para a superação. Os estudos foram o trampolim para a sua vida. Incentivado por seu pai e sob as bênçãos da sua querida mãe, desde moço deixou sua casa para aprender com os livros a

forma de transformar a sua realidade.

Assim, o pequeno Bebega se viu entregue à sorte em Feira de Santana e depois Salvador onde conseguiu bolsa de estudo interna no Colégio 2 de Julho, considerado melhor colégio da Bahia. Com muita dificuldade nas aulas de francês, superou e alçou voo para as Minas dos campos Gerais.

Viçosa, Brasil, ditadura, jovens nas ruas, festas Nico Lopes, em 1969 formou-se agrônomo com diversificação em Engenharia Agrícola. Seu sonho era trabalhar com irrigação no Vale do São Francisco e, realmente, em 1970, foi contratado pela superintendência do Vale do São Francisco (Suvale). O que não esperava é que fosse locado na sede da Suvale no Rio de Janeiro e não no Vale do São Francisco. Foram três anos de luta e constrangimento, se sentia como um peixe fora d'água, um sertanejo fora de seu habitat natural: a caatinga.

Apesar de não gostar do Rio de Janeiro, foi lá que aprendeu o quão importante seria estudar mais, então, retornou a Viçosa. Em 1973, contratado pela UFV, lotado no Departamento de Engenharia Agrícola (DEA), teve a honra de trabalhar junto com o ilustre amigo e professor Dr. Eduardo José Mendes Del Peloso. Mais estudos e tornou-se mestre em 1975. Como professor da UFV aceitou o desafio e realizou seu doutorado na Universidade Estadual de Michigan, Estados Unidos, durante o período de 1976 a 1980. Doutor, tornou-se referência no tema no Brasil, renomeando a nova área de Construções Rurais, que passou a ser desde então: "Construções

Rurais e Ambiência".

Na década de 1980, sob sua coordenação, foi criado o primeiro curso de pós-graduação em Engenharia Agrícola da área de "Construções Rurais e Ambiência" do Brasil. Feito que contribuiu enormemente para a excelência hoje atribuída à pós-graduação da UFV, bem como para a melhoria da produção animal e vegetal sustentável para as condições de climas tropicais e subtropicais, como é o caso do Brasil. Professor José Lucindio foi, portanto, o primeiro e um dos maiores formadores de doutores em ambiência de todo o país. Seus trabalhos foram decisivos para a consolidação de pesquisas, surgimento de novos cursos de pós-graduação e formação de toda uma nova geração neste campo de conhecimento.

Entre um semestre letivo e outro, viagens à Bahia, ora mexendo com gado, ora com caminhão, mas sempre correndo em suas veias o sangue sertanejo. Como pai, apesar dos distanciamentos advindos das separações matrimoniais, não deixou de ser um exemplo de vida. Dentre suas qualidades: trabalhador, determinado, inspirador, responsável, engajado com questões ambientais, preocupado com o desenvolvimento sustentável e com os ecossistemas. Formou e forma laços de amizade com pessoas simples a quem sempre se dispôs a ajudar. Já se vão cinquenta anos de muitas alegrias, mas também de dores e incertezas em que muita coisa aconteceu. Bebega cresceu, se fez homem, vieram os filhos, os netos, as paixões... porém o menino da Capela sempre esteve nele. Pé no chão, vida

na roça, sol na cabeça, vacas magras; seu tempo floresce, dando o ar da sua graça. Hoje mora na Fazenda Gangorra, município de Porteirinha (MG).

José Luiz Veloso Maia

Anelado

Telefone: (38) 99986 3939 | E-mail: jluizvmaia@gmail.com

1966... então Viçosa, sonho conquistado, UREMG inicialmente e, posteriormente, Universidade Federal de Viçosa, de peito estufado de orgulho até hoje, formado pela UFV - quatro anos de aprendizado, amizades e muita diversão. Carcará, clube querido que nos uniu e gerou uma grande família, que até hoje, 50 anos passados, nos leva a lembrar, recontar e seguir juntos. Carcará tricampeão universitário, que saudade!

Hoje, recordando tudo que realizamos em condições consideradas precárias, mas com amor e coragem, o projeto Volks foi o que nos propiciou uma viagem inesquecível, muito trabalho e união, 40.000 bilhetes de loteria numerados manualmente com carimbos cedidos pelo Banco do Brasil, após expediente bancário, foi sucesso único, maravilhoso, nos tornando estudantes internacionais, veja só que proeza. E, então, em 1969, como uma árvore que lança as suas sementes ao vento, a UFV nos lançou para a missão de realizar as mudanças que o Brasil pedia. A nossa geração participou ativamente na história do impulso da agricultura brasileira, veio a fantástica conquista do Cerrado, os projetos de irrigação em nossa região semiárida, os avanços tecnológicos surpre-



endentes que comparados com as nossas aulas de mecânica, topografia, agricultura, zootecnia, dentre tantas outras, demonstram uma extraordinária evolução, que nos levou a um novo e contínuo aprendizado. Mas isto tudo é passado repleto de ótimas memórias, temos agora uma nova realidade para viver e conviver.

Dediquei toda a minha vida à nossa região norte-mineira, fortalecendo as nossas raízes aqui fincadas pelas nossas famílias, trabalhando como técnico, empresário e produtor rural e sempre colaborando com todas as entidades da classe rural

aqui existentes.

Orgulho-me disso, mas me orgulho mais ainda de ter construído uma família linda, inteligente e formada conforme os nossos preceitos e costumes, isso graças à minha querida companheira Doralice (Dora), que conheci em Janaúba, na época da Acar/Condepe, e que me apoiou, incentivou, sendo a responsável por tudo que construímos e juntos estamos até hoje. Temos quatro filhas, sendo que uma não mais está aqui conosco e, sim, em outra dimensão, zelando por todos nós; cinco netos lindos e por demais queridos.

Continuamos firmes aqui e lembrando o nosso primeiro livro, neste “sol abrasador”, dividindo o nosso tempo em Montes Claros e a nossa fazenda em Glaucilândia. Continuo na ativa e atualmente estou como presidente da Sociedade Rural de Montes Claros, cujo mandato se encerra em 2020, após isso, não vou mais dividir o meu tempo entre campo e cidade, mas tão somente permanecer no campo.

Encerro agradecendo a Deus por tudo. Obrigado, Senhor! Em 2024 continuaremos nossas lembranças.

Até lá.

José Mansur Nacif

Judeu



Nasci em 2 de julho de 1945, em Ponte Nova (MG). Em 1946 nos mudamos para Viçosa. Meus pais, Mansur Nacif e Bárbara Simão Nacif, intuíram que aqui, onde já havia uma

universidade, nós, seus seis filhos, teríamos melhores oportunidades de educação. Iniciei os estudos no grupo escolar Coronel Antonio da Silva Bernardes. Era o antigo primá-

rio (4 anos). Concluída esta etapa, eu estava alfabetizado. Sabia ler, escrever, dominava os números, sabia cantar o *Hino Nacional* e era considerado, junto com os outros alunos, uma esperança para o Brasil. Não deu certo.

Cursei o ginásio e científico no Colégio de Viçosa, “Ninho de Águias Futuras”. Neste período, continuamos a perfilar e a cantar o *Hino Nacional*. Éramos cada vez mais próximos das esperanças para o Brasil. Não deu certo. Mais quatro anos e já era engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Viçosa. Em 1969 já trabalhava como professor. Em 1972 fui aceito no mestrado de Informática da PUC-RJ, concluído em 1974. Neste ínterim, casei-me, vieram os filhos: Rogério, Letícia e Eveline, dos quais tenho o maior orgulho.

Na UFV atuei principalmente como professor e administrador. Lecionei por cerca de 30 anos, principalmente as disciplinas Cálculo e Álgebra Linear. Sobre álgebra linear tenho dois fatos curiosos para relatar. Certa vez, antes de distribuir as provas, fui ao quadro negro (verde) e baixe o projetor de slides, que ficava no meio do quadro.

Antes de distribuir as provas, ordenei, sob protestos, que os alunos apagassem as fórmulas que eles haviam escrito nas mesinhas das carteiras e então distribuí as provas. Fui até o quadro negro e pedi a atenção de todos. Levantei o painel de projeções e se revelaram todas as fórmulas necessárias para as questões daquela prova.

Numa outra ocasião, aplicando sozinho uma prova para cerca de 60 alunos, precisei ir ao banheiro e disse: vou ao banheiro e quando voltar tomo a prova e dou nota 5,0 aos que estiverem colando.

Quando voltei, cerca de 30 alunos levantaram as provas e disseram em uníssono: - Professor, eu cole!

Na UFV fui presidente do conselho de graduação, diretor do Centro de Processamento de Dados (CPD), diretor do Registro Escolar e assessor de assuntos internos, além de presidir incontáveis comissões de caráter administrativo e acadêmico, inclusive em nível nacional.

Ao fim de tudo, eu já não era mais esperança para o Brasil. De qualquer forma, não deu certo. Hoje sou pai, avô de duas netas e pequeno agricultor.

Abraços a todos carcareanos.

Juarez de Sousa e Silva Contrapino

Telefone: (31) 99965 5399 | E-mail: juarez@ufv.br

Nascido em Itambacuri (MG), é engenheiro agrônomo e reside em Viçosa (MG) atualmente. Casado com Sonia Maria de Sousa e Silva, teve dois filhos,

Mauro Henrique Chagas e Silva e Victor Chagas e Silva, e duas netas, Marina Magalhães e Ana Carolina Magalhães. Após a formatura na turma do Carcará, fez



mestrado em Engenharia Agrícola pela UFV, em 1973, e PhD em Engenharia Agrícola pela MSU-USA em 1980.

Ao longo de sua trajetória profissional, dedicou-se à formação de novos profissionais como professor titular (já aposentado) e atualmente professor voluntário, desde 1998, no setor de Armazenamento do Departamento de Engenharia Agrícola da Universidade Federal de Viçosa. Durante todo este período, foram diversas viagens de estudos, excursões, visitas técnicas relevantes realizadas no país e exterior.

Participou também de estágios em universidades e centros de pesquisa no país e exterior e foi pesquisador visitante e membro do Grupo de Pesquisa em Secagem de Grãos do Departamento de Engenharia Agrícola da MSU-USA. Durante este período recebeu inúmeros títulos, condecorações, como o reconhecimento da sua trajetória por seus trabalhos para pós-colheita latino-americana, concedida pela Grãos do Brasil; honra ao mérito grande Difusor de Tecnologia, pelo CPT; moção de congratulações, pela Câmara Municipal de Viçosa; voto de louvor, pelo Departamento de Engenharia Agrícola da UFV; mérito por Tecnologias Desenvolvidas, pelo Sindicato

Rural de Itambacuri (MG).

Foi reconhecido como Coordenador Técnico Destaque do ano 2000, pelo Centro de Produções Técnicas. Recebeu ainda a condecoração de Honra ao Mérito, pela SBEA, além da medalha por serviços prestados à Extensão da UFV, Centro de Ensino e Extensão (CEE-UFV) e uma homenagem pelos Formandos de Engenharia Agrícola da UFV.

Foi ainda diretor geral do Centreinar, membro da comissão de especialização em Ciências Agrárias - SESU-MEC, membro da CEPE-UFV e membro do grupo de Especialistas da Fao para a América Latina.

Atualmente é professor voluntário na Universidade Federal de Viçosa e bolsista do Consórcio Pesquisa Café, via Embrapa-Café/Epamig. Tem experiência na área de Engenharia Agrícola, com ênfase em Engenharia de Processamento de Produtos Agrícolas, atuando principalmente nos seguintes temas: secagem, café, secador, grãos e fornalha.

Proprietário dos sites: www.poscolheita.com.br e www.microdestilaria.com, é autor de 14 livros, de 22 capítulos técnicos e de 72 artigos publicados em diversos periódicos. Atua ainda como

produtor rural no sítio Santa Luzia, em São Geraldo (MG), no ramo de reflorestamento. “Desde que entrei na UFV (1970), só não participei de três Semanas do Fazendeiro devido a treinamentos fora do Brasil. Como me aposentei em 1998 e continuo, até hoje, com professor voluntário, participei de 45 dos maiores eventos em extensão no Brasil. Adicionalmente, já realizei mais de 300

palestras em científicos, encontros técnicos e atividade de extensão rural. Posuo um canal no Youtube (<https://www.youtube.com/user/juarezufv>), no qual disponibilizei 120 aulas na área de Pós-colheita de Produtos Agrícolas. De maneira similar, tenho um canal no ISSUU (<https://issuu.com/juarezufv>) com uma prateleira, gratuita, com todas as minhas publicações técnicas e livros.”

Laura Lúcia Braga

Lalu



Nascida em Visconde do Rio Branco (MG), é filha de Luiz Julião Braga e Marina Braga - a mãe, atualmente residindo em Viçosa (MG), aos 97 anos, em pleno vigor - foi a única mulher no curso de Agronomia. Acreditando-

-se que, pelo fato de ser sobrinha do professor Braga, era muito paparicada principalmente pelos colegas de curso, dentre outros: James, Itamar, Darc, Edésio, Lima, Dudu, Gasparzinho e Juca Chaves.

Há muitas histórias envolvendo Lalu, com suas gafes, seu modo carinhoso de nos tratar e suas graças. Numa dessas, na aula de Hidráulica, estávamos passando bilhetinhos para ela, que os lia e sorria. O professor Paulo Afonso, então, resolveu chamar sua atenção. Foi aí que o Dudu, condoendo-se de seu choro, deu uma de advogado e ponderou que nós, os marmanjos, é que deveríamos estar sendo admoestados e não ela. Para a surpresa de todos nós, o professor concordou e se desculpou. Noutra ocasião, na disciplina de Meteorologia, haveria uma aula noturna de projeção de slides sobre tipos de nuvens. O professor Paulo Del Giúdice (Bimbinha) a dispensou da aula. Mas ela disse que gostaria de assistir a aula e ele pediu a ela que não fosse. Depois, ficou entendida a razão: intercalados, havia slides de nuvens e de garotas das folhinhas de oficinas mecânicas.

Na diversificação, Lalu escolheu a Economia Rural, por ser um curso de mais “blá-blá-blá”, tipo “poetas rurais”. E sua escolha acabou dando certo,

pois lá em Rio Verde – GO, ela montou a sua empresa Aspag, para atuar na área de assistência aos tomadores de crédito rural. De Lalu, não ficaram só as lembranças. Hoje, Luiz Augusto, seu filho, reside com sua família aqui em Viçosa e trabalha em vários estados e cidades brasileiras. Sua esposa Rachel e suas filhas Júlia e Laura (justa homenagem) têm estado sempre conosco. E o Luiz Augusto tem um jeito muito especial, copiado da Lalu. Lalu sempre paparicada por colegas do Carcará, como Oliveiro, Anelado, Cacheado, Juca Chaves, Lúcio entre outros. Sempre na casa dela estavam presentes para contar piadas e discutir os casos amorosos, estudar? Nunca!

James muito comportado assentava de costas para contar uma piada! Teresa, irmã de Lalu: - Você não esqueça de contar que Dudu sempre subia nos degraus dos passeios para fazer declaração de amor para a gente, pois era a forma de ficar a nossa altura. Que a festa de vocês seja linda e como sempre estarei lá porque encontrar a turma do Carcará é glória!

Ludovico José Maso

Maso

Morando em Vitória (ES), Ludovico nasceu na zona rural do município de Itarana, situado na região Central Serrana do Espírito Santo, onde concluiu o ensino primário. Em 1959 ingressou na Escola Agrotécnica de Santa Teresa, atualmente IFES Campus Santa Teresa, onde cursou o ensino ginásial e médio, recebendo o diploma de Téc-

nico em Agricultura. Em 1966 ingressou na UREMG-UFV, onde concluiu o curso de Agronomia com diversificação em Fitotecnia Grandes Culturas.

Para se manter na universidade contou com ajuda financeira de professores da Escola Agrotécnica onde estudou e recursos do Fundo de Bolsas Rotativas da Universidade. Devi-



do a problemas familiares, não pode participar da formatura, colando grau posteriormente. Para ficar mais próximo da família, optou por trabalhar no Espírito Santo onde foi admitido, em 1970, na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo – Acares, órgão de Extensão Rural, atualmente Incaper.

Nessa instituição, foi lotado no município de Nova Venécia, situado no norte do estado do Espírito Santo, sendo inicialmente chefe dos escritórios local e regional. Fez parte de um grupo de técnicos que foi destacado para o norte do Espírito Santo para tentar reverter ou amenizar os efeitos negativos da erradicação da lavoura cafeeira. A erradicação dos cafezais na década de 1960 impactou negativamente na região norte do Espírito Santo, liberando grande contingente de famílias para outras regiões e deixando, de imediato, poucas opções

para quem ficou.

Com cenário desvantajoso para sua área de formação acadêmica, optou por uma atuação mais acentuada na área de cooperativismo. No município, havia a Cooperativa Agropecuária do Norte do Espírito Santo (Coopnorte), que atuava na área de laticínios. Na época, a cooperativa elaborou um projeto de expansão, necessitando de ampliação do quadro de associados. Nas reuniões com os produtores rurais, fazia debates com pecuaristas sobre cooperativismo e como era possível comercializar o leite, que era subaproveitado nas fazendas, e obter renda. Com a implantação do projeto, a recepção de leite na cooperativa aumentou 30 vezes em cinco anos. A cooperativa existe até hoje.

Enquanto na maioria dos municípios predominava a expansão da bovinocultura, a prefeitura do município vizinho, São Gabriel da Palha, iniciava, com recursos próprios, o incentivo ao cultivo do café conilon, mesmo contrariando a área técnica do IBC. A extensão rural, inicialmente impedida de atuar na cafeicultura, teve, a partir desta data, condições de alocar técnicos para dar suporte tecnológico à atividade. Foi o último ano em que Ludovico atuou na região, uma vez que foi selecionado pela empresa para fazer o curso de mestrado em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa – UFV.

Concluiu o mestrado com elaboração de tese sobre a agricultura familiar na Zona da Mata de Minas Gerais como parte do Programa de Desenvolvimento Rural Integrado da Zona

da Mata de Minas Gerais (Prodemata). Sua graduação foi no segundo semestre de 1978, sendo imediatamente designado para a área de estudos e planejamento da Acares, com atuação no Escritório Central, em Vitória, e ali ficou até 1987, quando foi colocado à disposição da Secretaria de Estado da Agricultura.

Ainda na Acares, publicou trabalho sobre a identificação do sistema de produção dos agricultores familiares capixabas. Com a transformação da instituição em Emater-ES, foi gerente de planejamento, quando elaborou o projeto de informatização da empresa, incluindo a compra do primeiro computador e treinamento de programadores.

A partir de meados de 1987 transferiu-se para a Secretaria de Estado de Agricultura, onde trabalhou até 2016. Lá, atuou inicialmente com a equipe de formulação e implementação de políticas agrícolas e foi membro da equipe que implantou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) no estado do Espírito Santo.

Paralelamente, foi designado chefe do Serviço de Informação e Análise de Dados, em que pôde constatar a grande deficiência de informações consistentes sobre o agronegócio capixaba, além da falta de informatização e conexão à rede de internet. Para solução destes problemas, a Secretaria elaborou um Plano Estratégico de Informatização do Sistema Público Agrícola. Sua atuação foi na realização do diagnóstico do parque de hardware/software e do nível de conhecimento

dos funcionários na área de informática. Posteriormente, foi coordenador de treinamento de informática básica para a maioria dos funcionários do Sistema Público Agrícola. Antes disso, já havia conseguido conectar a Secretaria de Estado da Agricultura à Rede Mundial de Internet.

Na função de gerente da área de Estatísticas e Análise de Dados do Agronegócio, criou um banco de dados com informações que subsidiaram a elaboração dos planos estratégicos do Sistema Público Agrícola – Pedegs. Foi coautor no estudo sobre parceria agrícola no Espírito Santo e no capítulo Importância Econômica e Social do Café Conilon, do livro *Conilon*, 2ª edição. Participou, também como coautor, em vários trabalhos na área de estatísticas agropecuárias, em parceria com Inca-per, finalizando sua atuação no trabalho sobre perdas na agricultura capixaba por ocasião da seca que atingiu o estado nos anos de 2015 e 2016.

Em 1974 se casou com Vanilze Pezente Maso, com a qual tem um filho, Guilherme Pezente Maso, formado em Engenharia Elétrica, nascido em Viçosa (MG), que trabalha em uma empresa siderúrgica no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. É casado com Tarcísia Zavarizzi Minet Maso, formada em jornalismo, e tem um filho, Lucca Minet Maso.

Tem ainda uma filha, Debora Pezente Maso, nascida em Vitória, formada em Publicidade e Propaganda, que trabalha no Departamento de Trânsito do Espírito Santo. É casada com Leandro Maia Tovar, formado em Ciência da Computação, e não tem filhos.

Luiz Augusto de Lima Freitas

Gugu

Telefone: ((61) 3297 6889 ou (27) 99982 7986

E-mail: iracemapaula.anater@gmail.com



Luiz Augusto de Lima Freitas, apelido Gugu, formado em Agronomia, com diversificação em Zootecnia em 15 de dezembro de 1969. Nascido em Mimoso do Sul (ES), em 12 de abril de 1946. Atualmente residente em Brasília (DF), no endereço: QI 31, lotes 2/4, bloco 03, apartamento 407, Condomínio Jardins Life Residence, Guará II, Brasília - DF. CEP: 71.065-310.

No primeiro casamento tive 2 filhos, Luiz Ferreira de Lima Freitas Neto e Nathália Simões de Lima Freitas. Casado com Iracema de Paula de Lima Freitas, acolhi 2 enteados, Pedro e Mariana, de forma que hoje nossa família tem 4 filhos. Não posso deixar de

citar meus netos: Clara, com 13 anos, Isabela, com 6 anos e Luiz Augusto de Lima Freitas Neto com 4 anos.

Prestei vestibular na saudosa UREMG, em janeiro 1966, concluindo o curso em dezembro de 1969. Após a formatura, ainda no mês de dezembro, fiz o concurso da Acares, antecessora do atual Incaper-ES. Na carreira profissional, ocupei todos os cargos na hierarquia técnica, chegando a diretor-presidente da Emater-ES na década de 1980.

Em 1975, fui selecionado pela Emater-ES para fazer mestrado na UFV, voltando, assim, aos bancos da minha querida universidade em 1976. Con-

cluí o mestrado em julho de 1978, realizando um estudo sobre o desfrute do rebanho bovino de corte do norte do estado do Espírito Santo. Ao retornar às minhas atividades profissionais, fui nomeado para a Coordenadoria Estadual de Pecuária da Emater-ES, permanecendo nesse cargo por vários anos. Em 1999, fui convocado pela Secretaria de Estado da Agricultura do Espírito Santo para assumir a Secretaria Executiva Estadual do Programa Nacional da Agricultura Familiar (Pronaf), permanecendo neste cargo até 2007, quando mudei meu domicílio para o município de Marechal Floriano (ES). Na ocasião assumi um cargo técnico no Instituto de Defesa Agroflorestal do estado.

Paralelamente, em parceria com a Iracema, criamos uma ONG para trabalhar com projetos voltados para organização social rural, assistência técnica e extensão rural, em especial na agricultura familiar. Nesta ONG, cujo nome era Instituto Raízes da Terra, trabalhamos durante o período de 2007 a 2013. A experiência foi muito dolorosa, mas, por outro lado, muito proveitosa, pois pudemos comprovar como é difícil trabalhar honestamente quando precisamos de apoio

financeiro do poder público.

É oportuno lembrar que no período de 2013 a 2016, Iracema minha esposa, foi nomeada para a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Marechal Floriano, após uma acirrada campanha eleitoral na qual fomos vitoriosos com a proposta de criar, ampliar e implementar políticas públicas voltadas para as camadas mais carentes da sociedade municipal. Devido às dificuldades que encontramos no município, fui nomeado funcionário voluntário da prefeitura municipal, o que causou um grande espanto na sociedade local por ter sido um caso inédito ocorrido, desde a criação do município, em 31 de outubro de 1991. Marechal Floriano é também chamada “Cidade das Orquídeas”, devido ao grande número de espécies de orquídeas originárias da Mata Atlântica do ES.

Em janeiro de 2017, transferei minha residência para Brasília, devido à Iracema ter vindo trabalhar na Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (Anater). Como um bom aposentado, não deixo de dar sugestões e participar de algumas atividades com ela na área de extensão rural e agricultura familiar.

Marcelo Franco

Marcelo

Telefone: (31) 99615 1145 | E-mail: marcelo.franco84@gmail.com

Passados 50 anos, muitas coisas vêm à mente, retratar experiências vivenciadas é fácil, porque os fatos se foram, mas as recordações ficaram.

De início, me pergunto, por que razão fui parar em Viçosa? Para falar a verdade, até fazer o vestibular, nem sabia que havia Escolas de Agronomia em



MG. Fiz a opção por estudar Agronomia, influenciado pela Estação Experimental de Vinicultura localizada em Caldas, ao lado do ginásio onde estudei, administrada por um engenheiro agrônomo amigo de meu avô paterno.

De início, pensei em fazer o curso técnico em Pinhal/SP, mas não deu certo. Tentei vestibular na Escola Nacional de Agronomia/RJ (ENA), mas o destino interferiu, acabei passando no vestibular itinerante da UFV, realizado em Pouso Alegre. Assim, fui parar na terrinha, quase voltei, tamanha as dificuldades de adaptação.

Formado, pensei, vou trabalhar em São Paulo, como a maioria dos conterrâneos faziam, tentei na Ultrafértil e na Coopersucar. Fui chamado para a Ultrafértil, mas já estava na Emater. Outras oportunidades vieram, Plantar, Agroceres e Brasília, mas nada, fiquei em BH.

Trabalhei na Emater e na Epamig exercendo funções técnicas e de direção. Fiz mestrado na UFV e especialização em Agronegócio na UNA/BH e atuei nas Secretarias de Planejamento e Coordenação

Geral e na de Ciência e Tecnologia, em funções de assessoramento e de coordenação de programas e projetos.

Na Secretaria de Transportes e Obras Públicas, exerci o cargo de chefe de gabinete e na Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o de secretário adjunto de estado.

Casei-me com Andirana Veiga, formada em Engenharia Agrônoma, medalha de ouro de sua turma, pela Ufla, acompanhada de dois enteados Rodrigo Veiga (falecido) e Fernanda Veiga. Desta relação tivemos um filho, Marcelo Veiga Franco, todos formados em Direito.

Hoje, Fernanda e Marcelo casaram e somam netos, dois de Fernanda e Valter Costa e um de Marcelo com Bruna Rezende. São eles Luísa, Bernardo e Leonardo. Explorei atividade agrícola, parceria familiar, em pequena escala com café, gado de leite, feijão e milho. Hoje, toco sítio, como treinamento para curtir futura aposentadoria.

Fatos gratificantes: almoçar na casa de hospedes da UFV; visitar a Universidade de Purdue, nos EUA; re-

ceber título de cidadão honorário de Sete Lagoas e medalhas de homenagem dos batateiros de minha terra e de melhor aluno no curso de especialização feito na UNA/BH.

Por fim, a serviço e a lazer, andei por cidades mineiras, brasileiras e

de outros países: Portugal, Espanha, Itália, França, Inglaterra, Alemanha, Áustria, República Tcheca, Hungria, Polônia, Paraguai, Argentina, Chile, Uruguai e dos EUA (Nova York, Washington, Filadélfia, Kansas City, Madison, Chicago e Indiana).

Maria Angélica Paiva dos Santos - Catita

Telefone: (66) 98135-7750 | E-mail: angelicaspinelli@gmail.com

Sou Catita, apelido recebido quando caloura, na UREMG, que me acompanhou por quase 10 anos. No início, havia um certo constrangimento das pessoas me chamarem por Catita, pois este era o nome dado a filhotes de ratos em Pernambuco. Com o tempo esta associação se desfazia! Ao sair do Recife, me tornei Maria Angélica dos Santos Spinelli. Nasci no Rio de Janeiro em 1946, quando meu pai, José Paim dos Santos, médico, cursava sua pós-graduação em Saúde Pública na Fiocruz. Minha mãe, Edith Paiva dos Santos, foi laboratorista. Sou a primeira filha, seguida de três irmãs. Embora nascida no Rio de Janeiro, fui carioca, capixaba, mineira, pernambucana e agora cuiabana “de pé rachado e pau rodado”, como se diz por aqui!

Iniciei meus estudos primários em uma escola pública em Passo Fundo (RS), vindo a concluí-los em Vitória (ES), cursando ali ginásio e colegial em instituições católicas. Em seguida, prestei o vestibular em Viçosa (1966), para o curso de Ciências Doméstica, na Universidade Rural de Minas

Gerais. A experiência em Viçosa foi fundamental: faculdade, convivência, amizades, reflexões sobre o viver, gerenciar a própria vida! Foi essencial na minha formação profissional e pessoal, fui descobrindo o mundo, para além do olhar da minha classe social e as diferentes condições de vida em nosso país! Ainda quando estudante de Ciências Doméstica, fui estagiária na Acar Pernambuco. Ao me formar, busquei trabalho naquela Instituição e qual não foi a surpresa, não poder ser contratada porque, à época, a Instituição não contratava mulheres casadas.

Casei-me, logo após a nossa colação de grau, em fevereiro de 1970. Fui morar em Olinda (PE). Trabalhei então na Operação Esperança, com Dom Helder Câmara e sua equipe. Novas questões se colocavam, requerendo estudos para compreender as causas e as consequências desta sociedade tão fragmentada! Acompanhava o trabalho social no Alto do Mandu. Mais tarde, vim a integrar outra equipe, atuando nos alagados, bairro do Coque, região central de Recife, uma região

totalmente abandonada pelo poder público. Uma organização não governamental, “Frères des Hommes”, mantinha ali cinco escolas primárias, um posto médico e cursos de formação profissional. Integrei a equipe, respondendo pela refeição dos alunos nas escolas e acompanhando o trabalho social realizado pela equipe.

Mais uma vez, a convivência com os moradores, as reflexões com a equipe e o trabalho em si, eram lições de vida! Naquele momento, novas mudanças aconteceram. Já cursava a faculdade de Nutrição quando nasceram meus filhos, Marcelo e Mônica, que muitas alegrias e satisfações trouxeram e trazem para a minha vida até hoje! Depois... a separação! Iniciei o curso de mestrado em Nutrição e Saúde Pública.

Quando recebi a bolsa de estudo, achei que poderia sobreviver com o benefício e realizar o trabalho social como voluntária. Me demiti da Organização Frères des Hommes. Qual não foi minha surpresa ao concluir as disciplinas. Minha bolsa fora repassada para um estudante iniciante! Nova questão se colocava: como sobreviver? Difícil ser contratada na empresa privada com duas crianças pequenas! Então digo, a sorte bateu, literalmente, à minha porta: a Universidade Federal de Mato Grosso estava implementando o curso de graduação em Nutrição e precisando de nutricionista para ministrar disciplinas da área de Nutrição e Saúde Pública. 15 dias depois eu chegava à UFMT para integrar a equipe de professores do novo curso.

Na UFMT, um novo aprendizado: o ensino, a pesquisa e a extensão!

Integrei a equipe da Nutrição e Saúde Pública! O cotidiano com o aluno revelou-se uma relação de trocas permanentes! Ao realizarmos os primeiros estudos sobre condições nutricionais em bairros periféricos, aprofundávamos sobre as questões sociais da nossa sociedade. A vida reiniciando, novos aprendizados, do ponto de vista do afeto, os filhos crescendo, novas amizades e a chegada da minha irmã Maria Lucia (Suca), para trabalhar em Cuiabá. A vida em movimento!

Na UFMT participei da criação do Núcleo de Desenvolvimento em Saúde (NDS), realizando os primeiros estudos sobre as condições de saúde e nutrição da população mato-grossense (região oeste do estado). Criava-se uma aproximação com a Secretaria de Estado da Saúde e Secretarias Municipais de Saúde, transformada em parcerias na devolução do conhecimento na forma de capacitações ou cursos de especialização para os profissionais atuantes nas redes de saúde. E assim desenvolvia-se forte compromisso da Universidade com as Secretarias de Saúde dos municípios e do estado de Mato Grosso no campo da capacitação/atualização de profissionais da rede pública. Experiências que mais tarde desdobraram-se na criação do Instituto de Saúde Coletiva e da pós-graduação nesta área.

Em 1999, conclui o doutorado em Saúde Coletiva, na Unicamp. Continuava, com colegas, com forte atuação nessas parcerias. Institucionalizava-se minha militância? Seriam experiências que me permitiam vivenciar a interação entre o saber/atuação

comprometida com as melhorias das condições de saúde da população? A relação com os alunos e com os trabalhadores da saúde foi sempre muito enriquecedora! Em 2013, criamos o curso de graduação em Saúde Coletiva. Então a aposentadoria! O trabalho sempre me deu régua e compasso à vida! Marcelo e Mônica hoje estão casados com Roberta e Ricardo. Tenho

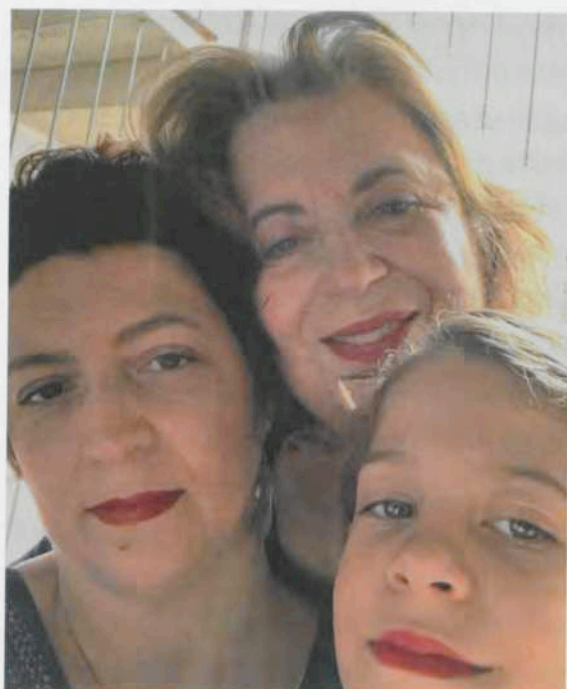
um neto, Petrus, e três netas: Marina, Lua e Flora. Tive um segundo casamento, daí dois filhos do coração, Oona e João, e duas netas, Clara e Helena. Antônio Carlos (companheiro) e Suca (irmã) faleceram em 2015! Os netos e os filhos nos garantem afeto, alegrias e o frescor nesta fase da vida! Mas reinventar a vida é preciso! Estou buscando...

Maria Lídia Gomide

Lídia

Telefone: (31) 99110-3055

Colocar no papel a trajetória da maior parte de minha vida, depois de 1969, é um momento de lembranças, reflexão e, por que não dizer, de pesar. Pesar por não ter tido mais contato com esse grupo de colegas, tão amigas, tão solidárias, as quais, caladinha, acompanho pelo celular. Mas, também, de relembrar vivências que enriqueceram minha caminhada. Do presente para o passado, vou eu. Tenho três netos, Irene, oito anos; Izabel, três anos, e Benjamim, um ano, que, como bem diz Rachel de Queiroz, “são amores novos, profundos e felizes que ocupam aquele vazio nostálgico, deixado pelos arroubos infantis”. Cândida, mãe de Irene, mora em Belo Horizonte; Amanda, mãe de Izabel e Benjamim, mora em Toronto, no Canadá. Depois que me aposentei, apesar de não ser boa em negócios, abri uma loja. Sempre tive muito interesse em plantas, principalmente em ervas medicinais, e achei que seria uma boa ideia. Essa loja, “Naturalmente”, é um pequeno empório, onde as ervas continuam



por minha teimosia, mas deixaram de ocupar um lugar de destaque. Gosto de estar lá, contatos interessantes, ponto de encontro de amigos. Energia positiva circulando. Em 1970, fui trabalhar no estado de São Paulo: Araras (Colégio Técnico); Avaré (Ginásio Industrial); Ribeirão Preto (Colégio Técnico). Os contatos nos colégios propiciaram meu ingresso como docente e coordenadora do então recém-inaugurado curso

de licenciatura em Educação para o Lar, na Faculdade de Educação de Ribeirão Preto. Com Júlio me casei e fui morar no Rio de Janeiro. Júlio foi fazer mestrado nos Estados Unidos, na Oregon State University, e com ele segui com nossa filha Cândida. Conseguindo uma bolsa daquela universidade, iniciei o mestrado na área de habitação, que foi interrompido quando Júlio terminou seu mestrado.

De volta, fomos enviados para Brasília, então já com duas filhas. Em Brasília, ingressei como docente do curso de Economia Doméstica em uma instituição privada: Upis. Voltei a Viçosa, onde, em 1982, fiz concurso para a área de Família e Desenvolvimento Humano. Área nova no curso de Economia Doméstica, com muito desafio a ser enfrentado. Trabalhei com Desenvolvimento Humano, mas foi na área de Família que mais me envolvi.

Fiz mestrado em Extensão Rural, tendo três orientadores, o que foi muito enriquecedor: um em Viçosa, uma no Rio de Janeiro e outra no Canadá. Época de muito estudo, viagens, seminários, con-

tatos valiosos. Em 1992, com uma bolsa da Universidade de Guelph, fui para o Canadá por dez meses. Em 1993, defendi minha tese: "Estrutura de Poder ao Longo do Ciclo de Vida das Famílias Rurais." Retornando às atividades acadêmicas, duas realizações me trouxeram grande satisfação. A primeira foi a montagem do espetáculo *Três Mulheres em Família*, retratando o ciclo de vida da família em poesia, usando textos de três mulheres: Adélia Prado, Cecília Meireles e Cora Coralina. Júlio estava comigo na montagem desse espetáculo, cuja estreia contou com a presença de Adélia Prado. Já a segunda foi uma exposição com fotos, textos e depoimentos, retratando a marcante presença das mulheres nas famílias de Viçosa.

Aposentei-me em 1996, mas continuei lecionando como voluntária na pós-graduação do departamento de Economia Doméstica. Depois de dois anos, tive que me afastar; a UFV não podia criar vínculo empregatício com professores aposentados. A aposentadoria me proporcionou tempo para ler, um dos meus maiores prazeres.

Marinet Merçon Net

Telefone: (27) 99884 3434 | E-mail: mmercon@gmail.com

Natural de Muniz Freire, no Espírito Santo, nasci em 19/11/1943. Assim que saí da Universidade de Viçosa, atuei como economista doméstica, em Alegre (ES), na Acares, em Extensão Rural, área na qual trabalhei por alguns anos. Tempos depois, fui transferida para Venda Nova do Imi-

grante (ES), onde fiquei por oito anos, exercendo a mesma função. Quando deixei a Extensão Rural, fui contratada pelo Sesi, instituição na qual permaneci por cinco anos.

Após ser aprovada em um concurso público, fui contratada pelo Incaper e passei a trabalhar na cidade de Gua-



çuí (ES), na região do Caparaó, onde permaneci durante alguns anos, sendo transferida para Guarapari, onde fixei

residência. Em paralelo, fiz um curso de Fitoterapia e comecei a atuar junto à Pastoral da Saúde. Tempos depois, abri uma empresa de revenda de colchões magnetizados, que está ativa até hoje. Depois de vinte anos ausente em Venda Nova do Imigrante, fui honrosamente contemplada com título de cidadã vendanovense pelos serviços prestados à comunidade como economista doméstica.

Gosto muito de viajar, organizar os encontros da família e de tomar uma boa cervejinha com os amigos. E, com certeza, “Combati o bom combate, terminei a carreira, e preservei a fé”, II Timóteo 4.7-8

Mário D’Amato Martins Costa - D’Amato

Telefone: (21) 98620 1817 | E-mail: mariodamcosta@uol.com.br



Mário D’Amato Martins Costa, nascido em 27 de maio de 1946, no município de Barra do Piraí, Rio de Janeiro, cursou a Faculdade de Engenharia Florestal na Faculdade Federal de Viçosa, Minas Gerais. Casou-se com Marilene, que cursava a Escola Superior de Ciências Domésticas (pica-couve), em 17 de fevereiro de 1968, no Rio do Janeiro, e tiveram sete filhos e até agora têm 8 netos, a mais nova com 4 meses.

Em 1970 entrou no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) no Rio de Janeiro, sendo nomeado em 1977 para diretor do Parque Nacional Serra dos Órgãos em Teresópolis, Rio de Janeiro, permanecendo na função até 1991. Especiali-

zou-se em Consultoria Ambiental pela Universidade Federal Fluminense. Aposentou-se no serviço público em 1996. Trabalhou na iniciativa privada

de 1996 a 2008 na Empresa Verde Gel Consultoria Ambiental e Limitada. Reside com sua esposa em Teresópolis, cidade serrana do Rio de Janeiro.

Marlôve Santos Quadros

Lôve

Telefone: (73) 99983 6142 | E-mail: loveqs13@gmail.com



Eu, Marlôve Quadros Santos, careceana de coração, filha de Ady e Wilson, a Lôve primogênita de 5 filhos, como dizia papai, nasci em Vitória da Conquista, Bahia, cidade que fica a uma altitude de 923 m, hoje a 3ª do estado da Bahia e grande produtora de café. Quando fiz sete anos, fomos morar em Itabuna (BA), onde conclui meus estudos de 2º grau. Alimentei por longo tempo o desejo de fazer Arquitetura, porém os ventos me levaram até Viçosa, onde passei no vestibular para Ciências Domésticas, juntamente com Val, Berlina e Dalva. Eram as baianas chegando com seus sotaques e vocábulos exóticos e engraçados para os mineiros e capixa-

bas. Ô xente! Mas como fomos parar em Viçosa? O professor de Botânica Chotaro Shimoya, que estava a trabalho na Centro de Extensão e Pesquisa da Lavoura Cacaueira (Ceplac), foi ao colégio falar sobre a UREMGE e os cursos que ela oferecia: Agronomia, Florestas e Ciências Domésticas, cursos estes que tinham relação direta com a Ceplac, provável local de trabalho para todas nós. Na Ceplac, nas férias de 67/68, fiz estágio na área de Sociologia, visitando e entrevistando famílias da região cacaueira e coletando dados para uma pesquisa do eng. agrônomo Manoel Malheiros Tourinho, um dos autores do livro *Tributo à Antiga Ceplac* e diretor nacional da

Embrapa (1990-1993).

Casei-me com Heron Rezende Santos, engenheiro agrônomo diversificado em Zootecnia, carcareano, ex-Berimbau. Iniciamos nossa vida profissional em Itabuna (BA). Heron montou uma empresa de aluguel de máquinas agrícolas ao mesmo tempo em que administrou as fazendas de cacau da família. Em Ilhéus, foi proprietário, junto com seu pai, de uma concessionária de automóveis por 28 anos. A partir do ano 2000 se dedicou exclusivamente à agropecuária. “Ele não sabia que era impossível, foi lá e fez”, Jean Cocteau. Assim fui eu, recém-formada, quando assumi meu primeiro emprego: supervisora do Hospital Santa Maria Goretti, em Itabuna, onde apliquei todos os ensinamentos do meu curso de Ciências Domésticas. Fui responsável pela rouparia, farmácia, cozinha (preparo e cocção de alimentos), higiene do centro cirúrgico, apartamentos, enfermaria, berçário. Foi um trabalho extremamente gratificante. Também visitava os recém-nascidos e os doentes que, diariamente, me aguardavam para ouvir uma palavra de carinho, otimismo e fé na vida. São muitas lembranças que ficaram guardadas na memória. Este contato com os bebês e os doentes, e algumas vezes com a morte, me fortaleceu para receber nosso primeiro filho, que não conseguiu sobreviver. Nasceu com o seu coraçãozinho “do-dói”. Ficou conosco apenas 35 dias. Na época não havia os recursos dos dias atuais. Nesse momento começaram meus questionamentos sobre a vida e nossa missão aqui na Terra. Mas isso

é uma longa história...

Depois veio Helder, engenheiro agrônomo do “Trem de Doido” (1996), com graduação, mestrado e doutorado em Solos pela UFV e “sanduíche” pela Universidade da Flórida, USA. Casado com Angela Nacif, arquiteta nativa de Viçosa, nos deram dois lindos netos: Mateus e Felipe. André, administrador de empresas, formado na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), trabalha na Caixa Econômica Federal. Casado com Daniela S.R. Santos, fisioterapeuta, nos presentearam com nosso primeiro neto, o João Pedro. Aline veio logo depois. Médica Veterinária do “Antes março do que nunca” (2000), com graduação e mestrado na UFV e doutorado e pós-doc na Universidade da Flórida, Gainesville USA. Casada com Luciano Bonilla, também médico veterinário, mora nos Estados Unidos e trabalha com fertilização in vitro (FIV). Eles são pais do nosso quarto neto, Lucas, e em julho de 2019, chegou Daniel para nossa alegria.

Durante um tempo exerci apenas a profissão de mãe, a mais generosa e gratificante de todas as profissões, e durante este período estudei História da Arte. Fui convidada, então, para ensinar Artes Visuais e História da Arte nos Colégios Piedade e Vitória por 30 anos. “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais”, disse Rubem Alves. Também fui coordenadora e orientadora do curso Médio. Costumo

dizer que sala de aula é um lugar encantador onde conhecimento, criatividade e imaginação se misturam num cadinho onde acontece a alquimia: a transformação lenta e gradual do ser humano. Como afirmou Einstein: “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”. Em 2002–2003 fiz uma especialização em Arteterapia que me proporcionou trabalhar na Orientação Profissional. Participei de vários congressos de Educação e de Arteterapia e dois congressos de Medicina e Arte. A Arte Humaniza. Ela, a Arte, de vez em quando cura, algumas vezes alivia, mas sempre consola.

Na vida realizei um sonho: o desejo de colocar na tela o conteúdo da minha imaginação. Com tintas e pincéis alimento minha alma. Participei de várias exposições em Ilhéus e tenho meus quadros espalhados por “este

mundo de meu Deus”, como dizemos por aqui. Mário Cravo Jr, artista baiano afirmou que “Quando você faz algo que ama, você está contribuindo para o engrandecimento da alma humana.” Gosto muito de ler. A música clássica me acompanha desde pequena quando aprendi e conclui o curso de piano pela Escola de Música da Bahia e na UREMG tocava para o Coral da Universidade.

Que faço hoje? Estudo, pinto quadros e faço cerâmica. Alimento os pássaros que cantam e fazem seus ninhos nas árvores do quintal, rego as roseiras, faço caminhadas e exercícios, viajo, visito os netos e tenho como presente de Deus o mar da Bahia para alegrar meus dias e encantar os meus olhos, pois “Sem alegria, a vida humana nem sequer merece o nome de vida.” Erasmo de Rotterdam – do livro *Elogio da Loucura*.

Maurício Orivaldo da Silveira

Maurício Bambu

Telefone: (62) 99978 3925 | E-mail: mauricio@queirozsilveira.com.br



Nascido em Bambuí (MG), em 1945, sou formado em Agronomia, com diversificação em Zootecnia pela UFV. Em novembro de 1974, casei-me com Lizete Queiroz e tivemos três filhos, sendo dois meninos gêmeos e uma menina, que nos deram sete lindos netos, sendo cinco meninos e duas meninas. O mais novo nasceu em novembro de 2019.

Diretor de Esportes da Luve e membro da Comissão de Extensão do DAAB, como estudante universitário, dediquei muito do meu tempo à prática de esportes e ao lazer que as noitadas em Viçosa e a Universidade ofereciam, sobrando pouco tempo para os estudos. Na Olimpíada do estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, fui campeão mineiro em salto livre de altura, atingindo a marca de 1,85m pela Equipe de Atletismo de Lavras. Fui considerado o melhor atleta do ano nas Olimpíadas Internas da Universidade de Viçosa durante quatro anos, com destaque em futebol, salto em altura, distância, tríplice, corrida de 100m e polo aquático. Joguei futebol pelas equipes da UFV, Atlético Viçosense, Palmeirense de Ponte Nova, Associação Olímpica de Lavras e, antes, uma passagem rápida pela Associação Bambuiense de Futebol e Juvenil do América Mineiro.

Em 1970, iniciei na Acar Goiás como extensionista do escritório em Luziânia. Em 1973, abri e dirigi o escritório da Ruralplan em Brasília (DF). De 1974 a 1976, fui para Goiânia como superintendente do grupo Ruralplan/Etapa, atuando nos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, na cida-

de de Pirapora. De 1974 a 1998, fui sócio-diretor da Etapa Planejamentos Técnicos Ltda e da Plantel Agrimensura e Agronomia Ltda. Neste período, fui diretor da Associação dos Engenheiros Agrônomos de Goiás, conselheiro suplente do CREA-GO, diretor da Associação Brasileira das Empresas de Planejamento Agropecuário e da Associação Brasileira das Empresas de Topografia. Em 1999, iniciei, com meus três filhos, que são formados em Engenharia Civil, a Construtora Queiroz Silveira Ltda. Mais tarde, minha esposa, que é formada em Administração de Empresa e Design, também entrou para a empresa. Neste ano de 2019 completamos 20 anos de existência nas atividades da construção civil de edifícios residenciais, comerciais, hotelaria, construção e administração de shopping center, levantamentos topográficos planialtimétricos georreferenciados, engenharia de avaliações de imóveis rurais e urbanos e regularização fundiária de imóveis rurais e urbanos, sendo uma das maiores empresas do ramo na região Centro-Oeste do Brasil.

Os negócios da empresa são dirigidos pelos três filhos, que respondem pelas obras de construção civil e administração financeira, minha esposa, responsável pela administração e design das obras, e eu, responsável pelas atividades de topografia, avaliação e regularização de imóveis. Em 2019 fui homenageado pela Câmara de Vereadores de Goiânia e CREA-GO pelo destaque e serviços prestados ao estado de Goiás. Moramos em Goiânia.

Maurício Roberto Fernandes

Perereca

E-mail: mrfernandes8656@gmail.com

Ironicamente me diversifiquei em Zootecnia sem a mínima vocação para esta importante área das ciências agrárias. Meu primeiro trabalho como engenheiro agrônomo, naquela época havia muitas ofertas de emprego, foi no município de Campina Verde, no Triângulo Mineiro, com atividades profissionais totalmente diversas da especialidade (zootecnia) que adotei na Universidade. Dentre estas atividades, destacavam-se conservação dos solos, cultura do algodão e arroz. Fui, naquela época, o primeiro e único engenheiro agrônomo daquele município. Como passei aperto! Fato interessante ocorreu em meu primeiro compromisso social naquela cidade. Fui convidado para uma “galinhada”-prato típico da região. Desconhecendo esse prato regional, interpretei de outra forma e, para tanto, me preparei adequadamente. Nesta época estava com os níveis de testosterona em alta. Ainda naquela região, mais especificamente em Ituiutaba, coordenei a equipe pioneira na incorporação dos cerrados ao agronegócio com produções expressivas de grãos.

Este pioneirismo gerou o Programa para Desenvolvimento dos Cerrados, Polocentro. De Ituiutaba, fui para BH para implantação de Seguro Rural para atendimento, prioritariamente, ao agronegócio do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Sendo atualmente coordenador técnico estadual em Manejo Integrado de Bacias Hidrográficas.

Em 1976 fui contemplado com um curso de gestão de recursos naturais, em Israel, onde constatei que aqui no Brasil a violência era muito superior que naquele país, apesar de estar em permanente estado de guerra. Em 1986 participei de um curso de gestão de recursos hídricos na região da Gascogne – sul da França. Quando ainda estudante, Mamão (Wellington Abranches) e eu combinamos que quando fôssemos a Paris gritaríamos a todos os pulmões, sob o Arco do Triunfo, “oh lugar assombrado”. Esta cena assustou e colocou em prontidão o guarda do túmulo do soldado desconhecido. Atualmente sou um septuagenário ainda dedicado aos levantamentos integrados de solos, tendo publicado diversos artigos e livros pertinentes.

Morel Ferreira Filho

Morel

Telefone: (031) 99643 4210 | E-mail: morelferreirafilho@yahoo.com.br

Nasci em Santana do Jacaré (MG) e me formei em Engenharia Florestal

pela turma do Carcará, em 1969. Moro atualmente em Belo Horizonte e sou



casado com Maria Auxiliadora, com quem possui uma filha, Priscila, casada com José Pedro. Minha primeira experiência profissional foi no início do mês de janeiro de 1970, quando fui contratado pelo antigo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), com sede da Administração Central na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Na época, fui designado para compor o setor técnico, onde trabalhavam engenheiros florestais e agrônomos, na análise de projetos de reflorestamento com incentivos fiscais. Em agosto do mesmo ano, fui transferido para a Delegacia Estadual do IBDF, com sede na cidade de Belo Horizonte (MG). Nessa ocasião, fui o primeiro engenheiro florestal lotado no recém-criado setor de análise e vistoria no campo dos projetos de reflorestamento com incentivos fiscais e recursos próprios. Posteriormente, esse setor recebeu a denominação do Grupo de Análise, Controle e Avaliação de

Projetos (Gacap). Após algum tempo, a administração central do IBDF foi transferida do Rio de Janeiro (RJ) para Brasília (DF). Na década de 1980, o IBDF foi extinto. Em substituição, foi criado outro órgão, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

Inicialmente, como engenheiro florestal, técnico do Gacap, também fui indicado para o cargo de chefe substituto desse setor. Posteriormente, assumi o cargo de chefe do Gacap por 9 anos e 4 meses, no período de maio de 1981 a setembro de 1990. Na instituição atuei com análise e vistoria de projetos de reflorestamento incentivados e de reposição florestal obrigatória, vistoria prévia para reflorestamento, atendimento ao público empresarial e estudantil, conferência de documentações contidas em diferentes ofícios para posterior encaminhamento ao protocolo, resposta a consultas pertinentes a assuntos ligados ao reflorestamento, coordenação, orientação e distribuição dos trabalhos para a equipe, encaminhamento de projetos e planos de cortes ao delegado para aprovação, programação e contatos com as empresas para as viagens de vistorias prévias e dos projetos.

Cuidava ainda da assinatura como proponente nas concessões de diárias para os componentes da equipe, elaboração de pareceres em processos encaminhados ao Departamento de Reflorestamento em Brasília (DF), assinatura como responsável no carimbo batido nos laudos de vistoria dos projetos incentivados

para liberação ou não dos recursos financeiros, participação em reunião convocada na Delegacia Estadual, promoção de reunião com os componentes da equipe. Fui responsável pelo Fomento Florestal, viveiros de produção de mudas, principalmente de espécies nativas existentes em algumas cidades do interior de Minas Gerais; realização de vistorias nas áreas a serem ou não aprovadas como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), como membro do Núcleo das Unidades de Conservação (NUC), realização de vistorias solicitadas pelo Setor Jurídico, com posterior emissão de laudo técnico, nas áreas dos processos de auto de infração, com o intuito de auxiliar na deferência ou não das multas aplicadas pela Polícia Florestal do Meio Ambiente; presidente da Comissão de Bens Apreendidos, Doações e Desfazimento (CBADD).

Participei ainda de viagens de visitas técnicas relevantes, como em 1980, por uma semana, foi oferecido pela Companhia Agrícola Florestal Santa Bárbara (CAF), em Bom Despacho/MG, um curso de reciclagem para toda a equipe de engenheiros do Gacap. Ainda na década de 80, a Aracruz Florestal, em Aracruz (ES), ofereceu uma visita para apresentação da empresa. O IBDF/Ibama foi o meu primeiro e único emprego, no qual desenvolvi com muito empenho e dedicação as atividades do dia a dia como engenheiro florestal.

Com muita satisfação guardo na memória a lembrança dos colegas que comigo trabalharam e com quem tive uma convivência amigável por mais de três décadas. Alguns desses colegas se tornaram amigos com os quais ainda mantenho convívio. Assim, terminei minha carreira profissional com a aposentadoria em abril de 2012.

Mozart Benatti Pinochio

Telefone: (32) 98874 6566

Nasci em Visconde do Rio Branco em agosto de 1943 e sou o segundo de seis irmãos, e sempre fui uma criança saudável, e curiosidade, tive cólera, mas me salvei por extrema dedicação de meus pais, aos doze anos fui trabalhar no cinema (porteiro, bilheteiro, manutenção e muito mais), fui nos primeiros anos um mau aluno, até que fiquei com vergonha de ser o pior entre os piores e, daí para cá, sempre “fiz para despesa”.

Em 1964 fui para Belo Horizonte

onde terminei o científico no colégio Afonso Celso (PP) e fiz cursinho, vi os primeiros tempos da revolução de 1964, que no meu entendimento acabou com a bagunça que na época reinava no país, tentei vestibular de engenharia e levei tinta, e assim, no início de 1965, voltei para a terrinha e junto com o futuro calouro Pingo-Linha, vulgo José Carlos Ribeiro, passei o ano enterrado no livro e aprendi bastante química para o futuro pesadelo que



me esperava (PP= pagou passou).

Fiz cursinho em Viçosa e no início de 1966 para meu delírio passei no vestibular na UREMG, ocasião em que embrulhei e joguei no lixo de forma definitiva meu “complexo de inferioridade”, e me juntei a uma turma no mínimo surpreendente de pessoas inteligentes e amigas, tanto que jamais tive qualquer indisposição com nenhum dos colegas (em verdade, amigos), e sinceramente, foram anos inesquecíveis que mudaram totalmente os rumos da minha vida.

No curso como muitos, apenas dei uma “canelada” em química, e no resto “fiz para despesa” e daquilo que não gostava, eu penava para passar, no que gostava, passava com enorme facilidade (mesmo matérias difíceis para muitos). Morei no prédio velho e me lembro dos bons colegas de quarto, Wagner J.B. (chamado de Chaim, o motivo ele sabe) e o Cabriteiro (Luizito do Berimbau), Zambolim (Cavanhaque) e outros. Todos os dias tínhamos as pe-

ladas no campo onde hoje é o Centro de Vivência e banho gelado no retorno, uma cachacinha para enfrentar a boia da tarde e nos finais de semana ia para Rio Branco evitando concorrer e prejudicar os colegas, tomando o reduzido material feminino de Viçosa.

No final de 1969, quando os tempos do Carcará em Viçosa estavam acabando, resolvi fazer a pós-graduação e, no início de 1970, enfrentei este novo desafio com o pessoal da Zootecnia, e como sempre “fiz para despesa” junto com o Tangente e o Ivo (cê morre). Em julho de 1972 estava terminando minha tese quando o professor Maestri recebeu uma carta de um tal de Antônio Teixeira de Miranda Neto procurando um aluno com mestrado para trabalhar na Purina, fui lá e em Campinas descobri que a figura era o Pudim, casado com a nossa querida colega Diana. Conclusão, fui aceito e por lá fiquei por exatamente dez anos (nem mais nem menos um dia), mas descobri que eu não sabia

obedecer a hierarquia, e não trabalhava pelos interesses das pessoas, mas da empresa, e sempre fazia da forma que achava ser melhor e não do que mandavam, o que mesmo numa multinacional desagradava a muitos, em síntese, não aprendi a ser comandado.

Casei com a Maria das Graças em 1973, tenho três filhos (Mônica, Rômulo e Daniel) e no momento seis netos. Fui procurado em junho de 1982 pelo nosso professor o Roberto Butteri (na época na Agrocerec em Patos de Minas), para assumir o desafio de resolver os problemas nutricionais dos suínos recém-trazidos da Inglaterra da Pig Improvement Company (PIC), e lá fiquei por um ano como funcionário e mais três como assessor. Curiosidade, nunca me pagaram o que eu queria, e a maioria dos problemas dos animais foram resolvidos com ambiência, não com nutrição, assim caí fora, por sugestão do Edmundo (agrônomo de Ubá) e do folclórico Pai D'égua.

Montei em Monte Alto (São Paulo), em 1983, uma empresa de premix que chegou a ser a sexta maior do país, mas fechou as portas em 2005

depois de enorme agonia, e o motivo capital é que um sócio rico, tentando evitar a quebra da grande matriz, quebrou as seis empresas do grupo entre elas a Nutremix. Em 2003, antes do encerramento da agonia da Nutremix, eu e o Rômulo (zootecnista) montamos uma pequena empresa (Produ-mix) em Visconde do Rio Branco, e vamos tocando com algum sucesso, mas livre dos infelizes sócios que criaram os problemas, algum tempo depois o Daniel terminou o curso de Zootecnia que fazia em Viçosa e se juntou e, mais recentemente a Mônica, que tem pós-graduado na área, passou também a fazer parte do grupo. Moro onde meus avós maternos moraram, a rua José Saraiva, 449 - Bairro Colônia, CEP 36520, Visconde do Rio Branco, e não me juntei ao bando de vagabundos do Carcará pois ainda trabalho e faço ginástica, e para os incautos, ainda jogo bola sendo talvez um dos poucos remanescentes, e afirmo sempre, nunca fui bom de bola, mas por inquestionável teimosia, continuo tentando aprender e batendo recordes (de tempo).

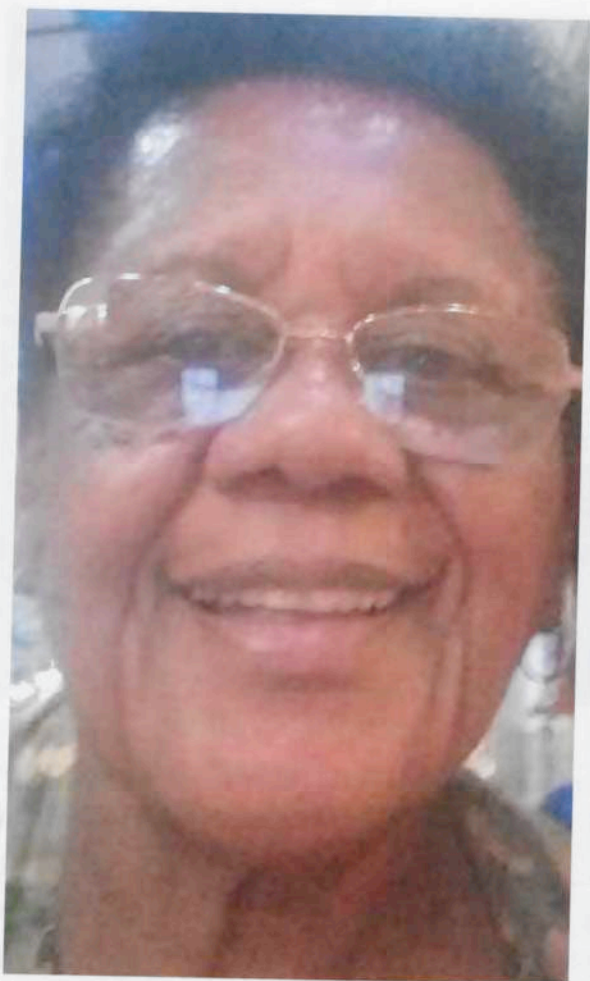
Neuza Maria da Silva

Neuza

Telefone: (031) 99643 1004 | E-mail: neuzamariad774@gmail.com

Iniciei minha vida profissional em janeiro de 1970, na antiga Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo (Acares), sendo então designada ao escritório local da cidade de Castelo e, poucos meses depois, ao de Cachoeiro do Itapemirim. Em maio de

1972 ingressei na rede de Ensino Técnico Agrícola do estado de São Paulo, onde fui professora do Curso Técnico de Economia Doméstica, tendo atuado nos colégios de Rio das Pedras, Santa Cruz do Rio Pardo e Presidente Prudente. Depois de três anos nesse



cargo, em 1975, prestei concurso para auxiliar de ensino do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa. Assim, a partir de

abril desse ano, fui professora na referida instituição. Minha área de atuação era Economia Familiar, com concentração em Educação do Consumidor, em que me especializei.

De 1978 a 1980 fiz treinamento de mestrado em Educação do Consumidor, na Universidade de Purdue-USA e, no período de 1990 a 1994, doutorado em Economia Familiar e do Consumidor na mesma instituição. Na função de professora universitária, atuei em diversas comissões departamentais da universidade, entre as quais merece destaque a de implantação do Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica na UFV – o que se concretizou em 1992. A partir de 1995 fiz parte do corpo docente do referido programa, no qual ministrei disciplinas e atuei como orientadora tanto de estudantes de mestrado quanto de doutorado, além de ter feito parte da coordenação dele. Finalmente, em julho de 2018, encerrei minha carreira profissional com a aposentadoria.

Oliveiro de Almeida Soares

Azeitona

Telefone: (31) 98385 7584

Engenheiro florestal, nasci em São Roque de Minas (MG) e moro hoje em Belo Horizonte. Casado com Marly Sant' Anna Soares, tivemos dois filhos, Marco Antônio e Marcelo, e quatro netas. No dia 1º de julho de 1970, fui contratado pela CBE Florestal Ltda., para executar um reflorestamento no município de Papagaios (MG), onde fiquei até 1972, quando

fui admitido pela Associação de Crédito e Assistência Rural (Acar), para exercer o cargo de extensionista florestal, onde permaneci até 7 de agosto de 1974, residindo na cidade de Ubá (MG).

Na sequência, fui admitido pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), hoje Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais

Renováveis (Ibama), onde exerci várias funções, como coordenação do Prevfogo, coordenação de fomento florestal/heveicultura e desenvolvimento das Florestas, representante do Ibama-MG na Comissão Municipal de Áreas Verdes (Comav), controle das áreas de preservação permanente e análise de EIA/RIMA e PRAD, representante do Ibama-MG na comissão executiva para prevenção e controle de incêndios florestais da Prefeitura de Belo Horizonte, dentre outras.

Atuei ainda com fiscalização de fontes poluidoras e controle ambiental; fiscalização da fauna e flora, e administração e manejo de parques nacionais e Apas. Ocupei também o cargo de diretor do Parque Nacional da Serra da Canastra, em São Roque de Minas, com DAI-3, no período de agosto de 1977 a outubro de 1981. Participei ainda do V Curso Regional sobre Gestão Ambiental, no período de 8 abril a 8 de maio de 1996 na UFMG.

Onildo Santiago

Onildo



Casado com Lenita Benacossa Santiago, é natural de Alfredo Chaves (ES) e nasceu em 25 de outubro de 1941. Em 1969 concluiu o curso de Engenharia Agrônômica/Zootecnia, pela Universidade Federal de Viçosa. Anos mais tarde, em 1977, especializou-se em Economia Rural/Economia de

Produção, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É formado também em Direito, pelo Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha, com pós-graduação em Processo Civil pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV), concluída em 1999.

Durante o período da faculdade,

participou do curso de Cooperativismo pela então UREMG. Na década de 1970 fez diversos cursos complementares, como Extensão Rural, na Acares; Pecuária de Corte, pela UFV; Estatística Geral/Economia, pelo Senai; Técnica de Pesquisa e Experimentação, pela Embrapa, dentre outros.

Ao longo de sua vida profissional, atuou na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo/Acares, de 1970 a 1972; Secretaria

de Agricultura do estado do Espírito Santo, através de concurso público, de 1972 a 2003, atuando em diversos órgãos e áreas como Emcapa; Escola Superior de Agronomia do estado do Espírito Santo (Esaes), como professor titular da cadeira de Fitopatologia Geral e Microbiologia Agrícola; Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do estado do Espírito Santo (IDAF/ES), onde se aposentou em 2003.

Oswaldo Henrique Paiva Ribeiro – Varginha

Telefone: (35) 98856 1407 | E-mail: ohpribeiro@hotmail.com



Natural de Varginha (MG), cidade onde vive até hoje e que lhe rendeu o apelido, formou-se em Agronomia pela turma do Carcará em 1969. Logo após a graduação, participou de diversos cursos, como Fruticultura, Olericultura, pré-serviço em Extensão Rural, Administração Rural, Aerofotogrametria,

Planejamento, Curso sobre Máquinas Agrícolas, dentre outros. cursou Administração na Faculdade de Ciências Econômicas de Franca e participou de cursos de cooperativismo agrícola, promovidos pelo IBC e Ocesp.

Em sua trajetória profissional, coleciona passagens pela Acar, onde

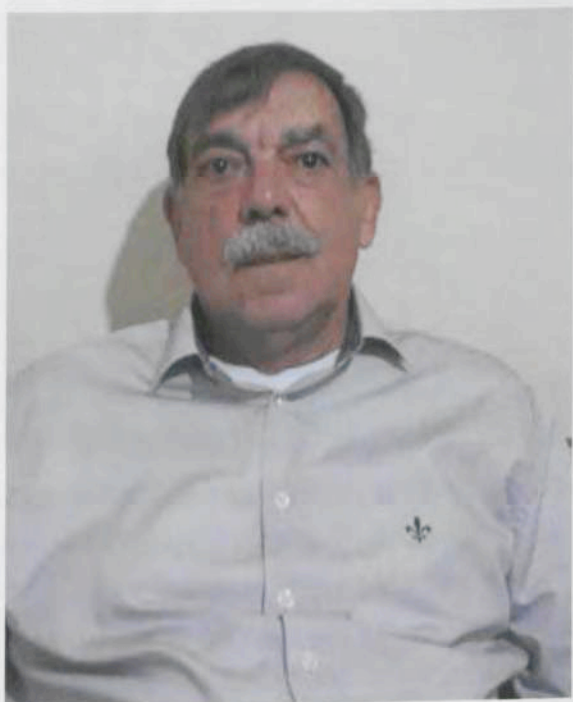
atuou como agrônomo, transferindo-se, em seguida, para a Cooperativa dos Cafeicultores de Patrocínio Paulista. Em 1975 entrou para o Instituto Brasileiro do Café (IBC/Gerca) onde ficou até 1998. Exerceu ainda o cargo de diretor da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Varginha, entre 1986 a 1991, onde foi presidente por duas ocasiões, entre 1992 e 2006 e de 2010 a 2015. Neste período ainda atuou como diretor do Conselho Nacional do Café, de 1995 a 1999. Atuou ainda como representante da região do sul de Minas no Programa Mineiro de Incentivo à Certificação de Origem do Café (Certicafé) e foi coordenador, pelo Conselho Nacional do Café, do Programa de Desenvolvimento Tecnológico da Cafeicultura do Sul de Minas (Bidex - Café CNPQ-CNC-Ufla),

instituição da qual também foi presidente entre 2001 a 2004. Na mesma época, foi representante da Produção de Café no Conselho Deliberativo de Política Cafeeira (CDPC). Atualmente é produtor rural em Varginha (MG).

Casado desde 1974 com Maria Inês de Siqueira Ribeiro, natural de Itanhandu (MG), tem quatro filhos: Christina de Siqueira Ribeiro Pinto, casada com José de Rezende Pinto Neto que têm duas filhas: Luiza Ribeiro Pinto e Carolina Ribeiro Pinto; Eduardo de Siqueira Ribeiro, casado com Virgínia Andrade Cavaleiro Ribeiro, que têm dois filhos: Anita Cavaleiro Ribeiro e Pedro Cavaleiro Ribeiro; Fernando de Siqueira Ribeiro e Lectícia de Siqueira Ribeiro Rios, casada com Francisco Flávio Afonso Rios, que têm duas filhas: Eduarda Ribeiro Rios e Isabela Ribeiro Rios.

Oswaldir Martins Obladi

Telefone: (32) 99940 4961 | E-mail: comprasmcoimbra@gmail.com



Após a colação de grau em 1969, seu primeiro emprego foi em junho de 1970, na Acar, hoje Emater, nas localidades de Cássia (MG), onde permaneceu até o ano de 1972, quando foi transferido, a seu pedido, para São João Nepomuceno, onde residiu até o final de 1973, desligando-se do emprego em fevereiro de 1974, para cursar pós-graduação na UFV.

Em setembro de 1975, passou a integrar o quadro de funcionários da Vera-gro e ficou lotado em Felixlândia (MG). Em 15 de dezembro de 1976, recebeu o título de M.S. em Fitotecnia pela UFV.

Em janeiro de 1977, desligou-se da empresa e atuou como autônomo até setembro de 1977, quando então, a partir de outubro, passou a integrar o quadro de funcionários da UFV, sendo lotado na Cepet, em Capinópolis (MG). Manteve-se na UFV até o ano de 1990, quando voltou ao serviço autônomo, onde permaneceu até se aposentar em 2007. Nesse intervalo como autônomo, foi prefeito da cidade de Coimbra (MG), por três mandatos. Em 17 de fevereiro de 1977, casou-se em Felixlândia (MG). Seu primeiro filho nasceu em maio de 1978 e escolheu

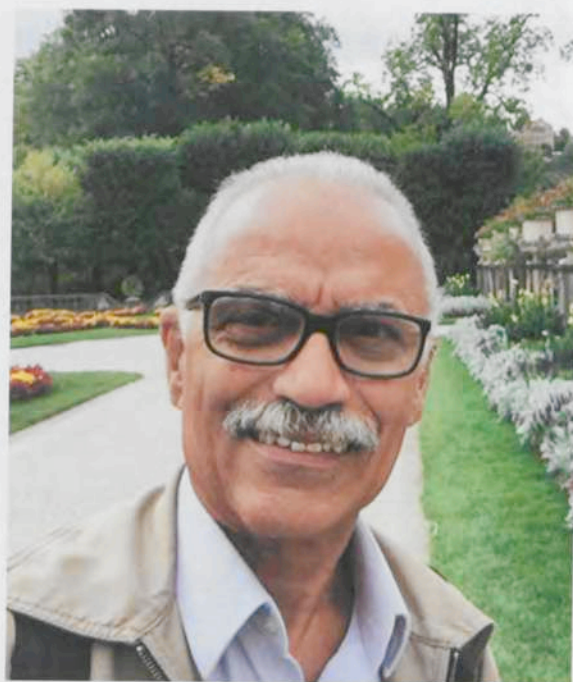
a profissão de médico veterinário. Em novembro de 1979, nasceu o segundo filho, que se formou em Agronomia. Em 1984 nasceu uma menina, que escolheu a profissão de nutricionista. Em 1986 nasceu o quarto filho, que optou por não fazer curso superior.

Atualmente reside em Coimbra (MG), onde curte a presença de três filhos, um neto e três netas. Neste intervalo, entre 1969 até hoje, muitas histórias aconteceram. São lembranças que ficarão eternamente na memória e que trouxeram aprendizado e experiências para toda a vida.

Paulo Cesar Fernandes Lima Paulinho

Telefone: (27) 99995 6035 | E-mail: pcflima@uol.com.br

Nasci em Castelo (ES), aos 4 de julho de 1946. Em Cachoeiro do Itapemirim fiz o curso fundamental e o ensino médio, ingressando na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais em 1966, atual Universidade Federal de Viçosa – UFV, onde cursei Engenharia Florestal. Em janeiro de 1970 iniciei minha vida profissional na Associação de Crédito e Assistência Rural do Espírito Santo – Acares, hoje Instituto de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), trabalhando nos escritórios municipais de Muniz Freire e Conceição da Barra e, posteriormente, no escritório central em Vitória. Como extensionista, fui agraciado, em junho de 1972, com o diploma de Honra ao Mérito pelo Ministério de Educação e Cultura, pelos trabalhos de divulgação



do Mobral no processo de erradicação do analfabetismo em Conceição da Barra. Nessa cidade, também colaborei como voluntário junto ao Grupo de Assistência e Melhoria de Autoajuda

(Gama), grupo de assistência sem fins lucrativos que atuava na área de educação e assistência familiar em comunidades de bairros carentes. Ainda na Acares, de 1972 a 1973, ocupei o cargo de secretário executivo do Centro de Treinamento de Líderes Rurais (Calir), em Viana (ES). Em março de 1973, na busca de atuar especificamente em uma atividade florestal, deixei a Acares, indo trabalhar com reflorestamento nos municípios de São Mateus e Linhares, norte do Espírito Santo, na Rio Doce Madeiras S.A, empresa posteriormente incorporada pela Florestas Rio Doce S.A. Além das atividades de planejamento e de técnico operacional, exerci o cargo de chefe de Pesquisa e Administração da reserva florestal de Linhares. Em 1975, especializei-me em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, para exercer essa atividade na empresa.

Em 1978, quando foi criado o Programa Nacional de Pesquisa Florestal (PNPF), na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), enviei currículo e fui selecionado. Tinha a intenção de trabalhar em Curitiba (PR), mas fui lotado no Centro de Pesquisa do Trópico Semiárido - CPATSA (Embrapa Semiárido), em Petrolina (PE). Com mais quatro engenheiros florestais recém-formados em Viçosa, formamos uma equipe forte que implantou o espírito florestal no centro. No princípio, muitos pensavam e diziam que engenheiro florestal era para atuar na Amazônia e não na Caatinga.

Nossa área de atuação era todo semiárido brasileiro. Dediquei-me à

silvicultura de plantas arbóreas resistentes à seca, desertificação e a ecologia de espécies de regiões áridas e semiáridas, em especial as do gênero *Prosopis* (algarobeiras). Dentre as atividades realizadas, fui coordenador de programas e projetos, participei em congressos nacionais e no exterior, fui consultor "ad hoc", assessor, participei de viagens de estudo no exterior, que resultaram em publicações de artigos em livros, revistas e periódicos nacionais e estrangeiros. Foi um tempo rico em experiências, tanto profissional quanto pessoal.

Dentre as experiências e fatos ocorridos, muito me marcou a viagem ao Peru para coleta de sementes de algarobeira, em 1984. Assim que cheguei a Ica, às 23 horas, procedente de Lima, logo ao sair da rodoviária e caminhar por uma rua mal iluminada, fui abordado por homens armados que saltaram de um carro ainda em movimento. Assustei-me. Eram policiais do exército numa blitz, na procura dos participantes de um atentado terrorista a um trem, causando mortes e feridos. Com uma arma apontada para meu peito tive que explicar o porquê de estar ali naquela hora e ter na mochila um facão, canivetes e uma tesoura de poda. Felizmente tive ajuda de um estudante de engenharia florestal que me acompanhava nos trabalhos de coleta. Fiquei tenso só de pensar que poderiam ter atirado antes de perguntar quem éramos, pois o país vinha sofrendo frequentes ações de guerrilhas naquela época. Após o incidente, entrei no primeiro hotel que apareceu. No outro dia, mesmo com

medo de ser confundido com terroristas, aluguei um carro e fui para o interior coletar o material desejado.

Uma outra situação, hilária, se passou em Mendoza - Argentina, quando, a convite de um pesquisador fui visitar um experimento em plena área desértica da região. Enquanto percorríamos o local analisando o comportamento das espécies, nosso motorista foi à cidade mais próxima, ficando de retornar em uma hora. Foram mais de oito horas de espera, entrando noite adentro até quase meia-noite, sem água, comida e enfrentando os insetos. Levei tudo na esportiva, mas o professor não sabia como se desculpar por aquela situação. O carro havia ficado atolado em um banco de areia. Além de vivenciar a beleza do semiárido brasileiro ao percorrer vários municípios do Nordeste, tive experiências incríveis em visitas de estudos ao semiárido do Chile, Peru e Argentina. Também participei de visitas e treinamentos em recuperação de áreas degradadas em Israel, Marrocos e Estados Unidos.

Quanto à desertificação, no período 1995 a 2006, participei, como coordenador para o Brasil, na "Rede de Cooperación Técnica em Zonas Áridas y Semiaridas" da Fao/PNUMA, e coordenador conselheiro institucional da Rede de Informação e Documentação em Desertificação (Redesert). Em 1996, no Chile, fui agraciado com o prêmio de "Mención Honrosa" no "Primer Concurso de Tecnologias para Combatir la Desertificación y Sequia", em âmbito de América Latina e Caribe, organizado pela Fao-Codef y Pnuma.

A Embrapa me proporcionou os

cursos de mestrado (1980-82) e o de doutorado (1991-94) na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, na área de recursos florestais. Além de pesquisador, tive participações em atividades sociais e culturais na empresa, sendo sócio fundador e diretor social da Associação dos Empregados do Semi-Árido (Aesa), entidade sem fins lucrativos com objetivo de intensificar o bem-estar dos empregados da Embrapa Semiárido por meio de atividades recreativas, desportivas, sociais e culturais.

No período de 1986 a 1989, exerci o cargo de vice-presidente da Associação Brasileira de Algaroba (ABA) e, de 1999 a 2001, exerci o cargo de chefe adjunto administrativo. Em julho de 2006, após 28 anos de Embrapa, 37 anos de INSS, solicitei aposentadoria, deixando Petrolina e retornando ao Espírito Santo. Ao voltar ao estado natal, fixei residência em Vila Velha, quase de frente para o mar. Entretanto, dois anos depois, afastado de todo tipo de trabalho, caminhei todas as manhãs pelo calçadão da Praia da Costa, onde resido, senti a necessidade de ter uma atividade e não ficar tão ocioso. Por coincidência, naquela época, a Prefeitura Municipal de Vitória lança edital de contratação de pessoal e, por concurso, ingressei na equipe da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semmam). Fiz novas amizades e nessa nova fase, dedico-me à arborização urbana, tendo participado na criação do Geo Arborização, sistema que permite análise e emissão de relatórios, mapas e índices da arborização do sistema viário

de Vitória. Lá se vão 10 anos nessa rotina, sendo que a próxima aposentadoria será quando completar 75 anos, e será compulsória.

Quanto à vida privada, em setembro de 1975, depois de dois anos de namoro e noivado, casei-me com a mineira lêda Machado. Nos conhecemos em Vitória quando trabalhávamos na Acares. Tivemos os filhos Fabíola, Brunela, Augusto César, Ludmila e André Luiz, sendo que, nenhum se dedicou à Engenharia Florestal, dedicando-se às áreas de Medicina (3), Odontologia (1) e Advocacia (1). Vamos ver se algum

neto se anima a cursar Engenharia Florestal. No momento são oito netos: Júlia, Valentina, Nuno, Bianca, João Vitor, Luma, Bento e Otto.

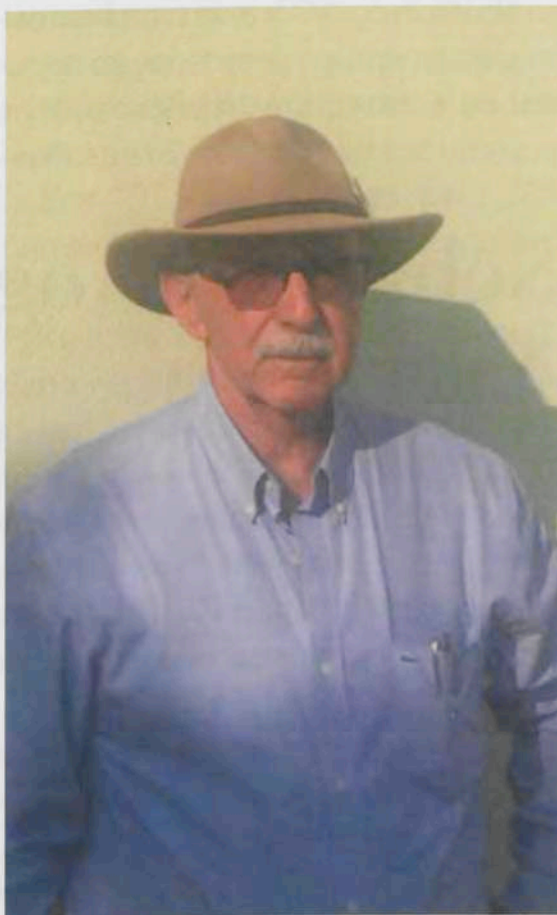
Nada tenho a me queixar dessa vida, só a agradecer a Deus. Tenho mania de escrever poesias, quando inspirado, e realizar viagens como hobby, tendo visitado mais de 45 países. Gosto de conhecer lugares e culturas, bem como receber amigos. Participei da maioria dos encontros dos ex-alunos da UFV em Viçosa. Quanto aos encontros específicos do Carcará, somente os realizados em Domingos Martins e Iripi no ES.

Rômulo Augusto Labbate Marques – Rômulo

Telefone: (38) 99985 0007 | E-mail: diretoria@propec.net

Natural da cidade de Sete Lagoas - MG, onde nasceu em 21/11/1947, reside em Montes Claros há 47 anos, tendo recebido o título de Cidadão Montesclarence. É o filho mais velho de Geraldo Teófilo Marques e Sonia Maria Labbate Marques, que educaram seus seis filhos, hoje todos formados, exercendo suas profissões e criando suas famílias. Formou-se em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa em 1969. Em 1970 começou a trabalhar em Capitão Enéas (MG), num programa de fomento à bovinocultura de corte regional, denominado Conselho Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (Condepe), executado pela Emater-MG. Em 1971, foi transferido para Montes Claros como coordenador regional do programa.

Em 24/2/1973, casou-se com Ma-



rilda Fernandes Rocha Marques, filha de Joaquim Fernandes Maia e Maria de Jesus Rocha. Marilda, companheira de todas as horas, soube criar nossos quatro filhos de maneira impecável, hoje todos formados e exercendo suas profissões com competência e honradez: Guilherme, engenheiro civil, com pós-doutorado em Gestão de Recursos Hídricos e professor do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Gustavo, engenheiro agrônomo, MBA, produtor rural, consultor e projetista da Propec; Mariana, engenheira, arquiteta em Montes Claros, com larga experiência em projetos e construções; e Sonia, juíza de Direito na comarca de Bocaiúva. Seus dois netos, Melissa, filha de Guilherme e Patrícia, e Bernardo, filho de Sonia e Samuel, são as duas pérolas de nossas vidas.

No início de 1973, teve uma proposta para assumir a coordenação regional da Emater, em Uberlândia, mas preferiu ficar no norte de Minas. Des-

ligou-se da Emater em 22/5/1973 e constituiu a Propec Ltda., empresa de projetos e consultoria agropecuária, hoje com 45 anos de existência, em pleno funcionamento e com importantes projetos no Brasil (mais de 4000 projetos) e no Exterior (Angola e Venezuela). Produtor rural, explora, juntamente com sua esposa, Marilda, as fazendas Buritis e Pai João, onde criam gado da raça Simental, gado de corte e, plantio de eucalipto para produção de energia e madeira.

Foi presidente da Sociedade Rural de Montes Claros, em 1993/94, ex-presidente e atual membro do Conselho Consultivo da Fundação de Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Inovação do Norte Minas (Fundetec), um dos fundadores do Sicoob, Cooperativa de Crédito de Livre Admissão do Norte de Minas (Credinor), ex-vice-presidente do seu Conselho de Administração e atual membro da Câmara Técnica Consultiva do Comitê da Bacia do Rio Verde Grande.

Sebastião Nogueira Junior Nogueirinha

Telefone: (11) 97232 2535 | E-mail: nogguy@gmail.com

Aos 18 anos, após ter concluído o curso científico na minha terra natal, Jacarezinho (PR), fui para Curitiba estudar Agronomia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Passados dois anos, estava pouco empolgado com o curso e recebi um desafio: o Isidro Zárate, gerente da unidade de Sementes Agroceres, em Jacarezinho, e que era casado com

a minha prima Cidinha, me perguntou se aceitaria ser transferido para Viçosa (MG) para estudar na então UREMG, onde ele havia se formado. Eu disse sim e eis que minha transferência para lá foi conseguida graças ao empenho do alto escalão da empresa, que teve sua origem em Viçosa.

A Agroceres foi fundada pelos pro-



fessores Antonio Secundino e Gladstone Drummond. Ao chegar à cidade, em companhia do Alberto Carvalheira Drummond, do Berimbau, fui bem acolhido por meus futuros colegas, sobretudo por jogar futebol, o que facilitou o entrosamento. Fui tricampeão dos Jogos Universitários pelo Carcará, jogando futebol de campo e futsal. Também joguei na seleção da universidade nessas duas modalidades. Passado o difícil pe-

ríodo de adaptação, logo entrei no ritmo do ensino vigente na Universidade e fui em frente. Fiz um ano a mais por conta da transferência e cursei mais matérias que os meus colegas.

No último ano (diversificação) pretendia fazer Tecnologia de Alimentos, mas devido ao pouco interesse de alunos à época, o curso não foi oferecido. Fui então para a Fitotecnia por que nas férias já fazia estágio com melhoramento de milho na Agrocerec – com o reconhecido geneticista Dr. Drummond – e esta era a área com a qual tinha mais familiaridade. Nada disso aconteceu, pois no começo do ano letivo eu assisti, pela manhã, aula de Fisiologia Vegetal e à tarde já fui para a Economia Rural.

Em julho de 1969, fiz estágio em São Paulo no Instituto de Economia Agrícola (IEA) e, em dezembro do mesmo ano, passei no concurso de admissão, tomando posse em março de 1970 no cargo de engenheiro agrônomo/economista rural. Antes, já tinha sido aprovado na Acar-MG, mas não assumi.

Em 1973 fui indicado pelo IEA para fazer o curso de mestrado em Porto Alegre no Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Defendi a tese em 1979. Acho que fiz a escolha certa, pois trabalhei 42 anos como pesquisador científico no Instituto de Economia Agrícola (IEA), onde tive meu trabalho reconhecido e fui muito feliz, inclusive casando com a Beth, também pesquisadora, formada em Agronomia na Esalq/USP com quem tive dois filhos, Érico e Ícaro, que trabalham com Gestão de Esportes. Até hoje travamos

uma “briga” crônica sobre qual é a melhor Faculdade de Engenharia Agrônômica do Brasil: ESA/UFV ou Esalq/USP. Além disso, torcemos

para times rivais – ela corintiana e eu palmeirense. Por isso nossa parceria deu certo, pois segundo diz a máxima, os contrários se atraem!

Sílvio José Martins Batista

Sílvio

Logo após a formatura, entrei para a Acar que, juntamente com a Bayer e o Conjunto Brasileiro de Empreendimentos, fez parte de toda a minha vida profissional. Em seguida, me casei com minha primeira mulher, numa cerimônia realizada em Belo Horizonte, com quem tive quatro filhos, Janaína, Luciano, Ana Rita e Ricardo. Janaína é dentista e mora em Porto Firme (MG), já Ana Rita é jornalista e mora em São Paulo (SP). Luciano e Ricardo já faleceram.

Quando trabalhava na Emater, em Rio Casca, passei em um concurso no I.B.C. em Londrina, no Paraná. Minha ex-mulher, que na época trabalhava na Minas Caixa, recusou-se a se mudar para o Sul, o que me impediu de assumir o posto. Anos depois, já residindo e trabalhando em Abre Campo, ela recebeu uma promoção para Belo Horizonte, mas eu não pude acompanhá-la, uma vez que minha presença era fundamental na empresa (trabalho no campo). Tempos mais tarde, após o seu falecimento, iniciei um relacionamento com minha atual esposa, Maria Aparecida Ferraz, com quem mantenho uma união estável. Não tivemos filhos, mas ajudo na educação de seu neto, Matheus, como se fosse meu.



Na época que atuava com Extensão Rural, vivenciei uma experiência que me fez ficar muito orgulhoso. Visitando uma fazenda, notei que as vacas e bezerros estavam com as narinas quentes e secas, além de muita diarreia. Na ocasião prescrevi dois medicamentos, Tribissen e Novalgina e os apliquei no rebanho. Em poucos dias eles estavam todos curados. Foi uma satisfação muito grande. Por fim, preciso falar do Carcará. Em todos esses anos, sempre me senti muito orgulhoso em pertencer a esta turma, pois adoro todos os meus pares. Se não

particpei da maioria das reuniões foi por motivos extremos, que às vezes foge ao nosso controle. Recentemente fui até Rosário de Limeira (MG), onde particpei de um encontro; quando soube que a cidade era próxima a Belizário, terra de um querido carceano, estiquei minha viagem até lá para encontrá-lo e conhecer os membros de sua família.

Atualmente, moro na Rua Gastão de Almeida, 158 casa – Bairro de Lourdes – Visconde de Rio Branco (MG), e dedico meu tempo a três pastorais católicas e a uma horta em meu quintal, que cuido com muito prazer. Aparecida e eu estaremos sempre de braços e corações abertos para acolher aqui todos os colegas do CARCARÁ.

Tsuyoshi Kuwajima

Chochô

Telefone: (11) 97337 1982 | E-mail: chochoufv1c@gmail.com



Nascido em Mogi das Cruzes (SP), logo após se formar em Agronomia, pela UFV, em 1969, ingressou no curso de Administração de Empresas pela Universidade Brás Cubas, em sua cidade natal, concluindo em 1973. Ao longo de sua trajetória profissional, coleciona passagens por diversas empresas e instituições,

desempenhando diferentes funções. Iniciou a carreira como engenheiro agrônomo responsável técnico do Departamento de Crédito Rural do Banco Bandeirantes, em São Paulo, onde ficou entre os anos de 1972 e 1975. Em seguida se transferiu para o Banco Econômico S/A, desempenhando a mesma função.

Tem passagens ainda pelo Banco Real e pela Conserta, em São Paulo, Setascil, Depana, Universidade Braz

Cubas e Agrosíntese, em Mogi das Cruzes. Desde 2014, atua na Trófico Ltda em Poá (SP).

Valdenice Moreira Simões

Val

Telefone: (27) 99980 2482 | E-mail: valsimo92@gmail.com



Sou Valdenice Simões de Lima Freitas, baiana, nascida em 30/12/1945. Divorciada, mãe de Luiz e Nathália e avó de Clara, Isabela e Luiz. Tive grandes experiências profissionais como economista doméstica: comecei na antiga Acares, sendo responsável pelo Programa Piloto da Juventude Rural em Nova Venécia (ES). Depois, trabalhei no Sesi-ES, Escola Monteiro Lobato e Escola Pica-Pau Amarelo como orientadora da merenda escolar.

Daí, parti para a iniciativa privada e fui proprietária de duas escolas de educação infantil: Uirandê e Upuerê,

nas quais era responsável pela elaboração dos cardápios, orientação das mães e treinamento dos professores quanto às necessidades nutricionais de crianças de 3 meses a 6 anos. Foi nessa função que me encontrei como profissional de Economia Doméstica, vivenciando o dia a dia daquelas instituições de ensino.

Fui presidente do Sindicato das Creches durante 8 anos, onde fiscalizava o funcionamento das creches ligadas ao sindicato, além de dar assistência a 18 creches do estado, sempre na elaboração de cardápios.

Durante um período fazia jantares e bolos confeitados para famílias que solicitavam o meu trabalho. Hoje, sou aposentada, diabética, tenho labirintite e faço hemodiálise três vezes por semana. Vivo intensamente cada minuto da minha vida, gosto muito de ler e viajar. Faço patchwork como hobby e como pequena fonte de renda para complementar a aposentadoria.

Viver intensamente é o meu lema, sou carcareana assumida e acredito que temos de viver as adversidades do nosso dia a dia, aproveitando cada nova experiência. Considero-me presença viva de Deus aqui na Terra. Não deixo a vida passar, vivo.

Vilson Cohen Persiano

Paçoca

Telefone: (27) 99980 2482 | E-mail: vilsoncohen@gmail.com



Engenheiro agrônomo, diversificado em Zootecnia, nasci em Montes Claros (MG) e moro hoje em Governador Valadares (MG), onde trabalho com produtos agropecuários. Do primeiro casamento, com Sandra, tive três filhas, Cintia, Michele e Simone, e sete netos, Júlia, Gabriela, Davi, Bruna, Isabela, Gabriel e Luíza. Do segundo casamento, com Ioni M. Campolina, que completou 25 anos em 2019, tivemos um filho, Isaac, e mais um neto, Gabriel. Os filhos, netos, nora e genros são as heranças que Deus nos deu, nossa alegria e principal realização. Dia 3 de fevereiro de 2019, fizemos um encontro de família em Belo Horizonte, nós e mais seis irmãos, para comemorarmos os 95 anos da nossa mãe, Jeanete, abençoados por Deus. Os convidados contaram ainda com a presença dos seis irmãos da mamãe,

graças a Deus todos vivos e saudáveis e seus descendentes, 15 netos e 19 bisnetos. Após a formatura em Viçosa (MG), cursei pós-graduação em Engenharia Econômica, pela Universidade Católica, em Belo Horizonte. Meu primeiro emprego foi no princípio de 1970, quando fui contratado pela Acar, hoje Emater, fazendo parte da primeira turma contratada para implantar o Programa Condepe, financiamento do Banco Interamericano do Desenvolvimento. Fazíamos planejamento integral para um período de 12 anos da atividade pecuária de corte das propriedades. Trabalhei um ano em Conselheiro Pena e mais um ano em Caratinga, implantando estes projetos.

Em 1972 fui contratado pela Ruralplan, com sede em Belo Horizonte, para fazer grandes projetos na área da Sudene. No ano seguinte, a empresa

fez um convênio com a Prefeitura de Contagem (MG), e assumi o departamento de produção rural e o horto florestal do IEF. No mesmo ano fui contratado pela Prefeitura de Belo Horizonte, acumulando os dois empregos como supervisor zootécnico do jardim zoológico, especialmente em nutrição animal, melhorando a reprodução e reduzindo a mortalidade dos animais selvagens, bem como produção de alimento para eles, e preparo de composto alimentar de todos animais. Quando mudou a gestão municipal, com Nilton Cardoso assumindo a Prefeitura de Contagem, fui contratado como chefe do Departamento dos Serviços Urbanos, com três setores: Parques e Jardins, Limpeza Urbana e Expansão da Eletrificação de Contagem. No Parques e Jardins, fizemos 30 praças, todas com projetos e execução meus. Uma de muito destaque é a construída no bairro Eldorado, com 4 lagos, fontes luminosas, montanhas, uma cachoeira de 10m que nasce de um monte, parque infantil e quadra poliesportiva. Urbanizamos a avenida João Cezar de Oliveira e várias partes da cidade.

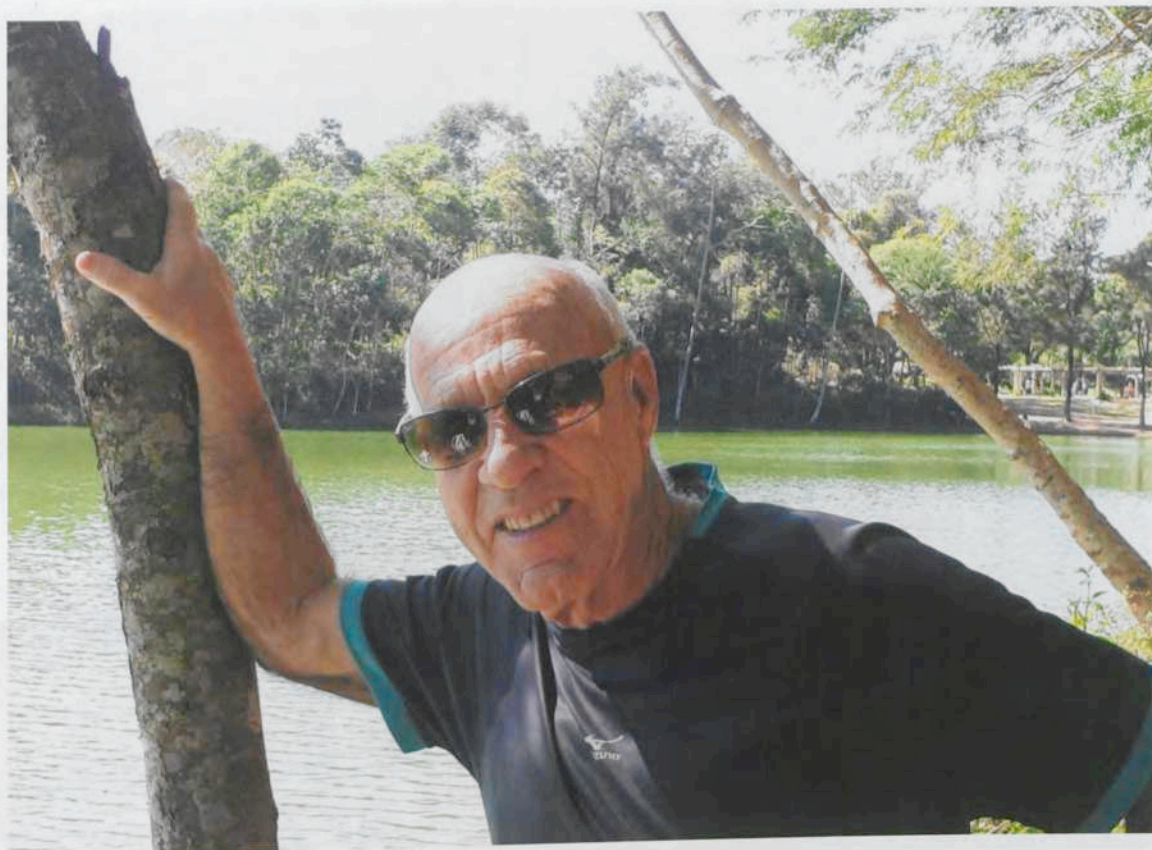
Na Limpeza Urbana, a coleta era feita erroneamente, em caminhões de carroceria e o lixo lançado em terrenos baldios, com uma multidão de catumes (catadores de lixo) sujeitos a zoonoses. Participei de seminários em São Paulo, Rio de Janeiro e em Brasília sobre coleta de resíduos sólidos e, instruído, fizemos uma modificação radical do serviço de coleta da cidade (resíduos residencial, industrial e hospitalar), com área fechada e cercada,

com portaria, proibindo entrada de catadores de lixo, com aterro sanitário feito por máquinas. Tiramos os caminhões de coleta de carroceria e introduzimos caminhões trituradores e compactadores. Fizemos campanhas de educação do público sobre limpeza urbana e colocamos equipes uniformizadas e treinadas para limpeza de ruas e manutenção das áreas verdes. Mudamos o aspecto da cidade, o que ajudou (da nossa parte) na reeleição do prefeito. Fui incumbido para mediar e oferecer à Secretaria da Agricultura de Minas, na gestão do então secretário, Alisson Paulinelli, uma área do município para a implantação do Ceasa de Minas Gerais, que se concretizou. Sete anos depois, saí da prefeitura para administrar a nossa firma, Tropicália Paisagismo, em Belo Horizonte. Fizemos muitas obras públicas, rodovias do estado, prédios e residências. Em viagens constantes, administrava as fazendas da família, em Governador Valadares e Galiléia. Criamos gado da raça Simental desde a década de 1970 e gado de corte até o dia de hoje.

Em 1991 fundamos a indústria de nutrição animal Marca AM. Com muito trabalho e dificuldades, chegamos a 28 anos de existência. Estamos implantando seis programas Alto Grão para corte e leite (exclusivo da Marca AM), que estão impactando especialmente a produção leiteira - com o aumento da produtividade de leite de 30 a 70% em poucos dias -, e fertilização de até 90% de vacas, em três meses de tratamento. Os programas estão sendo implementados de norte a sul do país, inclusive na Ilha de Marajó, com búfalas.

Wellington Abranches de Oliveira Barros - Mamão

Telefone: (31) 99795 6406 | E-mail: wabarros@oi.com.br



Nasci em Pedra do Anta (MG), no dia 18 de outubro de 1944, dia de São Lucas, padroeiro dos médicos. Minha mãe queria que eu me chamasse Lucas e que estudasse Medicina. O destino, entretanto, deu-me o nome de Wellington e eu me formei em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa, em 1969. O apelido de Mamão, batizado pelos veteranos na época do trote, foi herdado de meu irmão, Agripino, que também se formou em Agronomia na mesma universidade, em 1959.

Ao longo de 35 anos, a partir de 1970, quando comecei minha vida profissional, tive a satisfação de

desempenhar funções como técnico, assessor técnico, consultor, coordenador e dirigente em órgãos públicos estaduais e federais. Nos últimos 10 anos, trabalhei como assessor técnico no poder legislativo, aposentando-me em 2005 pela Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais.

Casei-me em 1970 e, 37 anos depois, fiquei viúvo. Sou pai de três filhos: Alexandre, biólogo, mestre em Botânica; Frederico, advogado, especialista em Direito do Trabalho, e Henrique, médico, professor e especialista em Medicina de Família. Tenho dois netos: Lucas e Victor.

Wilson Denículi

Taboa



O colega Taboa nasceu no dia 2 de fevereiro de 1944, em Barra do Uru-cum, um lugarejo pertencente à cidade de Galileia (MG), situada entre Tumiritinga e Barra do Cuieté, todas banhadas pelo rio Doce. O local era tão precário e de acesso tão difícil que os deslocamentos para outras comunidades aconteciam apenas a cavalo. Somente aos oito anos de idade, conheceu outro importante meio de transporte, uma bicicleta que por um milagre passou em frente à sua casa. Foi um grande acontecimento. Com nove anos de idade, mudou-se para Galileia e iniciou seus estudos no Grupo Escolar São Tomé.

Em seguida foi estudar em Pinheiral (RJ), por sete anos, onde completou os cursos de Mestria Agrícola e Técnico Agrícola. Tempos depois, dirigiu-se a Viçosa (MG), em 1966, onde prestou vestibular para o curso de Agronomia. Tinha certeza de que não seria aprovado, mas como estava desprovido de condições financeiras para retornar à sua casa, ficou em Viçosa, à espera do resultado dos exames. Para sua surpresa, foi aprovado na renomada UREMG (hoje UFV), por onde permaneceu por mais quatro anos até se formar.

A partir de 1970, iniciou suas atividades profissionais na cidade de Resplendor (MG), trabalhando na

Acar (hoje Emater) pelo período de cinco anos, onde se casou com uma linda jovem chamada Juçara, que lhe presenteou com três filhos maravilhosos, os quais lhe deram cinco belos netos, que hoje preenchem os espaços vazios deixados pelo tempo, dando mais sentido à vida do casal. Em seguida transferiu-se para a Ruralminas onde trabalhou por um período de um ano.

Em 1976, retornou a Viçosa como professor da UFV, tendo cursado mestrado em Engenharia Agrícola (UFV) e doutorado em Engenharia Civil (USP). Permaneceu na UFV lecionando e orientando estudantes de pós-graduação até a sua aposentadoria.

Continua residindo em Viçosa e ainda exerce uma importante atividade: levar seu neto Gabriel para jogar futebol na Escolinha do Cruzeiro.



Em Memória

Em outubro de 2019, data de conclusão dos trabalhos editoriais deste livro, a lista dos carcareanos falecidos, a quem prestamos nossa homenagem, era a seguinte:

Agostinho Martins Miranda (Boi)
Antônio Fukuyoshi Tisunoda (Kimono)
Arthur Magnago Neto (Cabelinho)
Atamar Chagas Fernandes de Souza (Juca Chaves)
Carlos Henrique da Silva Novita (Novita)
Carlos Roberto Pessoa Mendes (Nem)
Danilo Milanez (Mulheres)
Edésio Oliveira Figueiredo (Edésio)
Elpídio Trevisan (Nelore)
Florisdalva Varjão de Andrade (Dalvinha)
Genuíno Napoleão Magalhães (Gerico)
Gilberto A. de Laranjeira Moura (Gilberto Baiano)
Hélio Abdalla Brandão (Paquê)
Jônio de Oliveira (Hipâncio)
Jorge Franco Lopes (Jorge Dominique)
José Carlos Ribeiro (Pistolinha)
José Luiz Sasseron (Sasseron)
José Maria Martins Soares Filho (Gasparzinho)
José Tarcísio Lima Thiébaud (Thiébaud)
Juana Ninfa Mendoza Andrade (Juanita)
Laura Lúcia Braga (Lalu)
Lucas Elmo Pinheiro (Marreco)
Maria Elisa Lages (Elisa)
Mário Sobral de Abreu (Mário Sobral)
Peter John Martyn (Peter)
Vicente de Paula Pereira (Tamburete)
Yassuo Yamada (Yassuo)

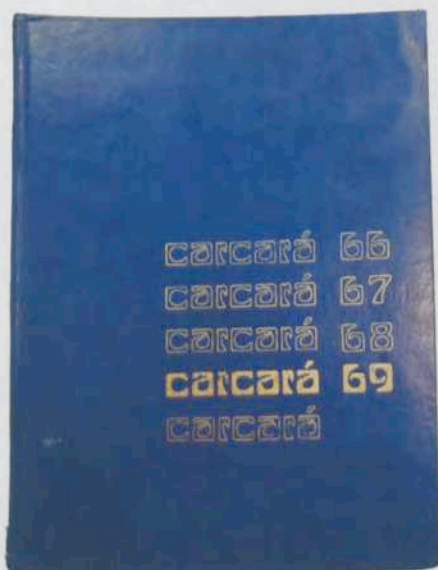
Amizade que merece registro

Não faltam livros, documentos e fotografias sobre a história da turma do Carcará. Em seu conjunto, todo esse material serve para manter viva a memória e para ampliar o significado de uma verdadeira camaradagem.

Após a formatura, em 1969, surgiu uma produção caprichada, o *Álbum Carcará 1969*. Um livro robusto, de 200 páginas. Contém muita informação e foi escrito em uma linguagem bem-humorada, amistosa, detalhista. Além disso, inclui centenas de fotos que registram o dia a dia da turma na faculdade e em momentos de descontração. Sem falar no exclusivo *Manual da Velhacaria*. É uma publicação inigualável, que permanece como pedra fundamental na história da turma.

Na celebração dos 10 anos de formatura, em 1979, realizada no campus de Viçosa, com um churrasco sob a sombra das árvores no Recanto das Cigarras, compareceram 81 carcareanos. O encontro rendeu mais um livrinho, praticamente um álbum de fotos daquele evento, que reflete a alegria que se pode notar no rosto das pessoas fotografadas.

E nesse ano de 2019, quando a turma completa 50 anos de formatura, surge mais um livro, escrito pelo carcareano Antônio Luiz de Lima, o Espeto. *Carcará, nas Asas da Saudade* traz um relato rico e emocionado dos quatro anos passados em Viçosa, as histórias da turma, a lembrança dos professores e o início de uma trajetória de trabalho e muito sucesso. A obra traz ainda o registro de todos os encontros da turma ao longo destes 50 anos.

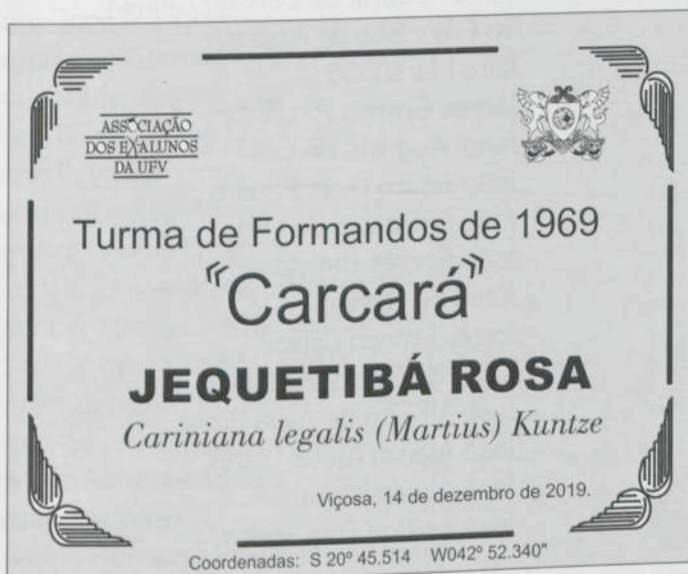




Árvore do Carcará

Desde a sua fundação, no final da década de 1920, a universidade de Viçosa tem uma tradição com todas as turmas que chegam ao final do curso: o plantio de uma árvore, que passa a ser a árvore daquela turma. Com o Carcará, isso não foi diferente. Quando os alunos se formaram, em 1969, foi plantada uma muda de mogno próxima à capela da instituição.

O mogno estava numa área de muito movimento e acabou morrendo. A própria área foi ocupada por um prédio das licenciaturas. Seguindo uma política da Associação dos Ex-alunos de Viçosa, foi adotada uma nova árvore, um jequitibá rosa com idade aproximada entre 25 e 30 anos, que está entre a Reta (av. P. H. Rolfs) e a lagoa das Quatro Pilastras, junto à imponente Sete Cascas da turma de 1933.



< Árvore do Carcará,

Jequetibá rosa, adotado pela turma, localizado entre a Reta e a Lagoa das Quatro Pilastras. A placa será afixada para identificar a árvore.

Todos os Carcareanos

Adelaide Cristina dos Santos
Adelso José Paulino
Afonso Peixoto Magalhães
Agostinho Martins da Cunha Miranda
Alcina Madalena de Almeida
Aloísio Antônio Ribeiro
Américo Giovani Agresta Malachias
Ana Maria Gama Chaves
Anna Mariani
Antônio Carlos de Magalhães Giovanini
Antonio Carlos Ribeiro
Antônio Carlos Tarré Carvalho de Oliveira
Antônio Carvalho Campos
Antonio Dércio Varoni
Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho
Antonio Fukuyoshi Tsunoda
Antonio Landulfo Pereira
Antonio Luis Alves de Oliveira
Antonio Luiz de Lima
Antonio Massao Hiramã
Antonio Paulo Pinto Cerqueira
Arcanjo Kenju Yamamoto
Armando Catolino Veloso Maia
Arthur Magnago Neto
Atamar Chagas Fernandes de Souza
Benedito Rocha Vital
Berlina Miguel de Souza
Bráulio Fernandes de Almeida
Cairo Koguishí
Carlos Antônio Landi Pereira
Carlos Henrique da Silva Novita
Carlos Murilo Fernandes da Silva
Carlos Roberto Pessoa Mendes
Carmen Lúcia Gonçalves
Cassandra Dias Castro
Célia Lúcia Fortes Ferreira
Célio Gomes Floriani
Celso Antônio Lopes de Paula
Celso Francisco Dias
Chateaubriand Lustosa Buteri
Christopher da Vies
Cláudio Lisboa Peres
Cléia Maria Fernandes
Concheta Almenara Scarton
Danilo Milanez
Darci Clementino Lopes
Dárcio Calais
Diana Maria Louzada Coelho
Edésio Oliveira Figueiredo
Edivaldo Alves Pereira
Eliete Mortmer
Elmina Tizuco Shimizu
Elpídio Trevisan
Everaldo Antônio Teixeira da Nóbrega
Fernando Cruz Neto
Fernando Antônio da Silva
Fernando Carvalho da Silva
Flávio Lisboa Peres
Florisdalva Varjão de Andrade
Francisco Faustino Dias
Francisco Leite de Oliveira Neto
Francisco Manoel Pires Barcellos
Genuíno Napoleão Magalhães
Geraldo Aparecido de Aquino Guedes
Geraldo Sebastião Vieira
Getúlio Akio Shinkawa
Gilberto Augusto de Laranjeira Moura
Gilson Fernando de Carvalho
Gilson Villaça Exel Pitta
Guilherme Dutra de Moraes Horta
Helena Maria Moreira
Helenira Fontenelle
Hélio Abdalla Brandão
Hélio Mollica
Hellmut Ruppín
Hermãdo Ferreira de Noronha
Heron Rezende Santos
Humberto Resende
Ilson João Mariano Silva
Itamar Cabral de Carvalho Júnior
Ivo Francisco de Andrade
Jairo Maranhão
James Gomes Pitt Simpson
Jandi Augusto de Lira
João Bosco Diniz Pereira
João Eustáquio de Lima
João Soares Batista
Jônio de Oliveira
Jorge Franco Lopes
Jorge da Costa Vicente
José Alberto de Ávila Pires
José Aloísio Alves Tôrres
José Aloísio Lima
José Anilton Dias Vieira

José Arnaldo Cardoso Penna
José Carlos Campelo de Castro
José Carlos Ribeiro
José Corrêa Antunes
José da Cruz Machado
José da Silva Araújo Filho
José Diniz de Araújo
José Ladeira da Costa
José Lucindio de Oliveira
José Luiz Sasseron
José Luiz Veloso Maia
José Mansur Nacif
José Maria Martins Soares Filho
José Roberto Targueta
José Tarcísio Lima Thiébaud
Josué Serôa da Motta Sobrinho
Juan Cárdenas Benavente
Juana Ninfa Mendoza Andrade
Juarez de Souza e Silva
Kazuhiro Nagumo
Laura Lúcia Braga
Leopoldino José Tavares Pereira
Lucas Elmo Pinheiro
Lúcia Maria do Valle Cintra
Lúcio Tolentino Amaral
Ludovico José Maso
Luiz Augusto de Lima Freitas
Luiz Carlos da Silva
Luiz Carlos de Macedo
Luiz Carlos Melo Garcêz
Manoel José Carneiro Melo
Manoel Xavier Vieira Filho
Marcelo Franco
Maria Anélica Paiva dos Santos
Maria Elisa Lages
Maria Inês Tôrres Simonini
Maria José Milagres
Maria Lídia Gomide
Marinet Merçon
Mário D'Amato Martins Costa
Mário Fuyo Terajima
Mário Sobral de Abreu
Marlôve Santos Quadros
Maurício Orisvaldo da Silveira
Maurício Roberto Fernandes
Morel Ferreira Filho
Mozart Benatti
Neuza Silva
Oliveiro Almeida Soares
Onildo Santiago
Osvaldo Henrique Paiva Ribeiro

Oswaldir Martins
Paulo César Fernandes Lima
Paulo Cícero Pereira de Freitas
Paulo Farnese Filho
Paulo Tácito Gontijo Guimarães
Paulo Veloso Rabêlo
Peter John Martyn
Raimundo Fernandes Figueiredo
Reinaldo de Barros Alcântara
Ricardo Mário Della Lucia
Rômulo Augusto Labbate Marques
Sandra Maria Corrêa Coelho
Sebastião Nogueira Júnior
Sebastião Roberto Bressan
Sérgio Lima Freitas
Sigueaki Ogassawara
Sílvio José Martins Batista
Tarcísio Neves Cerqueira
Tsuyoshi Kuwajima
Valdenice Simões de Lima Freitas
Valdir Ferreira de Miranda
Vanir Tschaen
Vicente de Paula Pereira
Wilson Cohen Persiano
Wagner José de Barros
Wellington Abranches de Oliveira Barros
Wilberto Somerlete Barbosa
Wilson Denículi
Yassuo Yamada
Zilmar Alves Garcia

Nota dos editores

A cor tema dessa publicação deriva de seu conteúdo: a história das bodas de ouro da formatura da turma de 1969 da Universidade Federal de Viçosa e da contribuição desses profissionais ao agronegócio de Minas Gerais e do Brasil durante os 50 anos que se passaram desde então.

Escolhemos a cor cobre para usar na parte interna da revista porque ela é “quente”, como é a amizade entre essas senhoras e senhores que, ainda hoje, mantêm entre si um network invejável e próximo. E que realizam eventos regulares para celebrar a conquista do diploma e para desfrutar o prazer da convivência entre verdadeiros amigos.

Usamos o dourado para o título, no qual se destaca o nome dessa elegante ave brasileira, uma palavra que “viralizou” no ano em que eles se conheceram como calouros. Pronunciada entre eles, a palavra “carcará” é uma hashtag que os torna, imediatamente, parte de um grupo de amigos vitoriosos, orgulhosos uns dos outros. O dourado também aparece em um discreto desenho do contorno da ave em pleno voo, ícone presente ao longo da publicação.

Tivemos o prazer de conviver por cerca de um ano com os carcareanos do Comitê Editorial. Discussões intensas, mas sinceras e amistosas. Uma aula de civilidade. Nos divertimos muito. E entregamos esse trabalho mais sábios do que quando o começamos.

Por isso, para nós, o Carcará vale ouro.



Expediente

Livro Carcará 50 anos

Coordenação

José Alberto de Ávila Pires (Xapecó)

Comitê editorial

Ana Maria Gama Chaves (Faísca)
Antônio Carlos Tarré Carvalho de Oliveira (Pilastrinha)
Antonio Carlos Ribeiro (Dudu)
Antônio Fernandino de Castro Bahia Filho (Bahia)
Antônio Luiz de Lima (Espeto)
Carlos Antônio Landi Pereira (Totonho)
Célio Gomes Floriani (Catarina)
José Alberto de Ávila Pires (Xapecó)
José Correa Antunes (Xilô)
James Gomes Pitt Simpson (Margaridinha)
Marcelo Franco (Marcelo)

Referências

BORGES, José Marcondes et al. A Universidade Federal de Viçosa no século XX, 2. Ed. Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2006.
SABIONI, Gustavo Soares et al. UFV 1926 - 2016: uma viagem pela história da instituição, Viçosa: Divisão Gráfica da UFV, 2016.
RIBEIRO, Alexandre Dórea. Agrocerees 70 anos: você vê, você confia, São Paulo: DBA Dórea Books and Arts, 2015.
PEREIRA, Carlos Antônio Landi; MACHADO, José da Cruz; ALCÂNTARA, Reinaldo de Barros, Álbum Carcará 1969, Viçosa: Imprensa Universitária, 1969.

Projeto editorial

PIQUINI Comunicação Estratégica. Coordenação: Marco Piquini. Pesquisa, edição de texto e imagens: Marcelo Moreira. Preparação de texto e revisão: Vânia Coimbra. Projeto gráfico e diagramação: Jocasta Portugal.

Fotos

Arquivo central e histórico Universidade Federal de Viçosa, arquivo pessoal dos carcareanos.

Gráfica

Artes Gráficas Formato Ltda.
R. Além Paraíba, 411 - Lagoinha - Belo Horizonte - MG

Tiragem

400 exemplares
Esta revista foi impressa em papel couché liso 150 gramas (miolo), capa dura.



Esse livro foi composto nas fontes Bariol (texto) e Butler (títulos) e impresso em papel couché liso 150g e cartão na gráfica Artes Gráficas Formato, em Belo Horizonte, em novembro de 2019.

